

CIBELLE SOARES TOLEDO

**Grupos Interativos em uma escola comunitária:
a participação de pais em práticas cotidianas
escolares**

São Paulo

2018

CIBELLE SOARES TOLEDO

**Grupos Interativos em uma escola comunitária:
a participação de pais em práticas cotidianas
escolares**

Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação da Faculdade de Educação da Universidade de São Paulo, na área de concentração Didática, Teorias de Ensino e Práticas Escolares, para obtenção do título de Mestre em Educação.

Orientadora: Profa. Dra. Elba Siqueira de Sá Barretto

São Paulo

2018

AUTORIZO A REPRODUÇÃO E DIVULGAÇÃO TOTAL OU PARCIAL DESTE TRABALHO, POR QUALQUER MEIO CONVENCIONAL OU ELETRÔNICO, PARA FINS DE ESTUDO E PESQUISA, DESDE QUE CITADA A FONTE.

Catálogo na Publicação
Serviço de Biblioteca e Documentação
Faculdade de Educação da Universidade de São Paulo

-
- 379.5
T649g Toledo, Cibelle Soares
Grupos interativos em uma escola comunitária: a participação de pais em práticas cotidianas escolares / Cibelle Soares Toledo; orientação Elba Siqueira de Sá Barreto. São Paulo: s.n., 2018.
138 p. ans.; graf.; tabs.; outros
- Dissertação (Mestrado – Programa de Pós-Graduação em Educação. Área de Concentração: Didática, Teorias de ensino e práticas escolares) - - Faculdade de Educação da Universidade de São Paulo.
1. Participação comunitária 2. Qualidade da educação 3. Equidade I. Barreto, Elba Siqueira de Sá, orient.
-

Elaborada por Natalina de Jesus Delfina da Luz – CRB-8/4018

FOLHA DE APROVAÇÃO

Autor: CIBELLE SOARES TOLEDO

Título: *Grupos Interativos em uma escola comunitária: a participação de pais em práticas cotidianas escolares.*

Natureza: Dissertação

Grau: Mestrado

Instituição: Faculdade de Educação da Universidade de São Paulo

Área de concentração: Didática, Teorias de Ensino e Práticas Escolares

Data de Aprovação:

Banca Examinadora

Profa. Dra. Elba Siqueira de Sá Barretto (orientadora)

Faculdade de Educação – USP

Julgamento: _____

Prof. Dr. _____

Instituição: _____ Assinatura: _____

Prof. Dr. _____

Instituição: _____ Assinatura: _____

Prof. Dr. _____

Instituição: _____ Assinatura: _____

Prof. Dr. _____

Instituição: _____ Assinatura: _____

Prof. Dr. _____

Instituição: _____ Assinatura: _____

AGRADECIMENTOS

À minha orientadora, Prof^a. Dra. Elba Siqueira de Sá Barretto, que ao longo de três anos se dedicou a me guiar nesse processo que, para além de uma dissertação, foi uma jornada de autoconhecimento e aprendizados para a vida.

À minha mãe Rose, ao meu padrasto Ismael, à minha irmã Teté e à minha avó Rosa que sempre acreditaram em mim, até mesmo quando cheguei a duvidar.

Ao meu noivo, Carlos Eduardo e toda sua família, pela paciência comigo nesse processo. Obrigada por entender minhas demandas, minha falta de tempo, e me encorajar a persistir.

Aos professores e funcionários da escola na qual desenvolvi a pesquisa, por trabalharem tão arduamente por uma educação de qualidade.

À minha tia Cleo que sempre me encorajou a ir além, mostrando seu orgulho por mim.

Ao meu pai, Heitor, que desde a minha infância, me ensinou a valorizar o conhecimento, nas suas diferentes formas.

Às minhas amigas, pelas discussões e dicas que enriqueceram minha trajetória e minha pesquisa, em especial Tainá Marella, Julia Toledo e Elis Maria Sanchez Coelho.

“É preciso uma aldeia inteira para educar uma criança”.

Provérbio Africano

RESUMO

CIBELLE SOARES TOLEDO. *Grupos Interativos em uma escola comunitária: a participação de pais em práticas cotidianas escolares*. São Paulo, Feusp, 2018. (Dissertação de mestrado).

A inclusão social, a mitigação das desigualdades e os altos rendimentos são aspectos desafiadores na educação de alunos menos favorecidos. Esse trabalho relata a adoção de uma proposta criada pela Universidade de Barcelona, as Comunidades de Aprendizagem, por uma escola destinada a alunos de uma comunidade popular de São Paulo que, em seus cursos regulares, recebe alunos com alto poder aquisitivo. Esse trabalho, busca evidenciar se uma das atividades sugeridas, os Grupos Interativos, conseguem incrementar a participação dos pais na escola, explicitar a eles as altas expectativas da escola em relação ao desempenho das crianças e adolescentes, bem como contribuir para que todos os atores escolares, e em particular os professores aprendam também mais sobre a comunidade que atendem. Além disso, procura evidenciar o clima educacional da escola, e como ele influencia no êxito do programa.

Palavras-chave: Participação comunitária; Qualidade da educação; Equidade.

ABSTRACT

CIBELLE SOARES TOLEDO. *Interactive groups in a community school: the participation of parents in school daily practices*. Sao Paulo, Feusp, 2018. (Master Dissertation)

Social inclusion, mitigation of inequalities and high performances are challenging aspects in the education of less privileged students. This paper reports the adoption of a proposal created by the University of Barcelona, the Learning Communities, by a school for students of a popular community in São Paulo, that receives students with high purchasing power in its regular courses. This work, seeks to highlight if one of the suggested activities, Interactive Groups, is able to increase the participation of parents in school, to explain to them the high expectations of the school in relation to the performance of children and adolescents, as well as to contribute so that all the school actors, and in particular teachers will also learn more about the community they serve. In addition, it seeks to evidence the educational climate of the school, and how it influences the success of the program.

Keywords: Community participation; Quality of education; Equity.

SUMÁRIO

1 Introdução	11
2 O problema a investigar	17
3 Objetivos e Metodologia da Pesquisa	28
4 Contexto da Pesquisa de Campo	34
5 Análise dos dados	39
5.1 Questionário respondido pelos alunos do 5º ano	40
5.1.1 Perfil socioeconômico e cultural	40
5.1.2 Clima escolar	42
5.1.3 Grupos Interativos	45
5.1.4 Estudo no âmbito doméstico	49
5.2 Sondagem sobre o índice de satisfação das professoras	50
5.3 Sondagem sobre o índice de satisfação da coordenadora pedagógica	51
5.4 Sondagem sobre os indicadores de gestão da diretora	52
5.5 Análise da entrevista com os pais dos alunos	53
5.5.1 Compreensão da rotina escolar do filho	54
5.5.2 Orgulho de estudar na escola	56
5.5.3 Medo de perder a bolsa de estudos na escola	57
5.5.4 Oportunidade de ter mais vínculo com o filho	59
5.5.5 Satisfação do filho por ter a mãe ou pai na escola	60
5.5.6 A oportunidade de aprender e ensinar sentida pelos pais	61
5.5.7 Realização pessoal	62
5.5.8 Vínculos com os professores e outros funcionários da escola	63
5.5.9 Disponibilidade dos pais para participar dos Grupos Interativos	65

5.5.10 Violência no cotidiano	67
5.6 Análise da entrevista com as professoras	69
5.6.1 Maior rendimento dos alunos com os Grupos Interativos	69
5.6.2 Aproveitamento melhor do tempo com os Grupos Interativos	72
6 Considerações finais	74
Referências	79
Anexos	82

Capítulo 1
INTRODUÇÃO

Trabalho em uma escola pertencente a uma fundação desde 2007. Criada há 140 anos, seu objetivo era ser mantenedora de uma escola que proporcionasse aos filhos de imigrantes de um país específico da Europa uma educação que valorizasse a cultura e a língua original das famílias, mas que cultivasse a história e geografia do país em que estavam, o Brasil.

Desde de sua origem, a escola mantinha altas expectativas de aprendizagem de seus alunos e procurava pela parceria, até hoje vigente, com o país europeu, uma metodologia avançada e práticas que estavam diretamente ligadas às melhorias na educação, o que se tem mantido como um propósito constante no decorrer dos anos.

A parceria entre o país de origem e a fundação mantém os vínculos culturais entre os dois países, além de subsidiar parte dos gastos e investimentos na escola por meio das dotações do governo do país europeu.

A instituição brasileira, que gradativamente ampliou-se, conta atualmente com sete unidades, duas delas no interior paulista e outras cinco na capital do estado. Elas atendem da Educação Infantil ao Ensino Médio.

Os alunos da escola pertencem a uma camada privilegiada da população que arca com altos custos de mensalidade, uniforme, materiais e cursos extras, o que caracteriza a oferta educativa como a de uma educação destinada às elites.

Em 1966, a instituição passou a ceder 36 vagas gratuitas às crianças no curso diurno e 35 vagas para adultos do curso de EJA, no turno da noite. O grupo era composto por pessoas de baixa renda, que foram atraídas à região em que se encontrava a escola pelas obras públicas e privadas que por ali se expandiram.

Até 2010, as vagas destinadas aos alunos de baixa renda eram oferecidas em classes exclusivas na unidade principal, no período vespertino e noturno. Contudo, por questões fiscais, em 2011 inaugurou-se uma nova unidade, destinada somente às vagas gratuitas, que tem como clientela alvo alunos de baixa renda oriundos de comunidades populares.

A organização privilegiada da escola, que conta com infraestrutura de primeira linha, investimentos em metodologia avançada e profissionais qualificados e bem remunerados também se estendeu a essa nova unidade, bem como a expectativa de bom rendimento escolar dos alunos que ali estudam.

A unidade que atende exclusivamente os alunos das comunidades possui infraestrutura semelhante à das outras unidades e conta com salas equipadas com

lousas digitais, câmeras que reproduzem livros e atividades em telões, sistema de som integrado, mobiliário de alto padrão, armários para acomodar os materiais coletivos. No começo de cada ano letivo os alunos recebem gratuitamente materiais didáticos novos, além de uniforme da instituição escolar.

Desde que a nova unidade foi instalada a equipe de funcionários – tanto professores como diretores, coordenadoras pedagógicas e orientadora educacional – mostrou-se empenhada em realizar uma educação que busca excelência e qualidade, priorizando as diretrizes da escola, mas tomando iniciativas com vistas a atingir o público específico que atende. Os professores que compõem o corpo docente dessa unidade são qualificados como os das demais unidades, podendo ter experiência também nas unidades que recebem alunos pagantes, e buscam formação continuada para a qual a instituição oferece facilidades. A remuneração de seus professores é equivalente à dos docentes das outras unidades e está bem acima dos rendimentos base determinados por lei para a categoria.¹

A Escola Comunitária (EC²), tal como passaremos a chamar essa unidade, se empenha em aproximar-se das famílias dos alunos, divulgando entre os familiares seus projetos pedagógicos. Ao final de cada ano, organiza-se uma festa para os pais, alunos e funcionários. O objetivo é divulgar entre pais e alunos as produções discentes realizadas durante o ano, com apresentações de música, dança, teatro, saraus e performances. Os funcionários têm oportunidade de trocar experiências e proporcionar aos pais mostras da trajetória dos alunos na escola por meio dessas representações artísticas.

Além disso, a Escola Comunitária mostra-se aberta a oferecer o espaço à campanhas de saúde da região, bem como promover eventos internos que utilizam o espaço escolar para outras finalidades que excedem a rotina da sala de aula, como visita de atletas para incentivo de práticas esportivas, festivais de Matemática, etc.

A EC também mostra interesse em ouvir os profissionais da escola, propondo reuniões mensais com os professores para adequar situações do cotidiano, trocar informações sobre eventos e refletir sobre práticas.

¹ Por determinação do Ministério da Educação o rendimento base da categoria em 2018 é de R\$2.455,35 em todo o país, para professores com carga horária de 40 horas semanais.

² Nome fictício para salvaguardar a identidade da instituição.

Todos esses aspectos – da infraestrutura e das relações entre os agentes escolares – concorrem para a criação de um clima escolar favorável à aprendizagem e ao desenvolvimento dos alunos e dos profissionais.

Para ter mais claro o conceito de clima escolar, examinamos a literatura que trata do assunto. Não há consenso entre os acadêmicos acerca da definição dessa expressão, porém esforços teóricos realizados ao longo das últimas décadas procuram chegar a algumas concepções mais amplamente aceitas no estudo do tema. Fato é que, alguns autores buscam delimitar o número de dimensões que o clima escolar comportaria. Halpin e Croft (1963), alguns dos precursores no estudo dessa temática, fazem uma analogia para definição de clima escolar, afirmando que a personalidade está para o indivíduo, assim como o clima está para a organização. Eles são os primeiros a construir um instrumento para avaliação do clima escolar nos Estados Unidos³. Os autores priorizam as percepções dos alunos acerca das relações entre o grupo e a gestão escolar como dimensões a serem estudadas.

Já Brookover et al. (1977, 1978) estabeleceram que fatores do clima escolar derivam não só da percepção de estudantes, mas também da percepção de professores e diretores acerca de cada um desses grupos. Os autores, mais do que reconhecer as dimensões do clima, passam a apontar esses aspectos como fatores relevantes para a eficácia escolar. Em contraposição a esses pressupostos, Brookover et al, buscaram considerar as dimensões do clima escolar que consideravam a questão sob a perspectiva de rendimento e sucesso escolar dos alunos, mas tendo em conta a percepção dos alunos, professores e diretores para tanto. Os estudos realizados pelos autores desconsideram questões como infraestrutura, percepção dos pais e outros funcionários da instituição escolar, bem como o papel social da escola. De modo geral, eles destacam predicados próprios às escolas que consideram eficientes para propiciar bons rendimentos escolares aos alunos. Ainda que limitem as dimensões sobre o clima escolar, tais estudos propiciam avanços para a compreensão da temática.

Anderson (1982) traz inovações ao estudo do tema, fazendo referência a outros autores e englobando o clima escolar em quatro dimensões: variável ecológica

³ Halpin e Croft criaram o instrumento de avaliação de clima escolar intitulado *Organizational Climate Description Questionnaire (OCDQ)*. O instrumento é organizado em oito categorias, sendo que as quatro primeiras são destinadas a avaliar o comportamento dos alunos como grupo, e as quatro últimas destinadas a analisar o comportamento do gestor da escola.

(características de infraestrutura como, características arquitetônicas, mobiliário, equipamentos, tamanho da escola, etc.); ambiente relativo a aspectos psicológicos e sociais (características pessoais dos membros da escola: questões físicas, psicológicas, socioeconômicas que tornam singular aquela comunidade escolar); meio social (normas, estilos de liderança, processos de comunicação, modos de administração e de tomada de decisão); dimensão cultural (valores, ideologias que caracterizam os membros da comunidade educativa e que revelam expectativas, comprometimento).

Inúmeros autores discutem o que é clima escolar e apontam dimensões que, segundo seu ponto de vista, estão intrinsecamente ligadas a ele.

Há um centro nos Estados Unidos que se ocupa especificamente dos estudos sobre o tema⁴, e que mantém íntima interação com o Conselho Nacional sobre o Clima Escolar⁵. Dessas instituições resulta uma conceituação de clima escolar que busca englobar as variáveis mais importantes que o compõem de acordo com os estudos a respeito:

“Um clima escolar positivo é baseado em padrões de experiências de vida escolar das pessoas e reflete normas, objetivos, valores, relações interpessoais, ensino e aprendizagem de práticas e estruturas organizacionais. Um clima de escola sustentável, positivo, promove o desenvolvimento da juventude e da aprendizagem necessária para uma vida produtiva, colaborativa e satisfatória de forma democrática na sociedade. Esse clima inclui normas, valores e expectativas que apoiam as pessoas para que se sintam social, emocional e fisicamente seguras. As pessoas são comprometidas e respeitadas. Estudantes, famílias e educadores trabalham juntos para desenvolver uma visão compartilhada da escola e vivenciá-la. Educadores ensinam e cultivam uma atitude que enfatiza os benefícios e a satisfação da aprendizagem. Cada pessoa contribui para as operações da escola, bem como com o cuidado do ambiente físico.” (The National School Climate Center, 2007 in Thapa et. al, 2013, tradução nossa)

⁴ O Centro Nacional do Clima Escolar (The National School Climate Center -NSCC) foi fundado em 1996 no Teachers College, da Universidade de Columbia, nos Estados Unidos. A missão original do NSCC era apoiar o desenvolvimento de líderes no campo da educação social e emocional. Em 2002, NSCC mudou seu foco para a formação de "líderes em desenvolvimento no campo da educação social e emocional" e para "buscar formas de medir e melhorar o clima escolar".

⁵ O Conselho Nacional do Clima Escola Nacional (The National School Climate Council) é um grupo independente, não partidário, composto por acadêmicos do tema e líderes especializados em políticas educacionais. O grupo desenvolveu uma série de recomendações para os gestores e professores.

Há autores como Fulton et al. (2005) citados por Thapa (2013) que foi diretor desse centro, que utilizam a expressão comunidade de aprendizagem para referir-se a projetos educativos que contemplam as dimensões levadas em conta no conceito de clima escolar.

Capítulo 2

O PROBLEMA A INVESTIGAR

Partindo dessa explicitação que caracteriza o clima escolar positivo, capaz de promover aprendizagens e experiências significativas para os alunos e professores, é que nos propomos a analisar os projetos realizados na escola.

Tendo optado por desenvolver uma política inclusiva, em 2014, a instituição ofereceu aos professores da Escola Comunitária, uma formação sobre Comunidades de Aprendizagem elaborada pelo Centro Especial de Investigação em Teorias e Práticas Superadoras de Desigualdades (CREA), da Universidade de Barcelona, que também adota a expressão, e tem desenvolvido estudos e práticas que visam ao desenvolvimento das chamadas Comunidades de Aprendizagem. As referidas Comunidades estão baseadas em uma série de atuações educativas de êxito que têm o propósito de transformar a sociedade do ponto de vista social e educacional, priorizando a superação do fracasso escolar e o aumento da coesão social. (Includ-Ed, 2011)

Os criadores do CREA (AUBERT et al., 2016), desenvolveram não só teorias, mas buscaram pesquisas acadêmicas que tivessem um estreito vínculo com a prática, para que, somente fossem replicadas ações que eles consideravam bem-sucedidas, ou seja, que já tinham sido testadas em diferentes comunidades e que apresentaram os melhores resultados.

São muitas as ações de êxito propostas e ensaiadas pelo CREA, entre as quais, Participação Educativa da Comunidade, Formação Pedagógica Dialógica, Formação de Familiares, Biblioteca Tutorada, Modelo Dialógico de Resolução de Conflitos, Tertúlias Dialógicas e Grupos Interativos. As duas últimas são indicadas pelos autores como precursoras das demais na implantação do projeto nas escolas interessadas. A Escola Comunitária, como orientada pelos formadores de Barcelona, já implementou em suas práticas educativas as atividades de Grupos Interativos no Ensino Fundamental I e Tertúlias Literárias com alunos do Ensino Fundamental II.

As Tertúlias Dialógicas podem ter diferentes enfoques disparadores, como uma Tertúlia Dialógica Musical ou Literária. Trata-se de uma atividade coletiva, na qual um clássico musical ou literário é compartilhado com os alunos previamente. No momento do encontro com o grupo, cada aluno cita um trecho e revela impressões sobre a obra e os sentimentos despertados. O professor é somente mediador das interações

ocorridas; além de desenvolver competências leitoras, o intuito principal da atividade é criar um ambiente de diálogo respeitoso entre os pares.

Já a prática de Grupos Interativos, é uma forma de organização de aula que tem como objetivo a melhora na aprendizagem e na convivência. Por meio desses grupos há a possibilidade de multiplicação e diversificação de interações, uma vez que outras pessoas adultas, além do professor responsável pela turma, são convidadas a participar das aulas. Como pais e familiares das crianças são voluntários na participação das aulas, essa organização tem o propósito explícito de alargar a convivência com eles.

Uma das características dos Grupos Interativos é que eles são integradores. A implantação desse projeto na Escola Comunitária busca minorar a segregação sociocultural que os moradores de periferia sofrem em virtude da sua inserção na sociedade em condições desfavoráveis do ponto de vista socioeconômico. Ela recrudescer o processo de exclusão social e cultural a que são expostos. (Martins, 2007)

Para organizar a sala em Grupos Interativos, o professor deve pensar em grupos de alunos com características heterogêneas tanto no que se refere à aprendizagem, quanto à diversidade de gênero e cultura étnica ⁶. Cada agrupamento terá um tutor, que poderá ser um dos pais voluntários, outros funcionários da escola, como um bibliotecário ou merendeiro, ou ainda, alunos voluntários de séries mais avançadas e das unidades de estudantes “pagantes”.

Quanto aos conteúdos propostos, o professor deve selecionar temas que façam parte da realidade dessa população e atividades em que os alunos já estejam trabalhando para que eles possam desenvolvê-las com certa autonomia.

“Aprender de maneira significativa (...) envolve poder desfrutar, ao mesmo tempo, das perspectivas conceitual (...) e atitudinal com as quais os saberes escolares se revestem (SALVADOR et al., 2000)

Os tutores não serão responsáveis pelo conhecimento dos conteúdos que são propostos nas atividades, mas por acompanhar as crianças em suas resoluções, sugerindo um comportamento adequado das crianças e propiciando a troca ordenada

⁶ No CREA há uma preocupação especial com a inclusão social dos ciganos, que acentuam a heterogeneidade cultural entre os alunos.

entre os colegas, por meio da integração e do diálogo. Durante os Grupos Interativos os tutores, sendo eles pais, funcionários ou alunos voluntários, serão mediadores das trocas entre os próprios alunos, auxiliando-os nos turnos de fala e na postura correta para que haja um diálogo que propicie o entendimento entre os estudantes, sendo esse um dos pressupostos da aprendizagem dialógica.

Para entender o termo aprendizagem dialógica, é necessário repensar as concepções de ensino e aprendizagem de acordo com a sociedade atual, assim como compreender as características contemporâneas das relações humanas. O modelo de escola tradicional, pautado no autoritarismo e protagonismo do professor e na obediência de regras, foi desenvolvido na e para a sociedade industrial. As relações humanas na sala de aula seriam tão somente, uma replicação das relações de poder existentes na época, segundo argumentam Aubert, et al (2016), que advogam a aprendizagem por meio do diálogo nas comunidades de aprendizagem nas sociedades contemporâneas.

A concepção tradicional de ensino, na qual há a transmissão de conhecimento pelo professor e a assimilação e repetição da informação por parte do aluno seria endossada pelo behaviorismo. Nesse processo a educação é individual, homogênea e uniforme, sendo que, aqueles que não conseguem atingir os objetivos colocados, estão sujeitos ao fracasso escolar.

Já na segunda metade do século XX, formula-se a concepção construtivista, que acaba tendo diferentes vertentes. Nessa perspectiva a realidade é subjetiva, uma vez que é construída pelos sujeitos e pelos grupos. Está baseada na psicologia cognitiva, que considera os conhecimentos prévios dos alunos e a construção individual e social de novos significados.

Durante a década de 1960, os estudos de Piaget tiveram grande influência sobre a educação, com contribuições pertinentes até os dias de hoje. Contudo, há críticas sobre a normatização do desenvolvimento cognitivo estabelecida pelo autor em seus estudos. Piaget não levava em conta, por exemplo, o entorno sociocultural e as aprendizagens características de cada povo ou comunidade. Outros autores ratificaram a importância de considerar os aspectos socioculturais na educação. Dentre eles, Vygotsky, que tem importantes reflexões sobre o desenvolvimento de habilidades por meio da interatividade. Para ele, não alcançar os estágios de desenvolvimento propostos por Piaget, não significa que há atraso no desenvolvimento, mas que os sujeitos tiveram menos interações escolares e situações de aprendizagem. Além disso,

o autor faz referência também às habilidades que não são aprendidas no ambiente escolar, mas na vida cotidiana e que são muito importantes.

Para explicar como ocorre a aprendizagem Ausubel (1962) cria o termo aprendizagem significativa. Nessa concepção a aprendizagem ocorre quando se relacionam novas informações a conhecimentos preexistentes. Ou seja, para se aprender deve-se considerar o ponto de partida, os esquemas de conhecimento de cada pessoa. Além disso, para aprender significativamente é necessária a disposição consciente e deliberada do aluno para aprender. Além do conhecimento prévio, Ausubel faz referência a outros dois pressupostos para aprendizagem significativa: materiais e conteúdos significativos e o professorado.

Apesar de nessa concepção serem valorizados conceitos importantes, como tornar o sujeito ativo na aprendizagem, ela apresenta outros aspectos delicados, como a responsabilização dos alunos por aprender, o que exime a responsabilidade das instituições quando há fracassos escolares dos estudantes.

Além disso, a diversidade é facilmente atrelada a diferentes repertórios dos alunos. Sendo assim, não supera as desigualdades, pois possuir diferentes níveis de conhecimento prévio se torna uma justificativa para que crianças mais privilegiadas socialmente tenham melhores resultados escolares, enquanto legitima o fracasso da parcela da população de baixa renda.

Contudo, quando a diversidade é aproveitada e torna-se um pressuposto para programas educacionais, os grupos que sempre tenderam ao fracasso escolar passam a apresentar aumento nos níveis acadêmicos, diminuindo assim a desigualdade de resultados entre as parcelas mais e menos privilegiada da população, conforme advoga o CREA.

Uma educação que reduz as diferenças, não deve considerar somente os níveis de conhecimentos prévios dos alunos, mas também a pluralidade étnica, cultural, linguística, de gênero, de constituição de família e origem social. Diante desse espectro de diversidades, deve-se considerar a igualdade. Dessa maneira, todas as diferenças se tornam igualmente valorizadas e apreciadas e não hierarquizadas como melhores ou piores. É nesse contexto que o termo igualdade de diferenças tem sido concebido e trabalhado em Barcelona.

Na concepção construtivista, a estrutura das interações professor(a)-aluno(a)-conteúdo(s) é tida como suficiente para entender a aprendizagem escolar. Contudo, atualmente, essa tríade se mostra insuficiente, uma vez que as interações que os

alunos têm com as diferentes pessoas e o acesso facilitado à informação faz com que os entornos socioculturais e socioeconômicos influenciem nos processos e resultados da aprendizagem. O fato de que as interações com todas as pessoas contribuem para a aprendizagem escolar, supõe que há mais pessoas que a influenciam além do professor.

A aprendizagem dialógica é inovadora em relação à concepção tradicional e reúne algumas contribuições de concepções anteriores, como a construtivista. Ela é, sobretudo, um reflexo da sociedade atual, pautada na tendência crescente de resolver os conflitos em diferentes âmbitos a partir do diálogo e do consenso entre grupos. Dessa forma, a sala de aula precisa ser estruturada de uma maneira que potencialize os trabalhos em grupos, os diálogos e as interações comunicativas, uma vez que, a aprendizagem depende cada vez mais das interações que os alunos têm com seu entorno, além de seu professor, e para além dos espaços físicos da escola.

Assim, práticas como os Grupos Interativos e as Tertúlias Dialógicas, estabelecem contextos para criação de sentido, já que o sentido, assim como o conhecimento e a interação, são criados. E isso só é possível porque essas atividades dão voz a diferentes pessoas de maneira igualitária, independentemente de seu nível acadêmico, de seu status social, nível econômico, origem cultural ou étnica.

“A educação é comunicação, é diálogo, na medida em que não é a transferência de saber, mas um encontro de sujeitos interlocutores que buscam a significação dos significados.” (Freire, 1979, p. 69).

Contudo, os autores de Barcelona (AUBERT et al., 2016) que abraçam a teoria dialógica de aprendizagem, acreditam que essa teoria tem data de validade. Atualmente, ela reflete a sociedade em que vivemos e representa as interações e relações na aprendizagem, porém quando houver mudanças na sociedade, novas teorias irão surgir e formularão análises mais úteis sobre o ensinar e o aprender. Por isso, não têm a pretensão de colocar a aprendizagem dialógica como a explicação da aprendizagem, mas contribuir para o desenvolvimento de novas teorias de ensino que possam abranger cada vez mais escolas e trazer maior aprendizado para todos os alunos e alunas.

Na teoria dialógica, a interação é o que propicia aprendizagens. Mead (1973 apud Honneth, 2003), um filósofo com a atuação no campo das ciências sociais, porém

pouco comentado na área de educação, defende o interacionismo simbólico, ou seja, que a mente se desenvolve a partir da atividade interpessoal. Nesse sentido, para explicar a importância da interação, ele utiliza o termo confiança interativa, para designar a importância que tem a confiança desenvolvida por seus interlocutores – sejam eles os pais, professores ou outros adultos da comunidade. A confiança produz benefícios no momento da aprendizagem porque, quando há interação com pessoas que trazem confiança para o aluno, ele pode se sentir motivado a superar desafios e se desenvolver. Freire (1997) e Habermas (1990) coincidem na opinião de que propostas de ação dialógica aumentam a democracia nas relações.

Na aprendizagem dialógica, há necessidade de um discurso igualitário, no qual as relações de poder possam ser diminuídas ou extinguidas, tornando as pessoas iguais, sem que questões sociais, econômicas, de origem étnica tenham sentido de hierarquia ou autoridade de uma pessoa sobre a outra. Para tanto, segundo Habermas, os atos de fala e as ações ligadas à interação tornam-se cruciais no diálogo, pois o que dizemos, como dizemos e em quais condições dizemos influencia a experiência dos alunos, as suas aprendizagens, o seu autoconceito e a relação com as famílias.

Assim, há discursos e interações adaptativas ou transformadoras. Adaptativas são aquelas que, em uma escola, por exemplo, levam o aluno de baixa renda, mesmo tendo outras aspirações, dedicar-se à mesma profissão de seus pais, familiares e amigos. Ele não se sente impulsionado a encarar o desafio de ingressar em uma faculdade ou realizar algo de novo. Já as interações transformadoras, são capazes de mudar os pontos de vista e o autoconceito.

Os Grupos Interativos, nesse aspecto, são experiências que propiciam esse tipo de interação transformadora. Quando um pai ou mãe participa de uma atividade, não importa o quão escolarizado ele é, ou o quanto sua profissão tem de prestígio social, mas sim o quanto ele é valorizado por sua participação. Essa atividade transforma não só a autoestima do pai ou mãe que participa, mas eleva aos olhos do aluno e do grupo, toda e qualquer pessoa, com seus conhecimentos, sua origem, sua cultura.

Os autores de Barcelona chamam atenção para o fato de que nem toda interação comunicativa produz níveis máximos de aprendizagem, nem todos os diálogos superam desigualdades sociais, entretanto ela amplia as possibilidades de atribuição de sentido, contribui para contextualizar os saberes, produz conhecimento e habilidades novos de natureza diversa, como conhecimentos práticos e habilidades de

comunicação e desenvolve valores solidários. Por isso, em seus estudos, apresentam sete princípios capazes de propiciar uma aprendizagem dialógica.

O primeiro dos princípios é o de diálogo igualitário. O diálogo na escola precisa ser usado para chegar a consensos, sem que relações de poder imponham decisões. Nessa relação, a comunicação verbal e não verbal coexistem em um ambiente harmonioso em que todos os envolvidos – alunos, professores, pais, outros funcionários, pessoas da comunidade – aprendem. Além disso, todos os envolvidos são iguais, no sentido de poder, em suas opiniões e pontos de vista.

A inteligência cultural é o termo usado para valorizar outros tipos de conhecimentos que não os estritamente escolares. A necessidade de que outras pessoas que não têm os mesmo conhecimentos que os professores estejam dentro da escola contribuindo com as atividades escolares, permite que elas possam ser valorizadas igualmente por suas habilidades, sua cultura, sua origem étnica, entre outros atributos. A inteligência não está ligada somente à formação acadêmica, mas engloba diferentes habilidades e vivências, que devem ser valorizadas tanto quanto as habilidades acadêmicas.

Outro princípio citado é o de transformação. Esse princípio pode soar um tanto quanto utópico, porém os acadêmicos de Barcelona entendem que o projeto educacional deve estar pautado na esperança de uma educação que pode transformar a sociedade. Nesse sentido, eles esperam que as comunidades de aprendizagem propiciem mudanças individuais e que essas pessoas possam mobilizar-se individual e coletivamente para a mudança na sociedade. Acreditam que empoderando as pessoas que estão excluídas socialmente, elas possam em conjunto, atuar em favor de uma sociedade mais igualitária.

Para tanto é preciso levar em conta a dimensão instrumental da aprendizagem. Em uma prática de Grupos Interativos os alunos estão em grupos heterogêneos e devem comunicar-se, entender o funcionamento da atividade, interagir com os colegas, interagir com outros adultos, mediar discussões, chegar ao resultado esperado. Todas essas habilidades fazem parte da dimensão instrumental. Todos esses preceitos devem e são incorporados nas Comunidades de Aprendizagem para promover diferentes aprendizagens dos alunos.

Para isso, não é necessário assegurar apenas igualdade de oportunidades, mas propiciar igualdade de resultados. Ou seja, não somente dar oportunidade para as crianças que fazem parte de grupos socialmente excluídos estudem, mas providenciar planos de ensino em que essas crianças aprendam tanto quanto aquelas que já fazem

parte da parcela da população privilegiada. As propostas que levaram a separar as crianças com dificuldades submetendo-as a currículos adaptados ao seu nível de aprendizagem, ou que davam ênfase apenas aos processos de ensino e não aos resultados, em vez de promover essas crianças aumentaram a defasagem entre a população desprivilegiada e os demais.

É preciso também ter um projeto educacional em que as pessoas tenham oportunidade de criação de sentido. Isso, não acontece com tanta frequência, principalmente nas escolas frequentadas pelos alunos oriundos de famílias de baixa renda, pois os valores e códigos culturais implícitos e explícitos na instituição, não transmitem a realidade daqueles alunos. Para a criação de sentido, a realidade do aluno deve ser valorizada e suas diferenças culturais e linguísticas incorporadas de forma igualitária.

Mesmo um projeto que tem a intenção de ser igualitário, deve apoiar-se na solidariedade para alcançar resultados. Por isso, mesmo aqueles privilegiados socialmente, que não sofrem exclusões, devem importar-se e lutar pela inclusão dessas pessoas. É nesse ponto que a solidariedade trabalha pela igualdade e por isso é considerada, um princípio para a educação dialógica.

A igualdade não deve ter a pretensão que todos sejam iguais, mas valorizar as diferenças. Por isso, o último princípio citado pelos autores é o de igualdade de diferenças. Isso não quer dizer somente reconhecer a diferença do outro, mas identificar padrões de grupos majoritários que tendem a marginalizar minorias e segregar a população. Quando identificamos essas normas sociais, podemos rompê-las por meio da valorização de outras culturas, etnias, origens, gênero, orientação sexual entre outros.

A esses princípios, aliados à ações de êxito sugeridas pelo programa, dá-se o nome de Comunidades de Aprendizagem que, em termos gerais, podem ser definidas como:

“...um projeto de transformação social e cultural de uma escola e seu entorno, para alcançar a sociedade da informação para todas as pessoas, com base na aprendizagem dialógica por meio da educação comunitária participativa que incide em todas as áreas, incluindo a sala de aula ”(Elboj et al, 2002, tradução nossa)

Hargreaves (2004) faz menção às comunidades de aprendizagem, referindo-se, contudo, à capacidade que o professor tem de criar espaços de convivência e

inovação, que segundo o autor, propiciam conhecimento e inovação nos ambientes educacionais. O termo, na sua visão, assemelha-se às ações que propiciam um clima escolar positivo. Implica uma reflexão daqueles que se dispõem à tarefa educativa, no sentido de que criem estratégias conjuntas que visem a beneficiar a escola e todos os agentes da comunidade escolar.

Racionero e Serradell (2005) sustentam que os objetivos das Comunidades de Aprendizagem da Universidade de Barcelona vão além da dimensão acadêmica, pois pressupõem uma superação social e pessoal e dão ênfase ao desenvolvimento global do aluno.

Para a aprendizagem dialógica, além das ações de êxito, os elaboradores do projeto no CREA fazem referência a diferentes tipos de participação das famílias e da comunidade externa na escola, admitindo que essa participação não costuma ser satisfatória, mas que pode ter diferentes graus de envolvimento. A participação informativa é feita por meio de reuniões durante o ano letivo, nas quais a escola comunica aos responsáveis as atividades que desenvolve e oferece informações burocráticas para o seu funcionamento, mas não propicia aos pais poder real de decisão. Descrevem também a participação consultiva, na qual pais e mães têm um papel limitado, sem poder de grandes decisões, mas estão presentes nas consultas da escola, que raramente versam sobre o processo de aprendizagem das crianças. Já a participação decisiva pauta-se em uma atuação mais efetiva do que as anteriores, na qual membros tomam parte nos processos de tomada de decisão ao se tornarem representantes das famílias. Nesse processo tomam decisões importantes juntamente com agentes escolares. Nas participações avaliativas, pais e comunidade ajudam a avaliar o processo de aprendizagem das crianças e participam da análise dos programas e currículos propostos pela escola.

“A participação da família e da comunidade na tomada de decisões e nos processos de avaliação garantem que altas expectativas e educação de qualidade sejam sempre prioridades essenciais da escola.” (Includ-Ed, p. 86, 2011, tradução nossa)

A parceria e a troca entre pais e escola é essencial para que haja êxito.

“A escola é [...] gerida conjuntamente pelos participantes e educadores, que trabalham unidos dentro de uma estrutura organizacional que permite que todos

possam expressar a suas necessidades, interesses e ideias. "(Sánchez Aroca, 1999, tradução nossa)

Por fim, assinalam a participação educativa é aquela na qual família e outros membros da comunidade tomam parte das atividades de aprendizagem dos alunos, tanto em sala de aula como fora da escola. Ela é aparentemente menos pretensiosa do que outras, mas, segundo os autores espanhóis, é a proposta de participação de pais com a maior probabilidade de êxito escolar, uma vez que os progenitores têm a oportunidade de converter-se em modelos positivos dentro dos grupos sociais existentes na escola. Tal participação é a proposta dos Grupos Interativos.

"Em geral, a participação da família e da comunidade nas atividades escolares deve ser incentivada, uma vez que melhora a inclusão social e educativa e contribui para que a escola tenha mais sentido para o aluno "(Includ-Ed, p. 87, 2011, tradução nossa)

Considerando que a Escola da Comunidade em São Paulo decidiu adotar a abordagem das Comunidades de Aprendizagem de Barcelona, tendo iniciado o trabalho pela introdução dos Grupos Interativos nos anos iniciais do ensino fundamental e pelas Tertúlias Literárias nos anos finais dessa etapa da escolaridade como estratégias de intervenção na escola, esta pesquisa busca responder as seguintes questões:

1. A prática específica dos Grupos Interativos consegue incrementar a participação dos pais na escola?
2. Essa prática logra explicitar aos pais as altas expectativas da escola para com a aprendizagem e o desenvolvimento dos alunos?
3. Que contribuição dos Grupos Interativos pode ser observada para a motivação dos alunos e melhoria da sua aprendizagem?
4. Essa prática contribui para que os professores da escola aprendam mais sobre a comunidade que atendem?
5. Ela contribui para modificar práticas docentes que melhoram sua interação com os alunos e suas famílias?

Capítulo 3

OBJETIVOS E METODOLOGIA DA PESQUISA

Objetivo da pesquisa

Em vista do exposto, este projeto de pesquisa propõe-se a examinar o funcionamento de Grupos Interativos na Escola Comunitária de São Paulo, documentar e analisar a percepção que os sujeitos envolvidos têm acerca do projeto e refletir sobre ela, além de procurar identificar possíveis relações entre a prática de Grupos Interativos, a aprendizagem dialógica, o clima escolar e a melhoria das aprendizagens dos alunos.

Constituem objetivos específicos desta pesquisa:

1. Descrever as metodologias empregadas para a realização dos Grupos Interativos da Escola Comunitária, envolvendo equipe gestora, professores, funcionários, pais e alunos.
2. Relatar as práticas de implementação dos Grupos Interativos evidenciando:
 - 2.1. a participação dos pais dos alunos
 - 2.2. a percepção dos diferentes atores da escola sobre o trabalho colaborativo
 - 2.3. indícios de motivação dos alunos e de práticas que ajudam a melhorar as aprendizagens desenvolvidas pelas crianças em diferentes dimensões.

Este projeto foi norteado por uma abordagem qualitativa. O conhecimento socialmente construído por meio das práticas utilizadas deve ser levado em conta, evidenciando o mundo dos sujeitos e suas interações.

“Assim, o mundo do sujeito, os significados que atribui às suas experiências cotidianas, sua linguagem, suas produções culturais e suas formas de interações sociais constituem os núcleos centrais de preocupação dos pesquisadores.”
(ANDRÉ, 2013)

1. Os sujeitos da pesquisa

Atualmente, os Grupos Interativos são desenvolvidos em diversas turmas de diferentes séries da Escola Comunitária de São Paulo.

No ano de 2015, após a formação sobre as Comunidades de Aprendizagem da Universidade de Barcelona, a escola foi inserindo gradativamente algumas das práticas indicadas no cotidiano escolar com o intuito de construir essas comunidades na instituição. Seis professoras realizaram com suas turmas uma das ações propostas, os Grupos Interativos. No ano seguinte essa prática foi estendida a todas as professoras

do Ensino Fundamental I.

Os alunos do 5º ano do Ensino Fundamental I já vivenciaram a prática de Grupos Interativos (GI) em 2015 e ainda o fizeram no ano de 2016. Para eles essa metodologia já está mais consolidada. A escola possui quatro turmas de 5º ano do Ensino Fundamental.

A análise dos GI em duas turmas proporciona o estudo em uma amostra com 64 alunos, sendo que, a unidade amostral representará 50% dos estudantes das turmas de 5º ano.

A escolha dos alunos de 5º ano do Ensino Fundamental é intencional, uma vez que eles respondem por escrito a um questionário de avaliação sobre as práticas. Nesse caso, é importante trabalhar com crianças mais velhas, considerando sua capacidade de compreensão das questões e de argumentação por escrito sobre o que acham delas.

O critério para escolha das duas classes foi o fato de elas terem professoras com maior experiência nessa série e na atividade de Grupos Interativos. Ademais, uma das docentes das demais turmas tirou licença maternidade e a outra leciona pela 1ª vez para alunos do 5º ano.

Também são sujeitos da pesquisa os pais dos alunos que participaram dos GI, oito professoras da escola, a coordenadora pedagógica, além da diretora.

2. Procedimentos e Instrumentos e adotados

Para a coleta de dados construímos um questionário destinado aos alunos do 5º ano da Escola Comunitária, fizemos sondagens preliminares com a coordenadora pedagógica, com a diretora e com as professoras polivalentes sobre o nível de satisfação delas com a escola. Realizamos também entrevistas semiestruturadas com pais e professoras.

Para a construção do questionário destinado aos alunos nos inspiramos no instrumento aplicado por Treviño e colaboradores (2010) em estudo realizado pela UNESCO OREALC⁷, por tratar-se de um instrumento que se propunha a aquilatar a influência de diferentes fatores na aprendizagem dos alunos dos sistemas escolares

⁷ TREVIÑO, Ernesto et al. Factores asociados al logro cognitivo de los estudiantes de América Latina y el Caribe. Oficina Regional de Educación de la UNESCO para América Latina y el Caribe (OREALC/UNESCO Santiago) y del Laboratorio Latinoamericano de Evaluación de la Calidad de la Educación – LLECE. Santiago de Chile, 2010.

de diversos países da América Latina e Caribe. Assim como em outros estudos, os autores verificaram que as desigualdades nas aprendizagens dos alunos estão fortemente associadas ao seu pertencimento socioeconômico. Não obstante, o estudo da UNESCO revela que as dimensões do clima escolar positivo, que engloba a gestão do diretor e o nível de satisfação dos professores e alunos, foi o fator de maior impacto nos índices de aprendizagem dos estudantes. Como esse estudo tem grande abrangência e relevância acadêmica e apresenta características que coincidem com os interesses da atual pesquisa, nos baseamos em seus instrumentos para criar os nossos.

O instrumento utilizado por Treviño e colaboradores tem diferentes dimensões, como infraestrutura da escola, nível de conhecimento dos alunos nas diferentes disciplinas, além de indicadores de clima escolar e do nível socioeconômico e cultural dos alunos. Julgamos importante adequar o questionário para atender nossas exigências de público e objetivos de pesquisa.

O questionário destinado aos alunos da EC é predominantemente fechado, com somente uma questão aberta. Ele foi respondido individualmente em sala de aula. É composto pelas questões que fornecem indicações sobre o nível socioeconômico dos alunos e pelas questões que abrangem o clima escolar. Além disso, questões sobre a prática dos Grupos Interativos foram acrescentadas, entre elas, uma pergunta aberta a resposta dos alunos.

A pesquisa utiliza ainda sondagens preliminares destinadas aos diferentes profissionais da escola - professoras, coordenadora pedagógica e diretora, baseadas também no estudo da OREALC. As sondagens foram realizadas por meio de questionário fechado e respondidas pelas professoras do Ensino Fundamental I que estão trabalhando na EC há pelo menos um ano, pela coordenadora pedagógica e pela diretora. Na sondagem realizada com as professoras são utilizadas as questões destinadas a identificar o nível de satisfação dos docentes e o indicador de gestão educacional do diretor. Já na sondagem realizada com a coordenadora pedagógica são consideradas questões que revelam o índice de satisfação da coordenadora pedagógica e seu relacionamento com os professores e equipe gestora no desempenho de sua função. A sondagem preliminar realizada com a diretora revela a sua percepção acerca de aspectos da gestão.

Entrevistas que se inspiraram na abordagem reflexiva foram realizadas com as professoras com experiência nos GI e com pais dos alunos, oferecendo mais

elementos para a compreensão das dimensões estudadas. Essa abordagem foi elaborada e aplicada em estudos na área da Educação e afins pelas pesquisadoras Heloisa Szymanski, Laurinda Ramalho de Almeida e Regina Célia de Almeida Rego Prandini (2002).

A entrevista apoia-se no discurso do entrevistado e pode ser considerada como semi-estruturada, uma vez que não há um roteiro fechado para ela. Deve-se, porém, ter clareza do seu objetivo e das informações que se quer trazer à tona. As entrevistas foram realizadas coletivamente em um encontro com quatro agentes escolares e em outro encontro, também em grupo, com os pais de alunos que participaram dos GI em 2016. No total foram 11 pais e mães entrevistados.

Para participação na pesquisa, a equipe gestora, coordenadora pedagógica e professoras assinaram Termo de Consentimento de Livre e Esclarecido, em anexo. Os pais dos alunos que também participaram do estudo deram seu consentimento por meio desse termo.

Além das sondagens, questionários e entrevistas serão considerados os documentos pertinentes a esse estudo de caso. Conforme Marli André, o estudo de caso "... requer que o pesquisador procure utilizar uma variedade de fontes de dados, de métodos de coleta, de instrumentos e procedimentos, para contemplar as múltiplas dimensões do fenômeno investigado e evitar interpretações unilaterais ou superficiais." (ANDRÉ, 2013)

Entre os documentos estão aqueles existentes na EC sobre o Inlued-Ed, Programa de Barcelona, que dão embasamento às práticas das Comunidades de Aprendizagem bem como, os dados estatísticos fornecidos pela secretária da EC, como matrículas, aprovação, evasão. Os dados históricos da Instituição, exibidos no site da escola, foram importantes para a caracterização e entendimento mais abrangente das diferentes dimensões institucionais do presente estudo.

3. Análise dos dados

As respostas das questões fechadas obtidas no questionário destinado aos alunos foram tabuladas e organizadas em gráficos, tabelas e quadros percentuais e comparadas. A frequência em que as respostas são dadas para cada questão revela a opinião dos entrevistados acerca do quesito. Após o exame das respostas do questionário, elas foram agrupadas em quatro dimensões: condições socioculturais dos alunos e suas famílias; percepção do aluno sobre a EC; percepção do aluno sobre

os GI; estudo do aluno em sua casa, estimulado por seus pais e familiares.

A questão aberta no questionário destinado aos alunos está ligada à percepção do aluno acerca dos GI, poderia ser respondida afirmativamente ou negativamente e deveria ser seguida de justificativa. As respostas foram classificadas primeiramente pelos quesitos e depois agrupadas em temas de incidência quanto à justificativa.

A questão aberta permitiu aprofundar os significados das demais respostas ao questionário dos alunos, bem como contribuiu para elucidar aspectos captados pelas sondagens realizadas junto aos profissionais da escola.

As sondagens junto aos profissionais da escola foram tabuladas e analisadas.

Já os dados gerados pelas entrevistas com os diferentes atores da escola foram submetidos à análise de conteúdo sob a luz da perspectiva de Szymanski e colaboradoras. Seus pressupostos foram utilizados para inquirir as informações recebidas, considerando o clima emocional ou interrupções como fatores a serem analisados. As etapas - transcrição da entrevista, texto de referência (exclusão de vícios de linguagem do material escrito) e categorização dos conteúdos - foram cruciais para uma explicitação de significados provenientes das falas. A proposta das autoras baseia-se na análise de conteúdo de Bardin (2009), que busca o desvelamento de informações, ocultas e explícitas, que poderão ser categorizadas quanto ao seu significado no discurso, agrupadas e interpretadas de modo a trazer contribuições para o tema.

Apoiando-nos em Franco (2008), construímos categorias para a análise de conteúdo das entrevistas separando as questões mais recorrentes nos discursos dos entrevistados, além daquelas informações singulares que sugerem interpretações particulares com valor heurístico.

Procurou-se ainda relacionar as informações obtidas pelas abordagens empíricas com os dados da matrícula, movimento escolar e outras informações sobre as atividades institucionais.

Os dados foram interpretados com base nos estudos sobre as Comunidade de Aprendizagem, evidenciando a aprendizagem dos alunos e trazendo a reflexão sobre suposições de clima escolar.

Capítulo 4

CONTEXTO DA PESQUISA DE CAMPO

“A Escola Comunitária” – Caracterização

O bairro onde está situada a Escola Comunitária é marcado por extrema desigualdade social. Foi originalmente destinado à construção de imóveis de alto padrão. Contudo, em busca de empregos na região, muitas famílias de baixa renda se instalaram em terrenos desocupados, construindo suas moradias. A construção desordenada dessas moradias deu origem às comunidades populares. Atualmente, há pelos menos três comunidades expressivas no bairro, com alta densidade populacional. Boa parte dos seus moradores ainda não tem rede de esgoto e o acesso à eletricidade é feito predominantemente por arranjos clandestinos.

Muitas fundações e instituições privadas desenvolvem projetos sociais nessas comunidades, que carecem de creches, atividades de educação não formal para crianças e jovens e cursos profissionalizantes.

A Escola Comunitária, quando inaugurada em 1966, estava situada em um espaço com capacidade para atender alunos da Educação Infantil ao 5º ano do Ensino Fundamental. As matrículas nessa unidade totalizaram 527 alunos no 1º ano.

Atualmente, conta com 626 alunos, da Educação Infantil ao 9ª ano do Ensino Fundamental. Quando os alunos ingressam no Ensino Médio, continuam a ter direito a vaga, porém precisam se transferir da Escola Comunitária, uma vez que o Ensino Médio é oferecido no período noturno, na primeira unidade criada pela instituição. Nessa unidade também são oferecidos cursos para Educação de Jovens e Adultos (EJA), igualmente no período noturno.

A Escola Comunitária em 2014 comprou a edificação em que está alocada. Conta com onze salas de aula, enfermaria, salas específicas para aulas de Música, Artes e Educação Física, banheiros em todos os andares, sala de professores, sala de orientação pedagógica, sala da direção e secretaria, laboratório para práticas digitais, cozinha, copa, biblioteca, quadra, pátio, parque, além de espaços de convivência. Passa continuamente por serviços de manutenção e cuidados, tendo profissionais contratados para eventuais reparos diários, como eletricitas, pintores e jardineiros.

Em média, 35 novos alunos ingressam todo ano na Escola Comunitária, principalmente na turma de Educação Infantil (que recebe crianças com 4 e 5 anos de idade). Esses alunos, ao ingressarem, devem ter um perfil socioeconômico específico. Precisam comprovar seu nível de renda, a fim de garantir as vagas às famílias com renda familiar per capita de até um salário mínimo e meio. Em sua maioria, os alunos

são moradores das comunidades populares. A escola dá prioridade ao ingresso dos alunos que já têm irmãos na instituição, pois nesses casos há certeza de que fazem parte do perfil socioeconômico exigido para o ingresso. Entre os demais, realiza um sorteio com os candidatos que atendem a algumas características (data de nascimento que esteja dentro do período específico solicitado para a série, perfil socioeconômico, oralidade desenvolvida).

Na região em que se encontra, a EC tem boa reputação e diariamente pessoas procuram a escola para saber como poderiam matricular seus filhos; contudo as vagas são limitadas às 35 da Educação Infantil e a eventuais vagas que surgem nos outros anos.

Os alunos que ingressam na classe de Educação Infantil tendem a permanecer na escola até o Ensino Médio. Entretanto, em raras situações, como mudança de residência para outro estado ou cidade, os alunos pedem transferência de escola. Nesses casos, a escola seleciona outros alunos para ocupar as vagas disponibilizadas.

Cada turma é formada por em média 35 alunos e uma professora tutora é responsável. Além dela, há uma estagiária de Pedagogia em cada classe.

A escola também contrata uma estagiária de Artes Plásticas para auxiliar a professora de Artes nas aulas. A EC cuida para que a turma esteja sempre assistida por dois adultos, sendo um professor tutor, contratado pela escola, e outro, estagiário. Nessas condições, o professor pode assistir aos alunos com mais dificuldades e promover atividades dividindo a sala em grupos menores com vistas a melhor atendê-los.

Um exemplo para entender essa dinâmica, é a divisão da turma em dois grupos. A professora pensa na composição dos grupos previamente, optando por escolhas quanto às intervenções que gostaria de fazer com cada grupo. Assim, fica com um grupo reduzido em com características comuns para o desenvolvimento de um tema específico. A outra metade do grupo, faz uma outra atividade com a monitora, como uma leitura compartilhada ou uma visita à biblioteca. Depois, a professora e estagiária trocam seus grupos. Desse modo, todos realizam as duas propostas, porém atingindo suas necessidades específicas.

O olhar diferenciado é um trabalho feito em parceria com a coordenadora pedagógica. Para isso, tanto as sondagens aplicadas aos alunos, quanto as provas realizadas (que são as mesmas para todas as turmas da série da EC), são tabuladas em planilhas para que os acertos, erros e estratégias utilizadas pelas crianças na

resolução das tarefas fiquem evidentes. A intenção de tabular os progressos do aluno é a de refletir sobre em quais aspectos a prática do professor pode se aperfeiçoar, e determinar quais são os planos de ação para seu grupo específico. Em certa ocasião, a coordenadora trouxe à reflexão sobre por que 80% das crianças de determinada turma não tinha acertado uma questão na prova realizada. A professora e coordenadora refletiram juntas, admitindo que esse assunto não foi bem abordado e puderam reinseri-lo no planejamento do próximo mês, garantindo assim que todos os conteúdos fossem propriamente trabalhados.

Atualmente, há uma coordenadora da Educação Infantil até o 5º ano. É função da coordenadora: organizar as reuniões de planejamento mensal, revisar os planejamentos por série e por área de conhecimento de cada professora. A CP também é responsável por participar de reuniões com a diretoria pedagógica do Colégio para alinhar planos anuais, perspectivas e práticas de ensino visando repassá-los para o grupo que coordena.

Além da coordenadora pedagógica, a EC conta com uma orientadora educacional, que trabalha em parceria com as professoras no atendimento aos pais. Essa profissional faz atendimento aos alunos atentando aos aspectos sociais, atitudinais e emocionais. Durante o intervalo das aulas ela costuma circular entre os espaços em que ficam os alunos, mediando conflitos, conversando com eles e identificando possíveis situações de intervenção orientacional. Quando as professoras apresentam qualquer preocupação sobre os aspectos atitudinais ou de aprendizagem dos alunos, ela atua como uma mediadora das intervenções possíveis, como atendimento aos pais, sugestão de encaminhamento a algum especialista (fonoaudiólogo, psicólogo) e conversas dirigidas aos próprios estudantes.

Na escola também há auxiliares de disciplina, que respondem à orientadora educacional. Eles são responsáveis pelas intervenções junto aos alunos nos intervalos das aulas, além de trabalhar na parte organizacional da escola: imprimir bilhetes para serem colocados na agenda, organizar murais externos à classe, manter a organização do espaço de circulação dos alunos, entre outros.

A bibliotecária é uma das funcionárias da EC que tem bastante contato com os alunos de diferentes turmas. As professoras tutoras, ao menos uma vez por mês, agendam uma visita dos alunos à biblioteca. Nessas ocasiões, eles podem emprestar livros com algum tema pré-estabelecido, como livros de determinados gêneros, ou escolher livros variados, indicados para a sua faixa etária. Além disso, a bibliotecária

prepara leituras compartilhadas, que ocorrem em visitas dos alunos agendadas pelas professoras ou nos intervalos.

Os funcionários mostram-se comprometidos com a instituição, e motivados quanto ao desenvolvimento dos alunos.

Um exemplo do envolvimento dos funcionários pode ser dado pela criação de uma oficina musical para os alunos. Uma das professoras, também musicista, propôs organizar uma camerata, para a qual ensinaria aos alunos tocar instrumentos de cordas, tais como viola, violino e violoncelo. A diretora da unidade, que também tem formação musical, endossou o projeto e conseguiu parcerias com a mantenedora no país europeu, o qual doou instrumentos para que os alunos pudessem participar da camerata. Exclusivo dessa unidade do Colégio, o projeto pressupõe que os alunos que se mostram interessados em ingressar no programa tenham bom desempenho nas atividades de sala de aula.

Mesmo pertencendo a comunidades de baixa renda e vivendo em contextos com maiores privações, as famílias veem na escola a oportunidade de mudança no futuro dos filhos. Contudo, sua participação na vida escolar dos alunos, não raro, se dá de forma superficial.

Capítulo 5
ANÁLISE DE DADOS

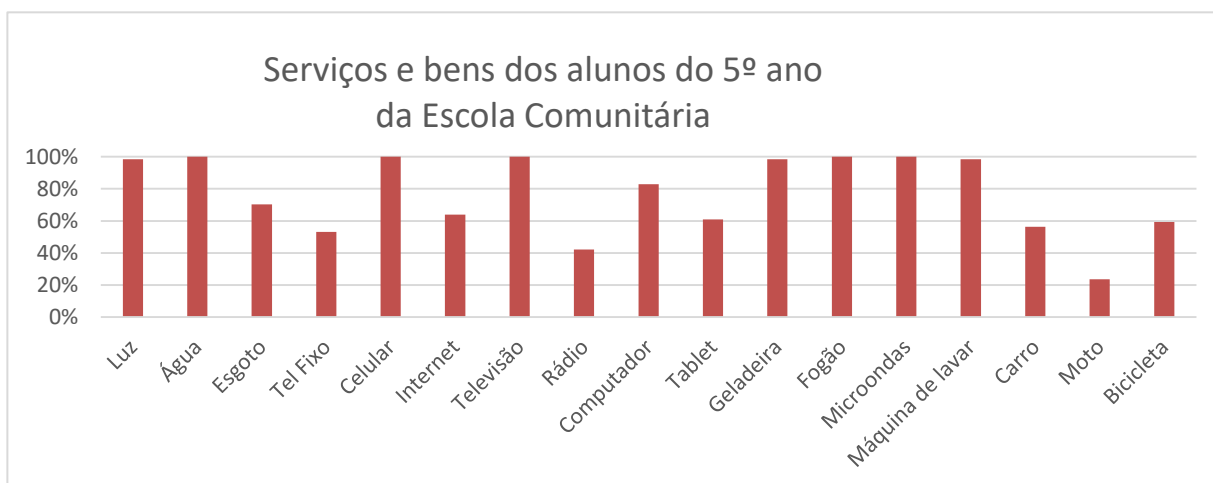
5.1 QUESTIONÁRIO RESPONDIDO PELOS ALUNOS DO 5º ANO

O questionário destinado aos alunos do 5º ano traz indicações referentes a quatro dimensões: 1º - condições das famílias dos alunos e características dos contextos socioculturais em que estão inseridas; 2º - percepção do aluno sobre as várias dimensões da escola; 3º - o que pensam sobre a prática dos Grupos Interativos; 4º - estudo no âmbito doméstico.

5.1.1 Perfil Socioeconômico e cultural

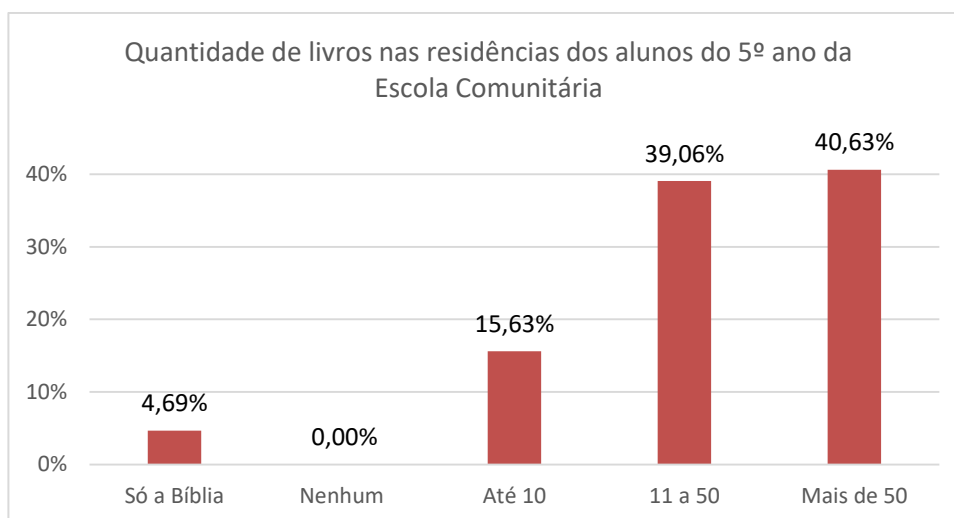
A escola como já citado, aceita somente um público específico que se enquadra no perfil de baixa renda. Apesar de não ter acesso pleno ao sistema de esgoto (cujo provimento depende exclusivamente do setor público) as famílias dos alunos possuem na sua totalidade acesso a eletrodomésticos, incluindo máquina de lavar e micro-ondas. (Gráfico 1)

Gráfico 1



Em 2012, a Escola Comunitária criou um programa intitulado Biblioteca Pessoal. Ele consiste na doação pela Instituição de ao menos 10 livros paradidáticos para os alunos durante cada ano letivo. Os livros são específicos para a faixa etária e há um trabalho conjunto com as professoras da série para melhor aproveitamento deles. Espera-se que sejam usados no âmbito escolar, assim como os alunos são instruídos sobre o seu cuidado e preservação no âmbito doméstico. Provavelmente, como resultado desse trabalho, observa-se que cerca de 40% dos alunos da escola têm acima de 50 livros em casa e que quase 40% possuem entre 11 a 50 livros. (Gráfico 2)

Gráfico 2



Quanto à escolaridade dos progenitores dos alunos do 5º ano, constata-se que as mães são mais escolarizadas que os pais. É importante destacar que não foi informada a escolarização de aproximadamente 20% das mães e 30% dos pais. (Gráfico 3 e Tabela 1). A maior parcela dos pais estudou somente até o Ensino Fundamental. Dos informantes, 20% das mães têm o Ensino Fundamental Incompleto, cerca de 27% completaram essa etapa e há uma porcentagem relativamente grande delas (aproximadamente 15%) que fez o Ensino Médio e também um bom número que tem o Ensino Superior (pouco menos de 15%). Isso significa uma escolaridade bastante razoável considerando a faixa de renda.

Quanto aos cursos profissionalizantes, os pais apresentam maior taxa de frequência e conclusão. Comparada à população brasileira, essa amostra apresenta maior nível de escolarização⁸ e posse de maior quantidade de bens, apesar de residir em moradias de autoconstrução e em espaço exíguo.

Trata-se, portanto, de uma comunidade que parece conferir prioridade de consumo a bens que não são estrita e exclusivamente de primeira necessidade. O consumo de objetos de uso pessoal, como tênis e brinquedos caros, parece justificar por sua vez uma forma de afirmar a sua inclusão na sociedade de consumo. Na região ainda há muitas ONG's e fundações que prestam serviço de saúde, educação e lazer,

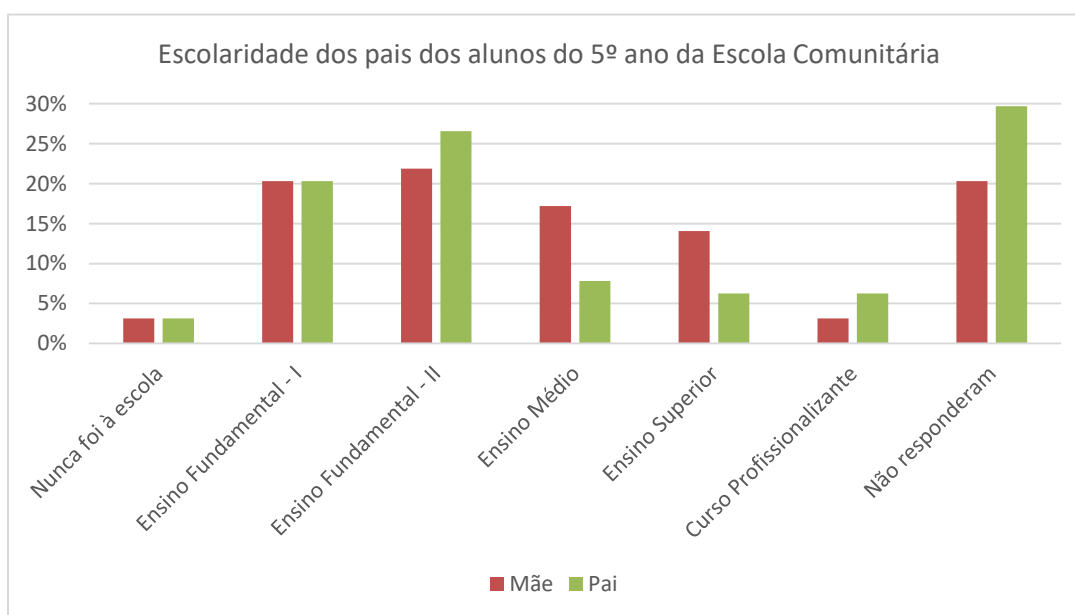
⁸ Segundo estudo do IBGE de 2014 (Distribuição das pessoas de 25 anos ou mais de idade, por sexo, segundo os grupos de anos de estudo - Brasil – 2014), 11,7% do total dos entrevistados não tinham instrução ou menos de 1 ano de escolarização, 9,6% tinham de 1 a 3 anos de estudo, 22,3% de 4 a 7 anos de estudo.

para os moradores da comunidade. Um exemplo conhecido é um hospital de alto padrão que mantém uma clínica em uma das comunidades e atende com qualidade e eficiência as crianças da região. Por nem sempre terem gastos fixos como aluguel, eletricidade ou televisão a cabo (são coletadas de forma clandestina), os dados sugerem que parte importante de seus recursos são canalizados para bens de consumo.

Tabela 1

	Nunca foi à escola	Ensino Fundamental – Nível I	Ensino Fundamental – Nível II	Ensino Médio	Ensino Superior	Curso Profissionalizante	Não responderam
Mãe	3,13%	20,31%	21,88%	17,19%	14,06%	3,13%	20,31%
Pai	3,13%	20,31%	26,56%	7,81%	6,25%	6,25%	29,69%

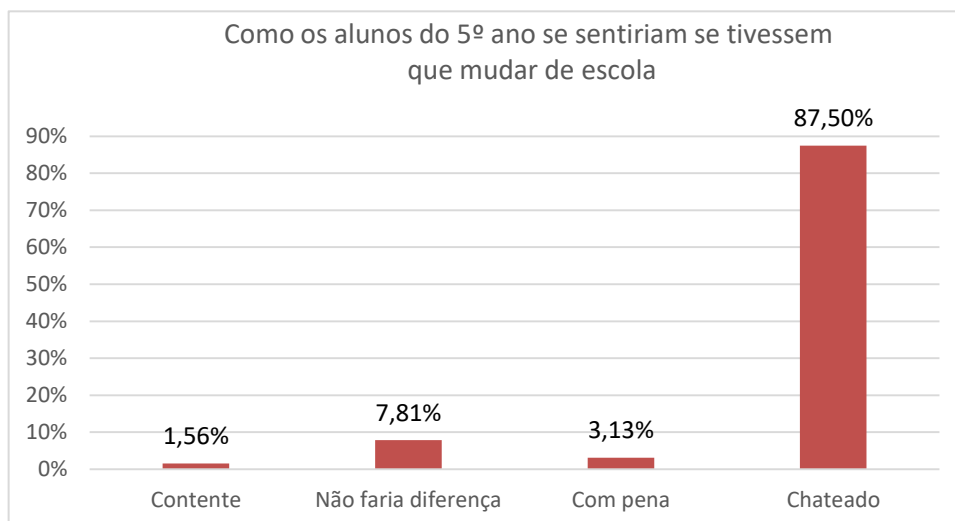
Gráfico 3



5.1.2 Clima escolar

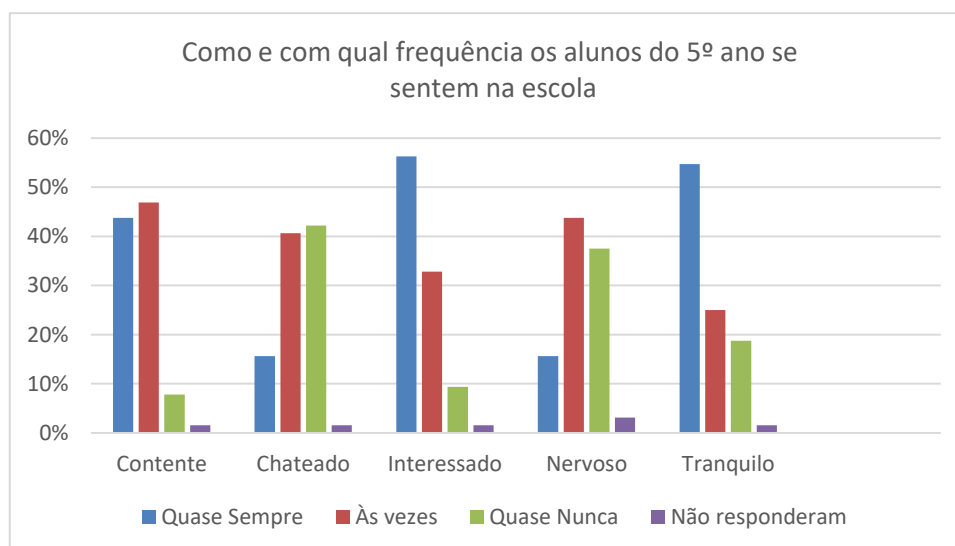
Os alunos parecem ter um forte sentimento de pertencimento em relação à escola, sendo que a maioria reagiu negativamente a uma suposta mudança de escola (Gráfico 4).

Gráfico 4



Eles se sentem tranquilos e interessados na maior parte das vezes e razoavelmente contentes. Já os traços negativos aparecem com menor frequência, sendo que aproximadamente 40% dos alunos se sentem chateados às vezes e 44% dos alunos se sentem nervosos às vezes. (Gráfico 5). A satisfação com a escola também foi citada pelos pais, e discorreremos posteriormente a respeito.

Gráfico 5



A criminalidade e insegurança são traços encontrados no contexto de muitas escolas brasileiras, especialmente nas de periferia. Quando questionados se já foram roubados no último mês de aula na escola, 11% dos alunos respondem afirmativamente. Contudo, quando indagados se conhecem um caso de alguém que foi roubado nas mesmas condições, 20% respondem afirmativamente, revelando uma incidência maior desses eventos, como se pode notar na Tabela 2.

Tabela 2

Assinale se uma dessas afirmações aconteceu em sua escola no último mês				
Fui roubado dentro da minha escola	Alguém foi roubado dentro da minha escola	Fui insultado e ameaçado pelos colegas	Alguém da minha classe foi insultado e ameaçado por outro colega	Outro colega agrediu fisicamente e machucou alguém da escola
11%	20%	22%	20%	20%

Entretanto, os alunos revelam ter bom relacionamento com diferentes profissionais da escola, sendo que a relação com a orientadora pedagógica são mais difíceis. Contudo, como se observa na tabela a seguir, no geral os índices são bem positivos. (Tabela 3)

Tabela 3

Relacionamento dos alunos do 5º ano com profissionais da escola			
Nos damos bem com os auxiliares de disciplina	Nos damos bem com a bibliotecária	Nos damos bem com a diretora	Nos damos bem com a orientadora
94%	92%	81%	58%

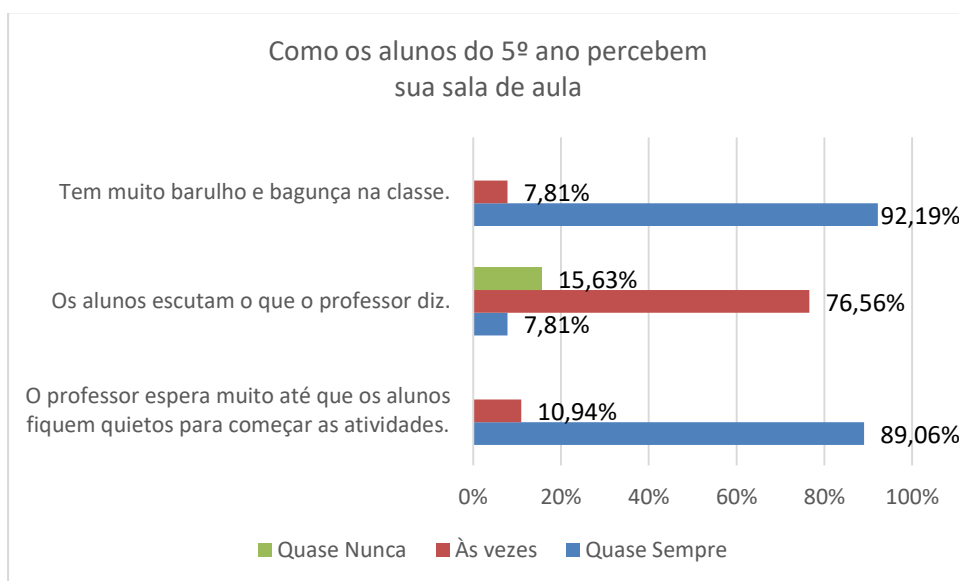
Em sala de aula, quase todos os alunos sentem que os professores os querem bem assim como os ajudam, o que sugere que mantêm as altas expectativas de aprendizagem que a escola determina e a tentativa de estabelecer um clima escolar positivo na sala de aula (Tabela 4).

Tabela 4

Como os alunos do 5º ano percebem o clima escolar em sala de aula				
Nos damos bem com os professores	Os professores querem que os alunos se sintam bem	Os professores escutam o que os alunos dizem	Os professores me ajudam	Os professores me tratam bem
72%	94%	77%	92%	86%

Na sala de aula, segundo o que afirmam os alunos do 5º ano, há muita bagunça e o professor perde parte do tempo esperando o silêncio para começar a aula, apesar de sentirem que têm um bom relacionamento com os professores. Mesmo com turmas agitadas parece que os alunos escutam o que os professores têm a dizer na maior parte das vezes, embora nem sempre (Gráfico 6).

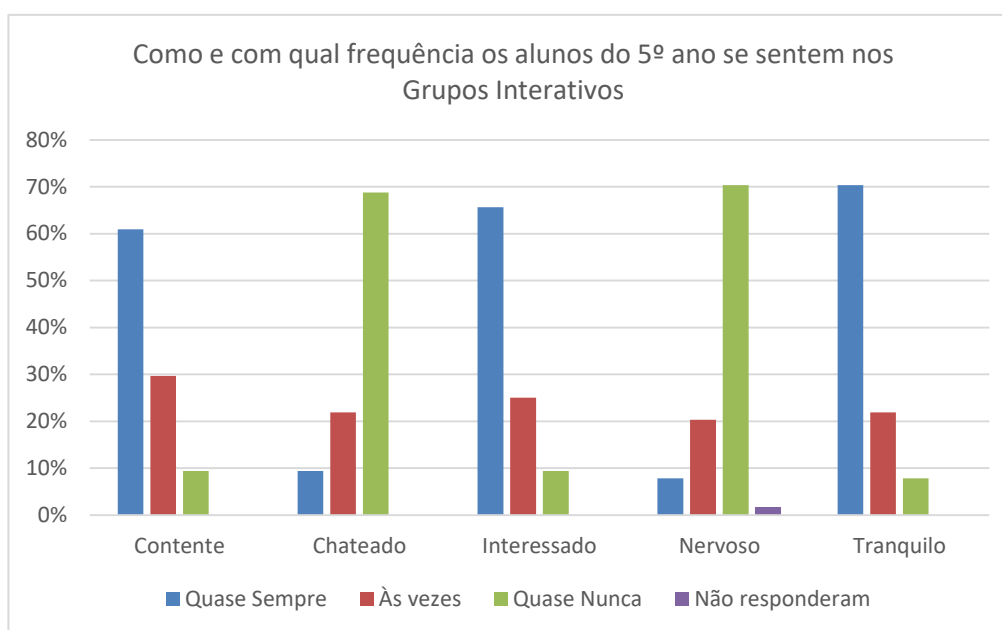
Gráfico 6



5.1.3 Grupos Interativos

Sobre como se sentem os alunos nos GI observou-se que as incidências positivas (sinto-me contente, interessado e tranquilo) são mais frequentes do que aquelas encontradas a respeito da escola de modo geral. Os aspectos negativos também são bem menores que os manifestados em relação à escola de modo geral. (Gráfico 7)

Gráfico 7



Na tabela a seguir, cruzamos as informações dos dois gráficos a fim de clarificar os resultados (Quadro 1).

Quadro 1

Comparativo de como os alunos do 5º ano se sentem na escola e nos GI										
	Na Escola	Nos Grupos Interativos	Na Escola	Nos Grupos Interativos	Na Escola	Nos Grupos Interativos	Na Escola	Nos Grupos Interativos	Na Escola	Nos Grupos Interativos
	Contente		Chateado		Interessado		Nervoso		Tranquilo	
Quase Sempre	43,75%	60,94%	15,63%	9,38%	56,25%	65,63%	15,63%	7,81%	54,69%	70,31%
Às vezes	46,88%	29,69%	40,63%	21,88%	32,81%	25,00%	43,75%	20,31%	25,00%	21,88%
Quase nunca	7,81%	9,38%	42,19%	68,75%	9,38%	9,38%	37,50%	70,31%	18,75%	7,81%
Não responderam	1,56%	0,00%	1,56%	0,00%	1,56%	0,00%	3,13%	1,56%	1,56%	0,00%

Legenda

- Escola de modo geral
- Grupos Interativos

Um dos objetivos dos Grupos Interativos é aumentar a participação dos pais nas atividades escolares. Contudo, aproximadamente 69% dos pais nunca participaram desses grupos (Gráfico 8).

Os pais dos alunos tiveram maior frequência em outros eventos escolares, como reuniões pedagógicas com a professora e festa de encerramento do ano letivo

(Gráfico 9), provavelmente porque são atividades programadas com antecedência para todos.

Gráfico 8

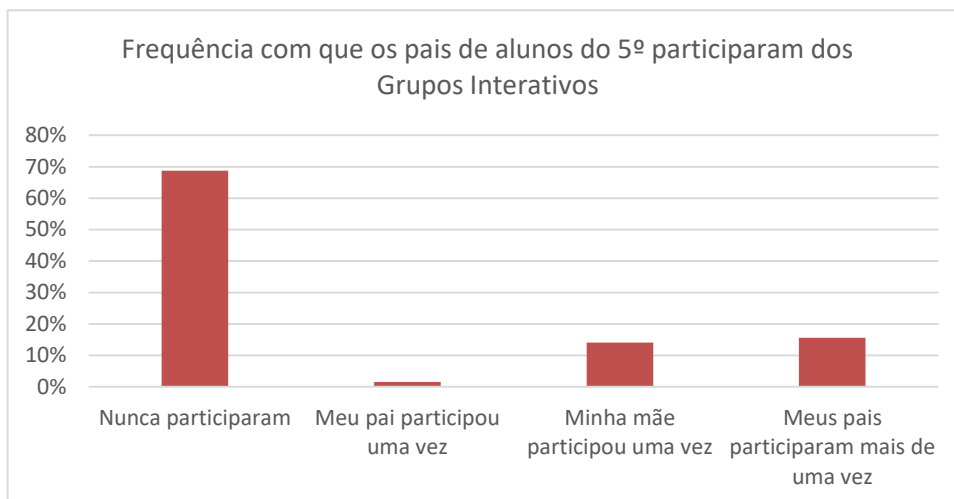
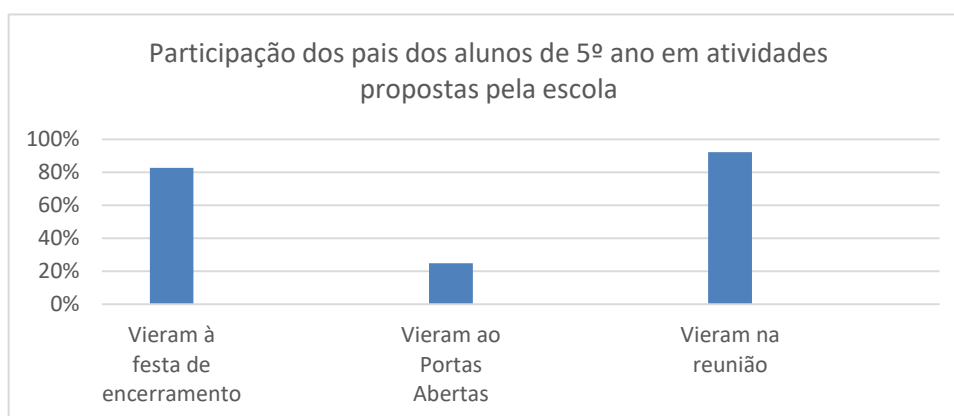


Gráfico 9



Na única questão aberta respondida pelos alunos, quando foram questionados se gostariam que seus pais participassem dos Grupos Interativos, 78,13% responderam afirmativamente. Os dados que retratam melhor a justificativa dada pelos alunos, podem ser vistos no Quadro 2.

Quadro 2

Questão: Se pudesse escolher, gostaria que seus pais participassem dos Grupos Interativos? Por quê?							
RESPOSTAS AFIRMATIVAS							
Porque ela(e) trabalha muito	Porque meus pais podem ensinar algo	Porque poderia conviver mais com eles	Porque os pais conheceriam mais do ambiente escolar e saberiam como o filho(a) está na escola	Porque os pais saberiam como ajudar nas tarefas futuramente	Porque meus pais poderiam aprender algo novo	Porque a presença deles me motiva/ tranquila/ faz bem	Outros
3,13%	12,50%	17,19%	18,75%	4,69%	3,13%	10,94%	9,38%
RESPOSTAS NEGATIVAS							
Porque ele(a) trabalha muito/ é muito ocupado	Porque eu teria medo/ apanharia depois	Porque eu teria vergonha	Porque ele(a) iria brigar comigo	Porque não gostaria que meus colegas conhecessem meus pais	Porque o professor reclamaria de mim para meus pais	Porque eu bagunço	Outros
4,69%	3,13%	3,13%	1,56%	3,13%	1,56%	1,56%	1,56%

Das justificativas afirmativas sinalizadas pelos alunos, observa-se que os filhos, em alguma medida, acreditam que os pais podem ensinar (12,50%) mais do que aprender (3,13%).

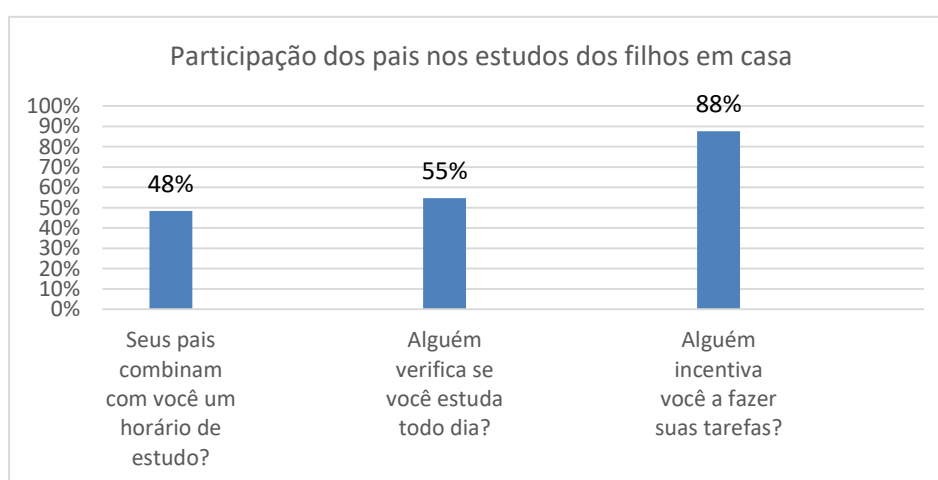
Aproximadamente 31% dos alunos referem-se ao prazer de estar com os pais, seja porque gostam de conviver com eles ou porque os pais os motivam. Já em torno de 24% dos alunos acreditam que participar dos GI fará seus pais se inteirarem das atividades da escola, o que lhes parece bem.

Os alunos utilizam a mesma justificativa (porque meus pais trabalham muito) para endossar tanto a participação como a ausência dos pais nessa atividade. Os que almejam sua participação, não convivem muito com os pais por causa do trabalho deles e por isso, desejam sua companhia mais vezes. Já entre os que não gostariam que os pais fossem aos GI, figura a justificativa que os pais, por trabalharem muito, precisam descansar mais. Dos que responderam negativamente à questão, aproximadamente 5% não quer a presença dos pais por medo às reações ruins após sua participação. Se compararmos o percentual dos pais que os alunos afirmam que os motivam nas atividades, eles são superiores aos pais que, segundo as crianças, os intimidam ou aterrorizam em relação ao que se passa com eles na escola.

5.1.4 Estudo no âmbito doméstico

Evidencia-se também que, segundo os alunos, os pais incentivam os filhos a estudar, porém apenas cerca da metade chega a propiciar uma rotina de estudos e aproximadamente esse tanto costuma verificar se os filhos realmente estão estudando. Pode-se inferir, pelo ponto de vista das crianças, que os pais dão valor à escola, embora mais da metade pareça não ter como colaborar para que seus filhos estudem. (Gráfico 10).

Gráfico 10



Quando precisam de ajuda em suas tarefas de casa, os alunos recorrem em sua maioria, à mãe para auxiliá-los (Tabela 5). Carvalho (2004) alerta para as questões de gênero no apoio parental aos filhos na escola. A autora afirma o caráter sociocultural da colaboração escola/pais, uma vez que é a mãe, não o pai, que se sente na maioria das vezes (e é) responsabilizada por ajudar seu filho tanto nas lições de casa como por comparecer às reuniões convocadas pela escola.

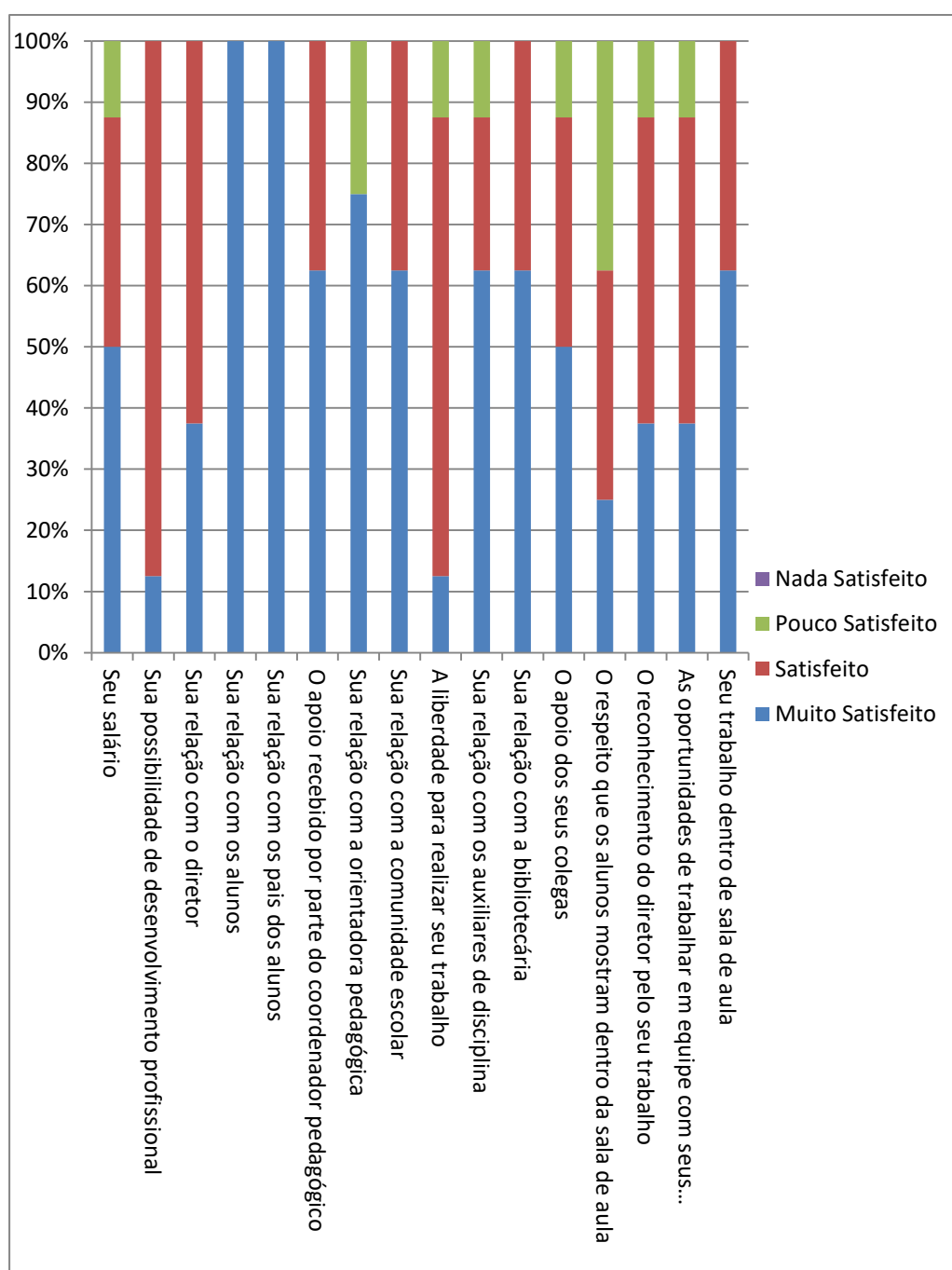
Tabela 5

Questão: Na sua casa, quando há dúvidas na tarefa, quem o ajuda?				
Mãe	Pai	Irmãos	Avós	Outros
80%	41%	23%	14%	52%

5.2 SONDAGEM SOBRE O ÍNDICE DE SATISFAÇÃO DAS PROFESSORAS

A sondagem sobre o índice de satisfação das professoras revela que elas declaram ter um bom relacionamento com os pais de alunos, enquanto o maior índice de insatisfação vem da falta de respeito demonstrada pelos alunos em sala de aula. Os itens: liberdade para realizar o trabalho, apoio do diretor e oportunidades de trabalhar em equipe também apresentam índices de pouca satisfação: 12,5%. (Gráfico 11)

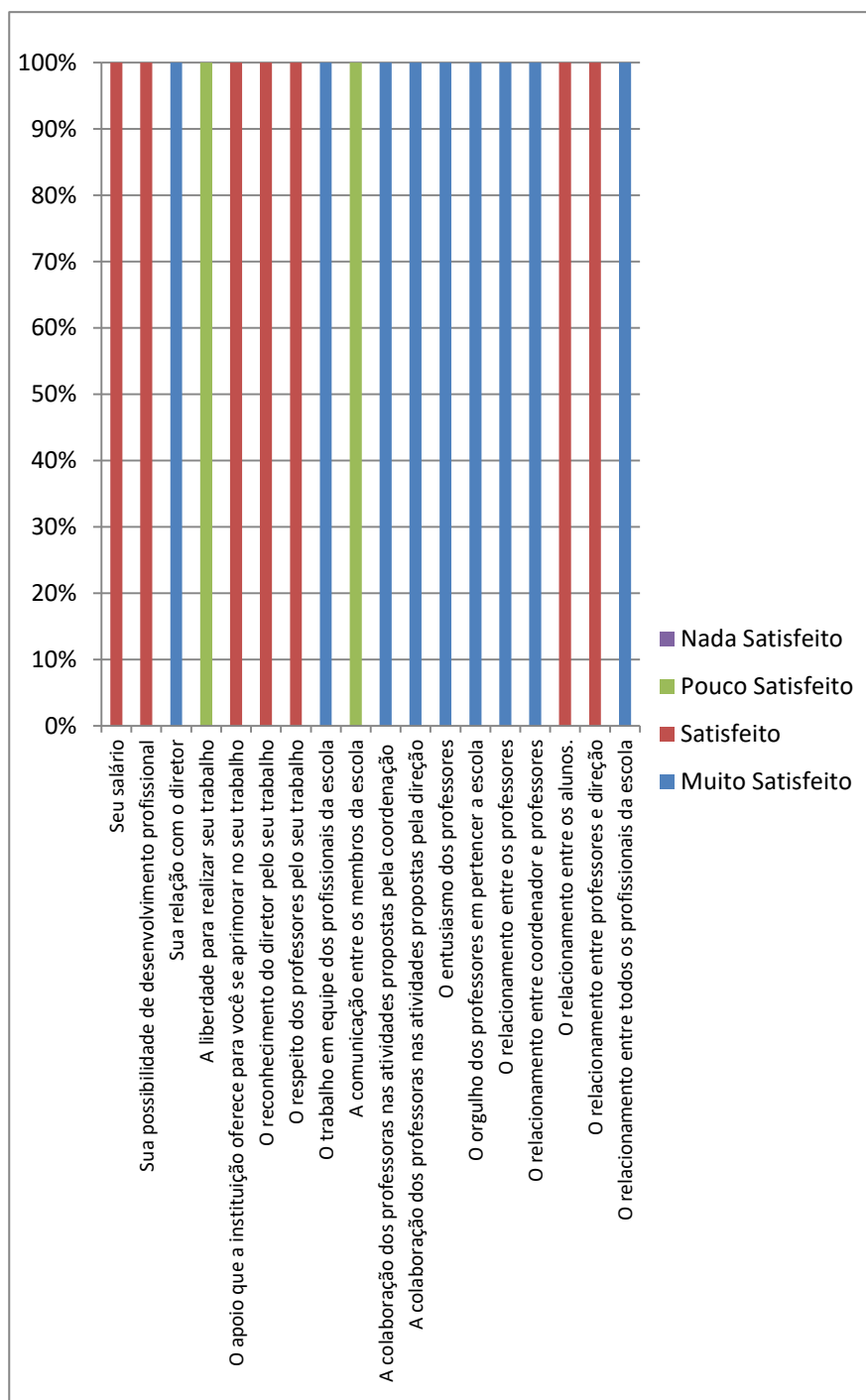
Gráfico 11



5.3 SONDAGEM SOBRE O ÍNDICE DE SATISFAÇÃO DA COORDENADORA PEDAGÓGICA

Na sondagem feita à coordenadora pedagógica, os tópicos com menor índice de satisfação são: a liberdade para realizar seu trabalho e a comunicação entre os membros da escola. Contudo mostra-se muito satisfeita com as relações entre profissionais, equipe e diretores da escola. (Gráfico 12).

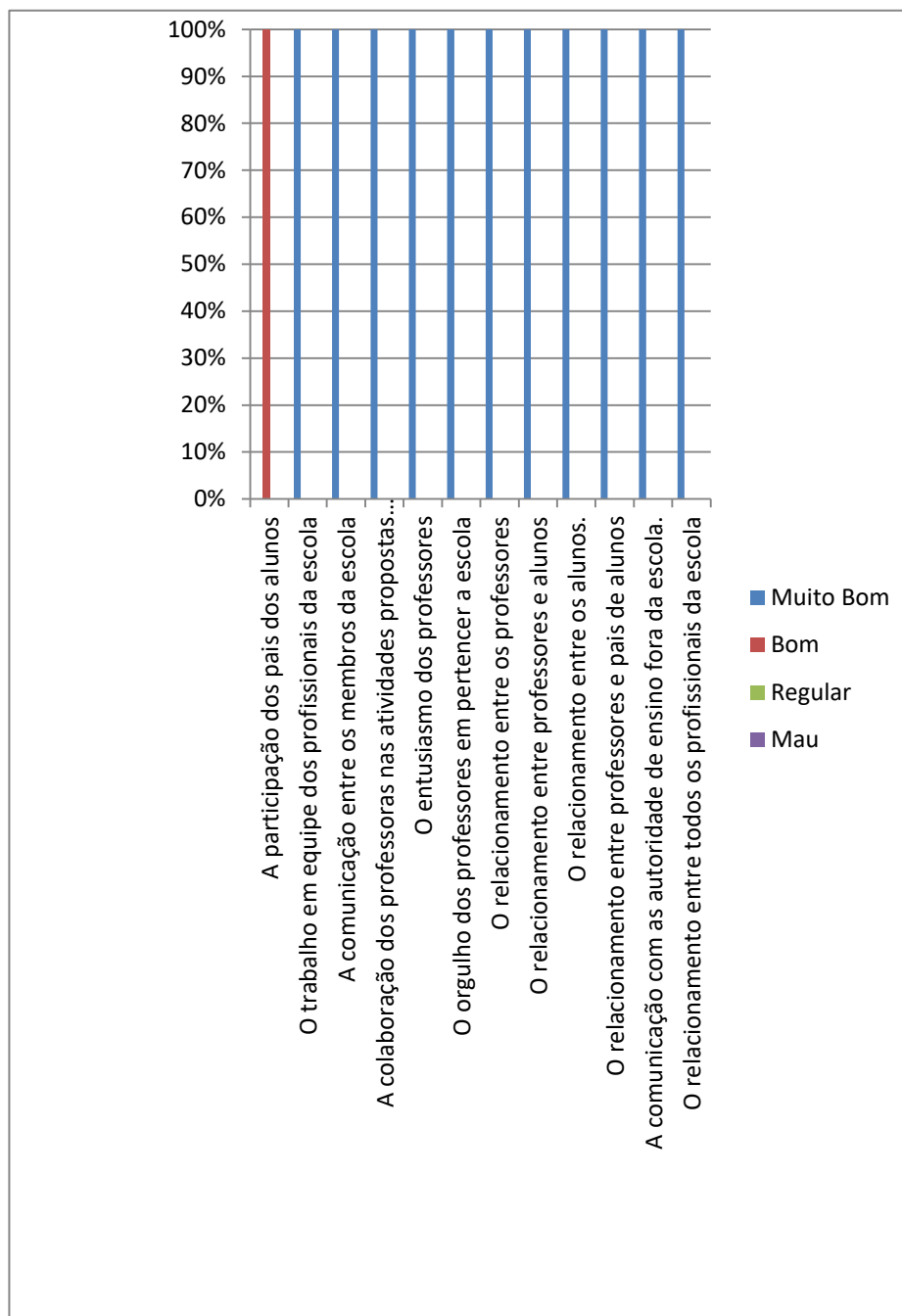
Gráfico 12



5.4 SONDAGEM SOBRE OS INDICADORES DE GESTÃO DA DIRETORA

Na sondagem sobre os indicadores de gestão, as respostas da diretora aos aspectos abordados foram muito positivas, tendo a responsável pelo cargo somente assinalado bom para a participação dos pais, enquanto os outros itens foram considerados muito bons. (Gráfico 13).

Gráfico 13



5.5 ANÁLISE DA ENTREVISTA COM OS PAIS DE ALUNOS

A entrevista com pais dos alunos que participaram dos Grupos Interativos na classe de seus filhos em 2016 foi realizada em um sábado, do mês de outubro de 2017, na Escola Comunitária. Com uma semana de antecedência, foi enviado às famílias um convite por meio da agenda do aluno, para que participassem de um café da manhã no qual contariam um pouco de sua experiência sobre os Grupos Interativos. Foram convidados 16 pais e mães de alunos, dos quais 11 compareceram ao encontro, 9 mães e 2 pais.

Ao constatar que as mães participam mais que os pais dos Grupos Interativos e outros eventos da escola, questões de gênero relacionadas à educação ficam mais evidentes. Maria Eulina Pessoa de Carvalho (2004) relata que o papel conferido à mãe na educação escolar, além de ser uma construção histórica, é também fruto da concepção social das atribuições da mulher, uma vez que a sociedade “Coloca as mais pesadas expectativas sobre as mães, reproduzindo a assimetria de papéis sexuais e de gênero que faz recair sobre as mulheres toda a responsabilidade pela educação das crianças, em casa e na escola.” Nesse sentido, cabe às mulheres, na grande parte dos casos, a responsabilidade de acompanhamento escolar dos filhos, tanto na realização das tarefas quanto na participação em reuniões e outros eventos escolares. Esse modelo de família e de papel parental, apesar de ter sido justificado outrora nos segmentos dominantes da sociedade pela ocupação e papel social dos integrantes de famílias em que os homens tinham a responsabilidade econômica de provimento familiar enquanto as mulheres se dedicavam à criação dos filhos e à manutenção do funcionamento da casa, perdura até os dias de hoje, mesmo quando as mulheres, de maneira bem mais generalizada, também contribuem para a renda familiar ou mesmo quando sustentam as próprias moradias.

No encontro, preferimos realizar uma entrevista sem roteiro fechado, apoiando-nos nas respostas dos entrevistados para fazer novos questionamentos e criando uma narrativa que refletia o ponto de vista dos sujeitos. Para tanto, propiciamos um ambiente mais informal, servimos um café da manhã e posicionamos as cadeiras formando um círculo. Além disso, foi combinado com os participantes que poderiam expressar-se a qualquer momento, sem protocolos.

A entrevista com os pais teve duração de aproximadamente 1 hora e meia.

A partir dos dados recolhidos agrupamos os temas mencionados a seguir para debater.

Compreensão da rotina escolar do filho

1. Orgulho de estudar na escola
2. Medo de perder a bolsa de estudos na escola
3. Oportunidade de ter mais vínculo com o filho
4. Satisfação do filho por ter a mãe ou pai na escola
5. Oportunidade de aprender e ensinar sentida pelos pais
6. Realização pessoal
7. Vínculo com os professores e outros funcionários da escola
8. Disponibilidade dos pais para participar dos Grupos Interativos
9. Violência no cotidiano

Como alguns desses temas foram também abordados pelas professoras, decidimos incorporar na análise alguns trechos da entrevista realizada com essas profissionais, para que a compreensão do assunto fosse mais multifacetada e para evitar repetições posteriores.

5.5.1 Compreensão da rotina escolar do filho

Mães e pais entrevistados comentaram como a participação nos Grupos Interativos contribuiu para que eles soubessem mais da rotina escolar dos seus filhos, das amizades que tinham no colégio, das dificuldades nas disciplinas, da rotina em sala de aula, entre outros. *“É a troca de, como vocês disseram, de estar ali com o seu filho, conviver o dia dele, mas a troca de saber quais são os amigos dele, como que ele estuda, como que o professor trabalha, a forma de montagem.”* (Mãe 3)

As professoras têm a mesma percepção, e afirmam que os GI colaboram para os pais entenderem a dinâmica de sala de aula e as aprendizagens. *“É... pelos relatos: “esse grupo trabalhou melhor”... “esse grupo tem dificuldade mais na matemática”... “acho que esse grupo trabalhou melhor LP”... então eles acabam até percebendo a dificuldade maior do grupo. Não do grupo em geral. Porque eles não passam por todos os grupos, mas acabam tendo uma visão maior do que só do filho.”* (Professora 2)

Os pais mostraram interesse de participar do dia a dia dos seus filhos, revelando clareza de que o cotidiano escolar dos filhos representa grande parte do dia e das

interações sociais dos alunos. *“É legal porque a gente acaba interagindo com o dia a dia da criança. Ela passa um bom tempo aqui, meio período do dia dela passa aqui e a gente entra um pouco no mundo delas aqui, para entender como é o comportamento no geral, como funciona tudo. Essa é uma parte do mundinho deles.”* (Mãe 2)

Os entrevistados fazem comparações com escolas públicas em que seus outros filhos ou parentes estudam, exaltando a qualidade da Escola Comunitária. Para os pais e mães, a EC tem um “modo de ensinar” que faz efeito no processo de aprendizagem da criança e que fica evidente na realização dos Grupos Interativos. *“Então assim, a gente vê que vocês têm um método, um modo de ensinar que é diferente de uma escola pública, mas que as crianças acabam no final aprendendo aquele método, aquele modo de ensinar. O que eu vejo em algumas escolas públicas, é que a criança entra e sai sem aprender. Sem saber falar o nome, escrever o nome, porque a escola não tem um modelo, não tem uma regra, não tem um incentivo, não tira aquela criança daquele lugar. Entendeu? O que eu observei no Grupo Interativo: vocês interagem com tudo, caçando um jeito da criança se achar e aprender aquilo. E no ensino público, a gente não vê isso. Então eu vi isso aqui no Grupo Interativo.”* (Mãe 4).

Silva Neto e Barretto (2018) fizeram um estudo de caso em uma escola pública, escolhida, *a priori* por ter um histórico de violência e indisciplina. Ao longo do trabalho, os pesquisadores acompanharam a conquista da equipe gestora em reverter o histórico de conflitos e conseqüentemente, de outras adversidades, tais como repetência e evasão escolar. Os autores reforçam que o êxito alcançado se deve à construção de coletividade, liderada pela diretora, que foi capaz de assegurar um ambiente propício à aprendizagem dos alunos. Para tal, muitas foram as ações elaboradas, como fóruns com a participação de alunos e professores, para estipular regras de convivência para todos, conselhos de pais para propiciar a comunicação com a comunidade, a valorização da função dos professores, e um trabalho efetivo com os alunos com dificuldades para que tivessem oportunidades de rever os conteúdos e avançar em seus conhecimentos. Conclui-se que a busca para a melhoria da qualidade do trabalho pedagógico propiciaram um clima educacional positivo e o êxito da instituição.

Evidencia-se que o diferencial para alcançar esse nível de qualidade, não está ligado à origem dos recursos, se privados ou públicos, e sim em como a equipe gestora conduz o projeto pedagógico da escola, no clima educacional que propicia, bem como no comprometimento que constroem em todos os atores escolares.

Os Grupos Interativos contribuem para explicitar aos pais as expectativas de estudo, aprendizagem, dedicação e desenvolvimento que os profissionais têm em relação aos alunos. As altas expectativas que a escola tem a respeito dos filhos, sem pressupor que não alcançarão altos rendimentos, mas ao contrário, aumentando as oportunidades educacionais dos alunos, explicitam aos pais, o quanto a escola acredita na educação de cada criança. Nessa prática, a comunicação não se dá apenas de uma forma explícita, quando a professora explica ao pai como deve proceder para mediar a execução da atividade, mas também de uma forma "oculta" quando os pais observam as propostas e a conduta da escola frente às situações do cotidiano escolar.

Assim como descrito anteriormente, na educação dialógica o que se fala e da maneira que se fala, faz muita diferença para promover a aprendizagem. Aubert e colaboradores fazem referência a dois tipos de interação, a transformadora e adaptadora. As interações transformadoras “aumentam as próprias expectativas, confiança e autoestima.” (Aubert et al., 2016, p. 131). E essas interações são vistas e aprendidas nos Grupos Interativos. Já as interações adaptadoras são ações que reforçam o baixo rendimento e que não contribuem para a busca da igualdade de oportunidades.

5.5.2 Orgulho de estudar na escola

Assim como observado no questionário realizado com os alunos de 5º ano, os pais também consideram que a escola é uma oportunidade única para alcançar uma educação que faça diferença na formação acadêmica dos filhos. *“Os pais ensinam, educam, formam, mas na escola que ele aprende mais do que os próprios pais. Os pais ensinam a respeitar, a ser um bom cidadão, mas na escola ele aprende o que que ele vai ser lá na frente. Às vezes eu olho assim pra essa escola e falo: “filha, honra a sua cor, honra o colégio que você está. Agradece a Deus. Presta atenção.” (Mãe 4)*

Uma das mães relatou que ingressou na classe de EJA da Escola Comunitária para conseguir acompanhar com mais afinco os estudos de sua filha, que tinha ingressado na Educação Infantil, revelando orgulho pela sua trajetória escolar e também da filha. *“Eu estudei lá nesse colégio, a sede lá. À noite eu entrei lá pra ajudar a Julia⁹. Quando a Julia foi entrar aqui na escola eu fiz uma opção na minha vida. Eu fui trabalhar o final de semana para preparar a Julia, a alfabetização dela, pra ela ficar aqui. (Mãe 7)*

⁹ Todos os nomes que são citados são fictícios para salvaguardar as identidades dos alunos, pais de alunos, professores e outros funcionários da escola.

Um pai de aluno também relatou com orgulho que estudou na EC desde a Educação Infantil, narrando histórias e lembrando nomes de professores e funcionários. *“Aí eu venho, acho bem interessante, porque a gente tem contato com as outras crianças, com os professores. E, especialmente no meu caso, eu volto no tempo, porque eu fui bolsista do colégio, então quando eu venho, parece que eu estou voltando às aulas.... Eu lembro bastante, tenho memória deles [dos professores].”* (Pai 1)

Louzano (2013) aponta para o fato de que hoje, no Brasil, há acesso à educação, mesmo para a parcela da população menos privilegiada, contudo ainda há desigualdade nas oportunidades educacionais oferecidas. Nesse sentido, percebemos que a chance do filho estudar na Escola Comunitária traz oportunidades educacionais diferentes, pois os alunos não têm somente acesso à escola, mas lá se sentem valorizados, contentes, interessados e tranquilos, como já comentado na análise do questionário destinado aos alunos (Tabela 5, p. 21).

Tantos os pais, quanto os alunos mostram orgulho de fazer parte dessa escola. Como na rede pública a oportunidade de por em prática os princípios básicos da educação muitas vezes torna-se utópica, faz com que pais e alunos supervalorizem a EC e o que ela oferece.

5.5.3 Medo de perder a bolsa de estudos na escola

Contudo, fica claro que por mais que haja o orgulho de ter um filho estudando na EC, os pais sofrem com a possibilidade de perder a bolsa de estudos. *“Esse ponto que você tocou aí é meio complicado quando o aluno perde a bolsa no colégio. Eu conheço pessoas que perderam a bolsa no colégio, que ficou pai, mãe, todo mundo com depressão. Até terapia fez.”* (Pai 1)

A escola pede que as famílias respondam um questionário socioeconômico a cada ano, para saber se elas ainda estão incluídas no critério para recebimento de bolsa de estudos. *“E reparam bem, quando chega o dia de trazer os documentos, eu sinto dor de barriga. Eu fico tão nervosa, a minha pressão sobe. Eu fico morrendo de medo de dar alguma coisa errada e ela perder a vaga.”* (Mãe 4)

O critério pelo qual o aluno é indicado para receber a bolsa de estudos é tido como controverso pelos pais, uma vez que a renda *per capita* de cada família de um salário e meio, é um valor, segundo os entrevistados, muito baixo, e que impede o crescimento profissional dos pais.

“PAI 1 – Porque vai que de repente eu sou promovido, e eu perco a bolsa do meu filho?”

MÃE 1 – A coleguinha da minha filha perdeu por isso. Porque o pai trocou de carro e a mãe foi promovida no trabalho.

PAI 1 – Então, é um perfil cruel, porque está ajudando o filho, mas está atrapalhando a família. Porque você tem aquele negócio: se eu crescer, eu perco a vaga do meu filho na escola.

MÃE 1– Ou seja, é uma coisa muito boa, porém, nos mantém reféns. ”

O critério faz parte da Lei Federal¹⁰ para certificação das entidades beneficentes de assistência social e regula os procedimentos de isenção de contribuição para a seguridade social. Assim sendo, a EC que pertence a uma Fundação, precisa seguir esses critérios. Para a concessão de bolsas de estudo de 100% do valor, os estudantes precisam possuir renda bruta mensal per capita familiar de até 1,5 salários mínimos. Além disso, 20% dos alunos do montante geral das matrículas da escola devem ser bolsistas.

É frequente que críticas dessa natureza sejam feitas também a programas governamentais mais amplos. É o caso do Programa Bolsa Família¹¹ do governo federal, que transfere renda às famílias em situação de pobreza ou extrema pobreza com a condição que mantenham os filhos na escola básica. As famílias de baixa renda que podem se inscrever são aquelas que ganham até meio salário mínimo por pessoa, ou que possuem até três salários mínimos de renda mensal total. Como há critérios para a participação no programa, por vezes também se apresenta a mesma contradição entre ter o benefício ou ter oportunidades econômicas que o cessam. Entretanto, como as famílias potencialmente beneficiárias do programa são muitas, tais contradições não se colocam para a maioria, assim como no caso da Escola Comunitária.

¹⁰ Lei Federal 12.868/2013, Decreto 8.242/2014, a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional.

¹¹ O Programa tem por finalidade a unificação dos procedimentos de gestão e execução das ações de transferência de renda do Governo Federal, especialmente as do Programa Nacional de Renda Mínima vinculado à Educação - Bolsa Escola, instituído pela Lei nº 10.219, de 11 de abril de 2001, do Programa Nacional de Acesso à Alimentação - PNAA, criado pela Lei nº 10.689, de 13 de junho de 2003, do Programa Nacional de Renda Mínima vinculada à Saúde - Bolsa Alimentação, instituído pela Medida Provisória nº 2.206-1, de 6 de setembro de 2001, do Programa Auxílio-Gás, instituído pelo Decreto nº 4.102, de 24 de janeiro de 2002, e do Cadastro Único do Governo Federal, instituído pelo Decreto nº 3.877, de 24 de julho de 2001.

5.5.4 Oportunidade de ter mais vínculo com o filho

Ainda sobre os Grupos Interativos, pais e mães asseguram que a prática propicia que pais e filhos estreitem mais os laços afetivos. *“Acho que o Grupo Interativo também acaba levando os pais pra escola. Ao ver as crianças tão felizes de a gente estar ali, parece que eles falam assim: “está vendo a minha mãe, o meu pai está aqui interagindo com a gente”... Eu entendi que é pra gente se aproximar mais, ter um vínculo com eles. Interagir nas atividades, ter paciência...” (Mãe 4)*

Uma mãe salientou a importância do acompanhamento dos estudos dos filhos em casa, no acompanhamento das tarefas de casa, mesmo quando essa rotina consome bastante do seu tempo. *“Ela fala assim: “você olhou, mamãe?” ... E às vezes eu não tenho tempo. Eu levanto às 4h da manhã, chego 20h30min, às vezes eu não tenho tempo. Aí eu falo, “Filha, já fez a atividade?”. Ela diz, “Já fiz”. Aí eu: “Já fez? Que horas que você fez, se você entrou comigo agora?” Aí ela: “eu já fiz. Fiz na escola.” Foi quando a Dona Lídia (orientadora educacional) chamou e disse que a minha filha estava fazendo a atividade pela metade. Faz a primeira questão de um, primeira questão de outro, e deixa o resto. Aí eu falei: “Filha, eu quero a atividade.” E ela respondeu: “Você não quer olhar. Você não senta pra olhar.” Eu decidi: “Mas a partir de hoje eu vou sentar, vou tirar 5 minutos e vou sentar pra ver sua atividade.” E ela me perguntou: “Mas você não está perdendo tempo, não?” Eu falei: “Não.” Aí eu vou dormir 1h da manhã. Entendeu? Então, é muito puxado. (Mãe 4)*

Nesse caso, fica evidente, assim como Carvalho (2004) aponta em seus estudos, que a escola tem expectativas para os pais. A escola espera que o monitoramento dos deveres de casa e a participação em eventuais encontros na escola sejam realizados, sem considerar que essa é uma solicitação que pressupõe um modelo de família típica de classe média, onde dois fatores estão presentes e são imprescindíveis para o sucesso dessas expectativas: capital econômico e tempo. Capital econômico pode ser entendido como o tempo livre com boa qualidade de vida, para que a pessoa possa se dedicar ao acompanhamento dos estudos de seu filho, e quando lhe falta esse tempo, pode ser entendido como o recurso financeiro que serve de aporte para que o filho atinja as expectativas do colégio, como por exemplo, a contratação de um professor particular. No caso de famílias de baixa renda em que os integrantes trabalham fora e, muitas vezes, em mais de um emprego, essas expectativas não consideram as diferenças dos arranjos familiares que se tornam inexecutáveis ou excessivamente extenuantes para os pais.

5.5.5 Satisfação do filho por ter a mãe ou pai na escola

Os pais e mães também mencionaram a felicidade de seus filhos em vê-los participando de sua rotina escolar, em especial, indo aos Grupos Interativos.

“E a minha filha então, a felicidade dela é sem tamanho. Foi divertido também. Foi uma coisa séria, porém, com diversão e muita tranquilidade. Eu amei!” (Mãe 1)

“MÃE 2 – Elas se sentem importantes com a presença, porque você vê muitas crianças, e eles presenciam também aquelas crianças que não têm a companhia dos pais, ou fica o dia inteiro na rua, porque tem casos que você consegue sair do trabalho, mesmo você falando assim: “ah minha filha, é importante”. Mas tem pais que não podem. Tem famílias que tem ou só a mãe, ou só o pai, ou só a avó, ou só a tia. Eles precisam trabalhar pra sustentar. Ele não vai conseguir sair sempre.

MÃE 7– Eu tenho que trabalhar, sustentar a casa, e eu cuido dela...

MÃE 2– Aí você trabalha um determinado horário. Chegou uma fase que eu estudava de manhã, ia trabalhar e via meu filho à noite. Nas reuniões eu vinha, nos Grupos Interativos eu vinha, mas a gente não tinha aquele vínculo de ficar todo dia junto. Então, quando eu encontrava com ele fora daquele período da hora de dormir, na hora da janta, da lição de casa, era uma satisfação melhor pra ele. Hoje eles estudam de manhã. Eu saio do serviço às 17h. Na hora que eu chego em casa, ele está fazendo a lição de casa, aí eu vou fazer a janta, a gente bate um papo e está na hora de dormir. Então tudo que você fugir dessa rotina, que chega a ser maçante pra eles, é uma diversão melhor, é um carinho, é um agrado.

MÃE 4– É um gesto de amor.

MÃE 2– É se sentir amado, se sentir importante...

PAI 1 – Tudo que você fizer pra eles, enquanto eles estão crianças e adolescentes, eles vão levar pra vida.

MÃE 4 – É... exatamente.”

Tal sentimento, também foi relatado pelos alunos que disseram o quanto se sentiam felizes de ver as mães e os pais na escola. Sendo assim, parece evidente que os laços afetivos, os interesses em comum compartilhados nos GI, são importantes para o desenvolvimento das crianças. Esse sentimento é reforçado pelo diálogo igualitário, um dos princípios citados por Aubert et al. (2016), nele as oportunidades de falar e de ser escutado, quando estão postas em um plano mais horizontal e sem hierarquias, promovem aprendizagens e reduzem desigualdades.

5.5.6 A oportunidade de aprender e ensinar sentida pelos pais

Nas Comunidades de Aprendizagem da Universidade de Barcelona, os Grupos Interativos são atividades que visam a educação dialógica. Partindo desse pressuposto, averiguamos as considerações dos pais e mães participantes acerca da possibilidade de ensinar e aprender durante esses momentos.

Ao participarem dos Grupos Interativos mães e pais dos alunos afirmaram ter aprendido coisas importantes. *“O interessante pra mim foi a matemática, porque eu sei fazer as contas de uma forma e eles sabem fazer de outra. E quando chegava em casa pra fazer a lição, eu não sabia fazer a forma, a divisão que ele faz, a multiplicação. Então, eu fazia do meu jeito, ele fazia do jeito dele, e no final a gente comparava os resultados. Então foi um aprendizado pra mim também ver como ele fazia uma conta de matemática, achar o sujeito do português, a forma de desenhar minha é outra e aquilo foi uma questão de troca.”* (Mãe 3)

Uma das mães enfatizou o quanto estava aprendendo em sua participação dos Grupos Interativos e que, mesmo sentindo vergonha ao início da atividade, por não saber o conteúdo, queria voltar a participar. *“O primeiro grupo que eu entrei, foi o grupo do meu filho: “mãe o que que eu falei pra senhora? Presta atenção!”. Eu fiquei morrendo de vergonha. Aí eu fui prestando atenção, e quando ele explicou, ele explicou em casa, mas em casa não tem muita paciência de mãe. É assim: “pronto, vou fazer do meu jeito e ela não precisa nem olhar. Eu vou olhar”. Aí quando chegou aqui na escola, na aula de matemática, ele falou assim: “o que que eu falei?”. Aí depois eu conversei com a professora, e eu falei: “Nossa, como eu amei. Eu adorei! Queria estudar, queria vir todos os dias pra eu aprender... participei mais de aula de matemática, por incrível que pareça, algo que eu tinha dúvidas, foi o que eu participei mais. Mas eu adorei, foi um momento que a gente não esquece. Muito bom, muita aprendizagem...”* (Mãe 5)

As professoras mostram saber que sua fala é importante para que os pais se sintam tranquilos em sua participação nos GI. Contudo, por mais que elas tentem encorajar os pais e mães de alunos, mostram saber pouco sobre a proposta da Universidade de Barcelona, sobre a função de seu discurso para reduzir as desigualdades.

“PROFESSORA 2 - Tem pais que não têm condições de contribuir, mas vêm. Então não sabem ler, não sabem escrever, ficam envergonhados quando você apresenta as atividades e você fala: “escolha em qual atividade você quer participar.” Eles ficam incomodados ou envergonhados, porque talvez eles não tenham...”

PROFESSORA 3 - Receio de não saber...

PROFESSORA 2 - É... receio de não saber e não contribuir. Aí, cabe o nosso papel de tranquilizá-los, não é? Então, a gente explica como funciona, qual é a atividade, se eles tiverem alguma dúvida, nós estamos ali como suporte. Que eles não precisam ensinar os alunos, caso eles não saibam. Eu deixo com os livros, gabaritos como referência..."

As atividades realizadas nos Grupos Interativos não são feitas para que os pais sejam os protagonistas da atividade, como por exemplo, uma atividade que tenha relação com a função que o pai desempenha em sua carreira. Ela é uma atividade que faz parte do planejamento mensal da escola. Sendo assim, a experiência do pai e da mãe não é levada em conta na atividade. Ainda assim, os pais revelam preferências sobre as disciplinas que gostariam de participar, mas nem sempre são atendidos em seu desejo. *"Quando as minhas filhas chegaram falando dos Grupos Interativos, elas falaram, "ah, você é boa de português". Então, está bom. Quando for português, eu vou. Você já avisa que é português, porque matemática eu sou um desastre. Não sei nem pra mim. Porque eu sou enfermeira. "Como você faz as contas pra gotejamento e cálculo de medicação?" E eu digo: "Ah, isso é outra história, não tem nada a ver com essas contas de vocês (risos) ... Então se for pra fazer o Grupo Interativo, é pra português. E no dia em que eu vim, era matemática (risos) Eu vim toda contente, porque português eu sei tudo, já sou expert em português e está tudo ótimo. Aí eu cheguei era matemática, e eu fiquei super aflita. Então, a professora passou as lições e disse "você acompanha esse grupo e a monitora acompanha o outro grupo". E eu falei: "eu vou acompanhar o que, que eu não sei nada aqui? Vou acompanhar o que?" (Risos) Mas aí, as meninas falaram: "não, mãe, você vai acompanhando e você vai vendo aí como é importante". Foi muito interessante o que a Lilian falou no dia, ela falou assim: "o importante não é você ensinar, porque o ensinar a gente já sabe. O importante é que você estar aqui. O importante é que você veio. " (Mãe 7)*

5.5.7 Realização pessoal

A oportunidade de ensinar algo revela nos pais que existe uma satisfação pessoal em participar, resultando em melhor autoestima para os participantes. *"É legal esse processo que trabalha a autoestima da criança e a nossa. Porque na escola, por exemplo, como a maioria relatou aqui, chega com a lição, são formas de aprendizados diferentes e a criança diz: "mãe, você não sabe". E ao mesmo tempo, a criança às*

vezes pode se sentir incompleta. Quando a mãe chega na sala, ela vai ter a compreensão, vai corrigir, podendo ser o dele e também dos outros amiguinhos. Então trabalhou a minha autoestima: “sim, eu sei. Sim, eu entendi”, e a criança: “olha, a minha mãe sabe. A minha mãe está corrigindo o dos meus amigos também.” Trabalha muito essa questão da autoestima e isso é importante, pros nossos desafios que teremos na vida e eles também. ” (Mãe 2)

Além disso, alguns entrevistados mostram-se muito conscientes de que mesmo sem educação formal, seu conhecimento é validado e reconhecido naquela situação. “Pra mim foi um prazer enorme participar. Eu saí daqui muito feliz das vezes em que eu participei. E eu ajudava as crianças ali, ficava ali orientando as crianças fazer o exercício. Apesar de eu não ter muito estudo, eu tenho uma inteligência interna aqui que eu uso bastante.” (Mãe 1). No entanto, outros participantes parecem não considerar que seus conhecimentos são válidos para os Grupos Interativos, mas, mesmo assim, querem participar das propostas. “Ao ver as crianças tão felizes de a gente estar ali, parece que eles falam assim: “está vendo a minha mãe, o meu pai está aqui interagindo com a gente”. Não é nem porque a gente sabe, porque eles sabem que a gente não sabe mesmo, entendeu? Mas pelo fato da gente estar ali. “A minha mãe está aqui.” (Mãe 4)

Os autores de Barcelona argumentam que o autoconceito ou a autoimagem é uma combinação acerca do que pensamos sobre nós mesmos e sobre o que pensam as outras pessoas acerca de nós, por meio das interações. Por isso, a postura das professoras que intencionalmente valorizam os conhecimentos, a cultura, a origem dos pais de alunos, contribui não só para a sua autoimagem, mas para a criação de relações menos hierarquizadas no ambiente escolar.

5.5.8 Vínculo com os professores e outros funcionários da escola

Os pais e mães, ao comentarem sobre os Grupos Interativos, enfatizaram o quanto o vínculo com os professores e outros funcionários é fundamental. “Outro dia mesmo, a Mariana chegou em casa toda feliz, porque disse que a Dona Suzana (professora) elogiou a gente pra Dona Helena (diretora). Elogiou a gente pra Dona Helena que nós éramos uns pais presentes. Aí eu falei: “filha, isso é muito bom. Muito bom ouvir isso.” Ela disse que outro dia Dona Suzana (professora) mandou chamar ela só pra dar um abraço nela. Nossa, ela fica toda feliz, porque a Dona Suzana deu aula pra ela durante três anos. Inclusive, o primeiro Grupo Interativo que eu vim foi com a Dona Suzana.

Foi assim, maravilhoso! Pra mim, a Dona Suzana foi uma das melhores professoras dela. Não sei se é porque ela ficou mais tempo com ela.” (Mãe 1)

Os pais entrevistados participaram dos GI em 2016, enquanto seus filhos frequentavam o 5º ano. Na data em que ocorreu a entrevista, os alunos cursavam o 6º ano e não tinham mais Grupos Interativos. Para os pais e mães, a proposta deveria continuar em todo percurso escolar dos filhos, pois consideram que é importante para o relacionamento entre professores e alunos. *“Entendeu? Mas assim, no Fundamental I, a gente tinha mais um vínculo com a professora, agora a gente só conversa mais com a Dona Lídia (orientadora educacional) quando tem reunião mesmo, a Dona Lídia que representa agora os professores.” (Mãe 4)* *“Então, a gente perdeu um pouco o vínculo, porque tem uma aqui de matemática, de português, de ciências... aí você não consegue conversar com todas...” (Pai 1)*

Os pais e mães entrevistados acreditam que o vínculo com o professor e outros funcionários da escola é incentivado no GI, pois nessa ocasião eles têm a chance de interagir e construir vínculos com esses profissionais. Por isso, sugerem continuar com os GI mesmo no Ensino Fundamental II.

“MÃE 3 – Mas não tem a possibilidade dos Grupos Interativos voltar a partir do 6º ano também?”

CIBELLE – Vocês acham que isso seria uma boa opção pra vocês?

MÃE 1– Eu acho.

MÃE 4– Eu queria muito.

MÃE 3 – Eu acho que seria uma boa opção, porque como a gente falou, a gente veio na primeira reunião, teve a entrega do boletim e a gente acabou não conhecendo os professores. Eu conheço os alunos, porque agora mesclou. Mas se o 6º ano continuar dessa forma, eu acho que pra eles é uma situação boa e pra nós também. Porque foi um saldo positivo. Eu lembro que o Rodrigo melhorou bastante em português. A de português eu não participei, mas ele melhorou bastante. Não lembro qual que era a mãe. Mas falou assim, a mãe de alguém veio e ajudou bastante em português. Eu pensei assim, “eu posso te ajudar um pouco, mas muito não.” Mas ele ficou bem contente com essa interatividade. Eu acredito que é válido, enquanto eles querem ainda, porque a gente sabe que tem esse desejo, que é legal os pais virem, eles ainda gostam, mas não sei se vai chegar um momento que eles não vão querer mais, mas por enquanto eu acho que seria válido continuar com essa parte do ensino...”

Além disso, mostram sua admiração pelo professor, respeito pelo processo educativo. *“Então, o professor tem uma forma de ensinar, de educar, de formar novos cidadãos. Os pais ensinam, educam, formam, mas é na escola que ele aprende mais do que os próprios pais. Os pais ensinam a respeitar, a ser um bom cidadão, mas na escola ele aprende o que que ele vai ser lá na frente.”* (Mãe 4)

5.5.9 Disponibilidade dos pais para participar dos Grupos Interativos

Os Grupos Interativos acontecem quinzenalmente e as professoras comentam sobre a frequência com que os pais dos alunos costumam ir aos GI. Não há tanta aderência dos pais para participar, por isso as professoras precisam preencher a ausência deles com as estagiárias que trabalham na escola, chamadas de monitoras de aprendizagem. Algumas vezes, por não saberem da necessidade com antecedência, precisam procurar voluntários para a participação, poucos minutos antes da atividade começar.

“CIBELLE - Qual é a média de visitas por quinzena que você tem de pais?”

PROFESSORA 4 - Dois. No máximo dois.

CIBELLE - E aí, os outros grupos ficam com...

PROFESSORA 4- Com os monitores...

PROFESSORA 1 - Com os monitores nossos...

PROFESSORA 4- E aí, é uma dificuldade.

PROFESSORA 1- Porque nós estamos com falta de três monitores...

PROFESSORA 4- Porque aí eu preciso... minha monitora vai atrás de monitoras, aí entra monitora na minha sala: - “olha, eu vou ficar um pouco e depois vou sair”. Então isso é muito ruim. Para os alunos, para o professor. Desgastante mesmo.

PROFESSORA 1 - Desgastante.

PROFESSORA 4 - Porque a gente fica preocupada em fazer um bom trabalho, da importância do tutor lá. E fica um entra e sai, entra e sai de monitores...

PROFESSORA 2- Aí acaba não tendo um plano B...”

As professoras entendem que os pais que podem comparecer aos GI são aqueles que estão desempregados. *“Eu tenho um (pai) também que sempre vem. Vêm porque estão desempregados. Todos os que frequentam estão sem emprego.”* (Professora 1). Há professoras que acreditam que o trabalho impede a maior participação dos pais.

“PROFESSORA 4 - Sobre os pais eu percebo é que, tem um pai que vem, e às vezes vem com muito medo. E aí, parece que quando a gente explica que ele não precisa ensinar, qual é o papel dele no grupo, parece que dá uma aliviada, mas em geral, tem alguns pais que vêm uma vez e não voltam.

CIBELLE - Vocês imaginam o porquê disso?

PROFESSORA 1 - Eu não vejo que seja o “não saber”; está associado à dificuldade dele. Eu acho que o que impede é o trabalho deles.”

Contudo, pais e mães apontaram a necessidade de agendar com antecedência os Grupos Interativos, por que esse é o maior impedimento para o sucesso da atividade. Segundo eles, se o convite para participar acontecesse no início do ano letivo, com todas as datas disponíveis, haveria muito mais adesão das famílias para participar, mesmo daqueles que têm empregos.

“MÃE 2 - Eu acho que no Grupo Interativo o que a gente tem como desafio é a questão do tempo. É a disponibilidade, porque eu vejo que todas as mães gostam muito. Quando eu vim, inclusive, eu já queria vir na próxima semana, mas os períodos pra virem eram em espaços grandes porque iam revezar os pais. Mas o nosso grande desafio é o tempo, pra a gente estar aqui mais tempo com eles.

CIBELLE – E vocês me falaram dos Grupos Interativos. Como funciona? A professora manda um bilhete na agenda, como é pra vocês virem?

PAI 1– É com bilhete. Aí você coloca se sim ou não.

MÃE 3 – É convite.

CIBELLE – É um convite, aceita quem quer, quem pode?

MÃE 4– Ninguém é obrigado.

MÃE 7– É uma seleção. Uma semana vêm uns pais, e outra semana vêm outros. Não é preciso vir tudo no mesmo dia.

MÃE 2– Uma coisa que eu acho que teria mais participação seria a antecedência. Por exemplo, essa notificação que eu recebi. Pra gente ter esse tempo aqui, dia 19. Então, digamos, aquele pai que trabalha vai agendar a consulta pro filho no final de semana, ele já não consegue comparecer. Eu acho que ia ter um número maior de pessoas se fosse, digamos, uma semana antes, com uma antecedência melhor, pra pessoa se programar e conseguir vir. Já teve eventos aqui que eu, infelizmente, não consegui, porque tinha consulta da minha filha, ou já tinha um compromisso marcado, a gente não consegue desmarcar. Então, infelizmente, eu não consegui.

MÃE 3– A primeira vez que eu participei do Grupo Interativo, quando veio o convite, primeiro veio as datas possíveis, e as matérias que você escolhia. É porque no segundo, fala assim: “você vai permanecer, participando do Grupo Interativo? Aí sim, aí já vinha num período... porque como no primeiro convite você já disse quando você poderia participar, e a matéria de preferência, eu pelo menos escrevi na agenda: “posso sempre às quartas feiras”, que é dia de menor fluxo no meu serviço. Aí eu sempre que eu vinha, era o dia de quarta, era de matemática. Tinha outras também que eu coloquei o “xizinho” em todas, porque era o 5º ano, que é na realidade a nossa 4ª série. Então tinham todas matérias, aí conforme vinha o convite, você aceitava, passava um período – esse foi o primeiro ano – passava um período, e você recebia a notificação “essa semana vai ser o dia de você participar do Grupo Interativo”. Aí ia mudando, cada quarta feira era um grupo de pais diferentes que vinham.

CIBELLE - Então, vocês acreditam que a comunicação com a escola é boa?

MÃE 2 – Sim, a comunicação é boa, mas acho que precisava ser um pouco antes. Ter um prazo maior pro pai se organizar, porque eu tenho uma filha. E o pai que tem dois ou três filhos que tem que se organizar, ver alguém pra deixar o filho. Eu acho que ia ter uma participação muito maior de pais aqui nos eventos que são marcados. Porque a gente quer estar junto. Quer participar, mas nem sempre a gente consegue com os compromissos que a gente tem em casa, com as coisas.”

5.5.10 Violência no cotidiano

Pais e mães apontaram também que a violência no âmbito escolar predominantemente nas escolas públicas, os assusta.

“MÃE 2 – A violência está muito presente na escola pública.

MÃE 4 – As drogas...

MÃE 2– A mídia trazendo à tona.... Assim, a sociedade, a mídia trazendo à tona. Digamos, dando mais valor pra aquela pessoa que faz coisas erradas, do que aquilo que é certo. E no ponto de vista das crianças, elas vendo isso, vendo a violência na rua, acabam levando pra escola. E aí, algum professor, eu acho que não se arrisca no sentido de chamar a atenção da criança. Não existe aquele devido respeito, na grande maioria. Existem exceções, mas a violência tá muito grande...

MÃE 5 – Aí o professor é ameaçado...

MÃE 6 – Acho que os pais levam muito também. Essa falta da mãe e do pai em casa, porque a mãe trabalha, não tem tempo de estar com os filhos, o pai trabalha. Então,

deixa muito essa obrigação pra escola. Então, você vê essas crianças, como ontem o caso que aconteceu, do menino atirar nos colegas.... Essa mãe e esse pai eram policiais e não viam que essa criança sofria bullying. Não tinham esse contato que a gente tem em casa, com os nossos filhos de conversar, de sentar, de saber como está sendo na escola. Eu sempre converso com as minhas filhas: não cometam nenhuma injustiça com os seus colegas, não façam bullying com ninguém, e se sofrerem, traz pra dentro de casa. Esse contato, essa conversa de querer saber. Não só das notas, não só das matérias, mas saber de como é o relacionamento deles...”

Mesmo levantando esses problemas, mostram-se bastante abertos ao diálogo com os filhos e tranquilos dos filhos estudarem na escola. Comparando com os dados obtidos no questionário dos alunos, na EC, a frequência de situações que ocorrem delitos ou que os alunos não se sentem seguros é mínima (Tabela 2, p. 18)

Tavares e Pietrobom (2016) afirmam que os impactos da violência escolar atingem principalmente os estudantes mais desprivilegiados. Além disso, têm consequências que perduram por toda a vida, pois os alunos que têm histórico de violência escolar estão mais propensos a não finalizar o ensino médio e ter menores chances de empregabilidade, alargando a desigualdade em que vivem.

Nos relatos dos pais, fica evidente que em seu cotidiano há muitas situações de violência e criminalidade.

“MÃE 4 – Na minha cidade, eu tinha uns 13 anos e tinha um senhor que vendia coentro, tempero no cesto de porta em porta. Começou a sumir criança de 10 a 13 anos, meninas. Sumir. Ao todo, foram 9 meninas que desapareceram. E a polícia não achava. Não achava. Inventou que era o homem que passou e levou. A minha mãe não trabalhava fora. Ela vendia geladinho e salgado na porta de casa, porque ela optou por ficar com os filhos. Eu era uma menina, além de três meninos homens. Então, eu só brincava do que os meninos brincavam, entendeu? Aí os meninos: “vamos jogar bola?” Eu falei: “vamos jogar bola”. Aí achei estranho, porque o homem, ele cavava um buracão, um buracão, um buracão pra plantar coentro. Aí eu cheguei em casa e falei assim: “mãe, pra plantar coentro, tem que cavar um buracão?” Ela falou: “Não. A gente joga a terra pra cima e planta assim.” Aí um pai de uma criança que estava desaparecida, ele começou a investigar ele mesmo, porque a polícia não achava, aí um sargento juntou com esse pai e começaram a investigar por fora. Todas as crianças que ele pegou, que ele estuprou, enterrou onde ele plantava o coentro...”

MÃE 5 – Nossa!

MÃE 1– Meu Deus!

MÃE 4 – Acharam mais de 13 corpos de meninas desaparecidas. E era uma pessoa que andava no meio da gente, que a gente tinha confiança. Aí eu falo pra minha filha, quando ela fala bem assim, da sacada do quarto: “mãe, as mães das meninas, deixam elas brincarem na viela. Você não deixa eu brincar na viela!” Aí eu falei assim: “eu não deixo, por dois motivos: porque você não me vê na viela e porque a mãe dessas crianças, deixa as crianças na viela, e as crianças batem perna na favela toda e ela não sabe.

MÃE 7– Tem muito parente de fora que você nem conhece. Eu moro também em viela e também tem outra viela assim e fica transitando muita gente. A pessoa sai da casa, vende a casa pra outro, recebe final de semana muita gente...”

5.6 ANÁLISE DA ENTREVISTA COM AS PROFESSORAS

A entrevista feita com as professoras foi realizada no mês de setembro de 2017, com quatro docentes que participaram dos Grupos Interativos. Três delas fazem os Grupos Interativos desde 2016, enquanto uma fez o projeto piloto e inseriu os GI em suas práticas desde 2015. O encontro foi feito na própria escola, no turno inverso ao que as professoras lecionavam.

No encontro também optamos por uma entrevista semiestruturada, apoiando-nos nas respostas dos sujeitos para fazer novos questionamentos. Também para esse encontro, propiciamos um ambiente mais informal, em uma sala de aula do colégio, e posicionamos as cadeiras formando um círculo. Foi combinado com as professoras que poderiam expressar-se a qualquer momento, sem protocolos predefinidos. A entrevista teve duração de aproximadamente 50 minutos

Além dos aspectos em comum com a entrevista dos pais, que já examinamos, ao analisar a entrevista das professoras abordamos dois aspectos que foram evidenciados exclusivamente nas suas falas. São eles:

1. Maior rendimento dos alunos com os Grupos Interativos
2. Aproveitamento melhor do tempo com Grupos Interativos

5.6.1 Maior rendimento dos alunos com os Grupos Interativos

Crahay, em sua obra, enfatiza que para haver equidade, é necessário que haja “igualdade de conhecimentos adquiridos” (Crahay, 2013). Ou seja, os alunos são capazes de aprender todos os conteúdos propostos, contanto que se considerem os

tempos de aprendizagem e que sejam propiciadas circunstâncias educativas que priorizem a qualidade.

Para contemplar e atingir os resultados esperados para todos os alunos, pagantes e bolsistas, as professoras da EC fazem escolhas e intervenções para que as desigualdades nos conhecimentos escolares, sociais e culturais sejam consideradas e possam ser reduzidas.

Acreditava-se que para diminuir as desigualdades sociais era necessário ofertar igualdade de acesso à educação para todas as pessoas. Contudo, esse modelo de meritocracia escolar não elimina desigualdades de desempenho entre os grupos sociais, tampouco diminui as diferenças entre meninas e meninos, por exemplo. Pelo contrário, constatou-se que “as desigualdades sociais pesam muito nas desigualdades escolares.” (DUBET, 2004, p. 542) Esse modelo reforça a ascensão do mais privilegiado, acentuando assim a desigualdade.

Além disso, quando inserido no modelo meritocrático, aquele que fracassa não é considerado vítima de qualquer injustiça social, mas é responsabilizado por não ter tido sucesso, pois lhe foi dada a oportunidade de acesso à escola. Assim, o mérito passa a legitimar as desigualdades escolares.

Para Dubet (2004) para obter mais justiça, seria necessário que a escola reconhecesse as desigualdades e procurasse compensá-las.

“PROFESSORA 1- A exigência é igual. Tanto dos alunos pagantes quanto dos alunos bolsistas. Só que os nossos, eles não têm conhecimento de mundo e vivência quanto os outros têm.

PROFESSORA 3 - É diferente o conhecimento de mundo deles.

PROFESSORA 1 - Eu estou falando que eles não têm. Então, o que acontece, é muito grande a diferença, e nós, professoras aqui, eu acho que a gente tem um papel grande de busca. Nós buscamos muito mais pra poder favorecer nossos alunos pra ter esses resultados. Por isso que quando você fala que a gente busca muito, a gente busca muito sim, porque eu acredito que os nossos tenham... A gente trabalha de uma forma que traga para eles o que está faltando a eles...”

Na fala da Professora 1 fica claro que o corpo docente está empenhado em propiciar uma educação de qualidade para que todos os alunos tenham os altos rendimentos que a escola espera deles. Trata-se, no caso, de buscar a equidade, ou seja, de oferecer mais justamente a quem mais precisa. No entanto, quando a professora enfatiza isso, deixa claro que os conhecimentos que os alunos têm, muito

mais ligados aos saberes cotidianos, não são valorizados por ela em relação aos conhecimentos acadêmicos.

Já a Professora 3 parece considerar que os conhecimentos do cotidiano de seus alunos são também formas de saberes não menos importantes para a sua aprendizagem escolar. Ela não parte do pressuposto de que “faltam” a esses alunos os saberes da experiência. Admite que eles podem ser de natureza diferente daqueles dos alunos pagantes, mas considera a possibilidade de que as experiências de vida desses alunos sejam também valiosas.

No que diz respeito ao rendimento dos alunos, as professoras não conseguem avaliar se os GI são responsáveis pelo seu maior aproveitamento, contudo parece que o trabalho realizado tentando reduzir desigualdades de conhecimentos é essencial para que os alunos avancem. Uma dessas ações são as aulas de apoio, para as quais cada professora faz um planejamento de recuperação contínua. Nele, a professora mapeia as dificuldades dos alunos e prepara intervenções específicas, para minimizar os impasses e preparar melhor os alunos, reduzindo assim a quantidade de estudantes em recuperação e, conseqüentemente, de reprovados.

“Então é assim, como é que eu vejo e me sinto fazendo esse trabalho: acho que ainda é um ano de experimentação. São dois anos, mas ainda estou experimentando. Dá resultado? Eu não sei ainda, porque acho que a gente precisa de um tempo maior, até pra ver como é que ficam as notas desses alunos, se realmente isso traz um resultado. Eu não consigo dimensionar se o que está fazendo o meu aluno avançar são os Grupos Interativos, se é o Apoio, as intervenções que eu preparo no Apoio, os planos de ação que eu preparo dentro da sala de aula... ainda não consigo dimensionar o que está fazendo com que esse aluno avance, mas é fato que, o que acontece no Grupo Interativo eu vejo os alunos trocando. No 5º ano... eles trabalham seriamente. Eles não ficam brincando...” (Professora 4)

Entretanto, as professoras relatam gostar do formato do GI, pois na troca entre alunos, professores e pais dos alunos, os alunos, além de apreciarem diferentes pontos de vistas e intervenções, têm uma devolutiva mais imediata do seu processo de aprendizagem.

“CIBELLE - Eu entendo que vocês me disseram aqui que têm muitos pontos positivos, principalmente na relação, e que na aprendizagem, vocês vão saber daqui um tempo, vocês sentem que teve alguma melhora, mas vocês não podem atribuir...”

PROFESSORA 2 - ... afirmar que foi por isso.

PROFESSORA 4 - A gente não tem essa dimensão...

PROFESSORA 2 - Acho que contribui também...

PROFESSORA 4 - Mas acho que é uma atividade muito boa e que contribui para o aprendizado. Na medida que o aluno tem um feedback imediato, seja de um colega, seja de um pai, ou mesmo da professora, isso só tem a contribuir.”

Também o clima escolar positivo e altas expectativas de aprendizagem dos alunos impulsiona os profissionais da escola para uma constante busca por melhores estratégias e, conseqüentemente, melhores resultados.

“PROFESSORA 4 - Na minha opinião, é uma escola bastante exigente. Muito. Exige muito do professor, muita dedicação, muitas horas além daquelas que a gente tem contratualmente. E existe muita pressão pelos resultados. Então, a gente abraça qualquer coisa, qualquer coisa assim...

PROFESSORA 2 - O que é proposto...

PROFESSORA 4 - É... A gente busca muitas estratégias em busca desses resultados. Então, os Grupos Interativos, apesar de terem sido uma proposta que foi da direção para os professores, é uma atividade que eu gosto...

PROFESSORA 3 - Positiva...”

5.6.2 Aproveitamento melhor do tempo com Grupos Interativos

As professoras relataram também que os GI são propostas que otimizam o tempo em sala de aula. Nesse sentido eles são apreciados sobretudo porque, do ponto de vista das respostas docentes às demandas da escola, os GI são bastante operacionais. Nesse formato há a possibilidade de planejar de três a cinco atividades concomitantes para os alunos.

“PROFESSORA 4 - Agora, o Grupo Interativo, atende um pouco essa nossa angústia do tempo (risos).

PROFESSORA 1 - Você acaba colocando nos Grupos Interativos aquilo que não deu pra contemplar durante a semana.

PROFESSORA 4 - Ou então você conta com ele: essa semana eu vou dar Grupo Interativo. São cinco atividades...

PROFESSORA 4 - Enquanto professora, às vezes eu vou trabalhar uma atividade e chego a pensar: se essa atividade fosse no Grupo Interativo ia ser bem melhor, porque eu não ia ficar um tempão corrigindo...

PROFESSORA 1 - É verdade, é verdade...

PROFESSORA 3 - Dispersa mais, não é?

PROFESSORA 4- Dispersa. No Grupo Interativo, eles ficam concentrados, fazem no tempo, corrigem, então você só fica com a dúvida.

PROFESSORA 2- Porque em 1h30 eles fazem três atividades.

PROFESSORA 1- E corrigidas.

PROFESSORA 4 - Às vezes numa aula normal você leva 45, 50 minutos.

PROFESSORA 1 - Otimiza! Eu acho que otimiza o planejamento, dá ritmo. Eu sou muito a favor. Gosto muito.”

Evidencia-se nas falas das professoras, que a escola tem um planejamento pautado nas altas expectativas e na grande quantidade de conteúdos. No entanto, mesmo nessa perspectiva, as professoras mostram que sua prioridade é a aprendizagem dos alunos.

“PROFESSORA 4 - Se uma atividade foi planejada pra uma aula, mas...

PROFESSORA 1 - Não deu...

PROFESSORA 4 - Eu estou usando a segunda aula, escolho sempre o aluno. Então, eu sou sempre uma professora que estou atrasada no planejamento...”

Essa observação mostra o empenho da professora no sentido de buscar a redução das desigualdades na sala de aula a despeito das pressões que sofre sobre a aceleração do ritmo das aprendizagens.

Capítulo 6
CONSIDERAÇÕES FINAIS

A desigualdade social no Brasil é muito grande e evidente. No levantamento feito para o Relatório de Desenvolvimento Humano do PNUD constatou-se que a renda dos 20% da população mais rica é 21 vezes maior do que a renda dos 20% da população mais pobre (PNUD, 2013)

Embora o acesso à educação tenha melhorado mesmo para a parcela da população menos privilegiada, ainda permanece a desigualdade nas oportunidades e nas condições educacionais oferecidas. E as crianças e adolescentes ainda são as principais vítimas dessas desigualdades.

Segundo Crahay (2013), para reduzir o índice de desigualdade entre a parcela da população mais privilegiada e menos privilegiada é necessário investir nos grupos com desvantagem de direitos e oportunidades. Ao destinar os esforços para essa parcela da população, dois aspectos são reforçados. Quando os recursos são destinados a quem tem menos, a desigualdade é fortemente combatida. Quando há investimentos na educação, os rendimentos escolares, de modo geral, elevam-se.

Conforme atesta a literatura, a variação do rendimento escolar está intrinsecamente relacionada ao nível socioeconômico do aluno. Contudo, há mais fatores que influenciam as desigualdades escolares, entre eles, questões culturais, de gênero e de origem étnico-racial que contribuem para alargar ou reduzir as possibilidades de inclusão.

Por isso, para tentar reduzir as desigualdades é necessário entendê-las em uma perspectiva ampla. Quando escolas que têm como público crianças de baixa renda baixam as expectativas de aprendizagem ao pressupor que essa é a maneira de garantir um bom rendimento por parte dos alunos, elas não diminuem a desigualdade e sim reforçam desvantagens.

A Escola Comunitária tem seu mérito, pois estende aos estudantes bolsistas as mesmas expectativas de aprendizagem que tem em relação aos alunos pagantes. Para suprir possíveis defasagens que os alunos da EC apresentam os seus profissionais tomam algumas providências como as aulas de apoio. São três dias por semana, nos quais os professores fazem aulas de 45 minutos para garantir que todos os alunos estejam equiparados em seus conhecimentos básicos. Nesses dias, as professoras convocam somente os alunos que estão com dificuldades específicas, e esse grupo é mutável de acordo com os objetivos alcançados, o que

também contribui para não marcar sempre os mesmos alunos como “os mais fracos”. Por isso, há necessidade de fazer avaliações e sondagens periódicas junto aos estudantes e diagnosticar os conteúdos que precisam ser reforçados. Quando existe essa preocupação em aumentar o desempenho dos estudantes com maior dificuldade, a chance de haver fracasso escolar fica muito menor, pois as dificuldades são sanadas durante o processo e não acumuladas para o final do ano. Dessa forma, evitando ao máximo o fracasso escolar, há maiores oportunidades de aprendizagem que, por sua vez, têm o potencial de contribuir para reduzir as desigualdades sociais a longo prazo.

Tanto nos GI como nas aulas de apoio e em outras situações educativas propostas pela escola, os altos níveis de exigência que a instituição tem com os alunos fica evidente. As altas expectativas por parte da gestão da EC são repassadas aos professores, e evidencia-se a necessidade de se realizar um trabalho de excelência, principalmente, no que diz respeito aos resultados obtidos pelos alunos. Esse nível de exigência faz que os professores sempre busquem estratégias para alcançar altos rendimentos, e por assim dizer, aceitar as propostas da direção para atingir esses objetivos.

Os GI é uma estratégia interessante proposta pela Universidade de Barcelona, contudo, os valores que a norteiam são essenciais para o sucesso da atividade. Nessa perspectiva, é necessário retomar a questão da educação dialógica. Esse termo, como já explicado, é um dos pilares teóricos na implantação das Comunidades de Aprendizagem.

A educação dialógica pressupõe a troca multilateral, recíproca, que resultará em aprendizagens para todos os envolvidos, e para tanto contribui o clima escolar de respeito e colaboração entre todos os profissionais da escola e a comunidade escolar. No caso dos Grupos Interativos, espera-se que os pais entendam o funcionamento da escola, das propostas apresentadas, das relações interpessoais desenvolvidas por seus filhos. Esse seria um primeiro caminho para estreitar as relações com eles. Mas não cabe só aos pais aprender. A expectativa é que escola, os professores, funcionários e a gestão, por meio do esforço de aproximação, também compreendam melhor aspectos referentes ao comportamento e experiência dos pais e alunos que atendem e revejam no que for preciso as suas próprias maneiras de atuar perto a essa população e de desenvolver as práticas de ensino. Trata-se de uma oportunidade para conhecer um pouco mais a respeito do

seu cotidiano, suas profissões, suas relações familiares, ouvir as suas histórias de vida e aspirações, superando estereótipos sobre a população das comunidades, criando empatias e solidariedades. É provável que em muitos aspectos sejam descobertas pessoas com habilidades e competências entre os profissionais da escola e a comunidade que merecem ser apreciadas por todos, do mesmo modo que podem ocorrer trocas recíprocas, valiosas do ponto de vista cultural e social.

Embora as professoras valorizem a presença dos pais nos Grupos Interativos, ainda não fica evidente que estejam convencidas de que a experiência dos pais, normalmente não tão associada aos conhecimentos acadêmicos e sim aos conhecimentos práticos cotidianos, seja realmente importante. A finalidade da proposta é que haja uma relação de respeito entre todos os atores da comunidade escolar, e que as desigualdades sejam reduzidas, por meio da inclusão.

Na aprendizagem dialógica as professoras são profissionais em desenvolvimento, que aprendem também experimentando novas formas de abordagem e refletindo sobre o trabalho com os seus alunos e com o contato com os familiares. Os GI são, por sua vez, instrumentos que podem aprimorar o capital sociocultural da escola ao propiciar maior interação entre pais, filhos e professores e dar aos adultos responsáveis pela sua educação – e isso engloba todos aqueles com quem os alunos interagem – condições de oferecer apoio mais adequado à educação das crianças e adolescentes.

Ao analisar os GI da escola em questão, pode-se observar que alguns pressupostos ainda não foram plenamente alcançados, uma vez que não se trata meramente de aprender e aplicar uma técnica ou estratégia de ensino. Não há nenhuma iniciativa da escola para fortalecimento da interação com a comunidade a não ser a que a protagonista seja a própria escola. Outras situações, a partir dos GI, poderiam ser criadas com os pais para fomentar uma relação mais colaborativa e participativa, em que o seu protagonismo se tornasse mais evidente e valorizado.

O próprio aspecto do agendamento antecipado dos GI poderá receber maior consideração. A participação dos pais ainda é muito incipiente. Somente aproximadamente 30% deles já tomaram parte dos GI. Uma sugestão dos pais e mães para que para a participação seja efetiva, é a previsão com bastante antecedência das datas e a explicitação das expectativas da escola em relação à sua participação nos GI. Um dos princípios a serem adotados para a escola que adere às Comunidades de Aprendizagem é que ela favoreça uma participação

efetiva dos pais, e para isso, cabe a ela manejar horários e explicitar objetivos para que a comunicação seja transparente.

Essa transparência e parceria são certamente aspectos que poderão ser mais explorados nos Grupos Interativos, ao lado da crescente consciência de que as professoras e gestoras também têm muito a aprender com os saberes dos pais, da comunidade e dos seus próprios alunos, a respeito do que eles fazem fora da escola.

Essas características influenciam em aspectos do clima escolar positivo, que são apontados para assegurar o bem-estar das crianças, a sua saúde mental e física (Thapa et al., 2013), mas também devem estar relacionadas à sua contribuição para a mitigar o efeito negativo que as desigualdades sociais trazem ao desempenho acadêmico.

REFERÊNCIAS

- ANDERSON, Carolyn. The Search for School Climate: a review of the research. *Review of Educational Research*, 52, 368-420, 1982.
- ANDRÉ, Marli O que é um estudo de caso qualitativo em Educação? Educação e Contemporaneidade – Revista FAEEBA , vol 22, n. 40, p.95-104, julh/dez 2013.
- AUBERT et al. *Aprendizagem dialógica na Sociedade da Informação*. São Carlos: EdUfscar, 2016.
- AUSUBEL, D. P. A Subsumption Theory of Meaningful Verbal Learning and Retention. *The Journal of General Psychology*, 66, 213-224, 1962.
- BARDIN, L. *Análise de Conteúdo*. Lisboa, Portugal; Edições 70, LDA, 2009.
- BROOKOVER, W., BEADY, C., FLOOD, P., SCHWEITZER, J., & WISENBAKER, J. *Schools can make a difference*. Washington, DC: National Institute of Education, 1977.
- BROOKOVER, W. B., SCHWEITZER, J. H., SCHNEIDER, J. M., BEADY, C. H., FLOOD, P. K., & WISENBAKER, J. M. Elementary school social climate and school achievement. *American Educational Research Journal*, 15, 301–318, 1978.
- CRAHAY, M.; BAYE, A. *Existem escolas justas e eficazes?* Esboço de resposta baseado no PISA 2009. *Cad. Pesqui.*, São Paulo, v. 43, n. 150, p. 858-883, Dez. 2013.
- CRAHAY, Marcel. Como a escola pode ser mais justa e mais eficaz?. *Cadernos Cenpec | Nova série*, [S.l.], v. 3, n. 1, dec. 2013.
- CARVALHO, Maria Eulina Pessoa de. *Modos de Educação, Gênero e relações Escola-Família*. Educação e Núcleo Interdisciplinar de Pesquisa e Ação sobre a Mulher e Relações de Sexo e Gênero. Universidade Federal da Paraíba. João Pessoa, 2004.
- DUBET, François. O que é uma escola justa?. *Cad. Pesqui.*, São Paulo , v. 34, n. 123, p. 539-555, Dec. 2004 .
- ELBOJ, C., I. PUIGDELLÍVOI, M. SOLER, R. VALLS . *Comunidades de aprendizaje. Transformar la educación*. Barcelona: 2002
- FRANCO, Maria Laura P. B. *Análise de Conteúdo*. Brasília: Liber livro editora, 2008.
- FREIRE, Paulo. *Extensão ou comunicação?* Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1979.
- FREIRE, Paulo. *Pedagogia da esperança: um reencontro com a Pedagogia do oprimido*. Paz e Terra; 1997.
- FULTON, I. K., YOON, I., & LEE, C. *Induction into learning communities*. Washington, DC: National Commission on Teaching and America's Future, 2005

HALPIN, Andrew W.; CROFT, Don B. *The organizational climate of schools*. Chicago: Midwest Administration Center Of The University Of Chicago, 1963.

HARGREAVES, Andy. *O ensino na sociedade do conhecimento: A educação na era da insegurança*. Porto Alegre: Artmed Editora, 2004.

HONNETH, A. *Luta por reconhecimento: A gramática moral dos conflitos sociais*. São Paulo: Ed. 34, 2003.

IBGE. Brasil em síntese. Distribuição das pessoas de 25 anos ou mais de idade, por sexo, segundo os grupos de anos de estudo - Brasil - 2014 Disponível em < <http://brasilemsintese.ibge.gov.br/educacao/anos-de-estudo-e-sexo.html> > Acesso em: 20 de dezembro de 2016.

INCLUD-ED. *Actuaciones de éxito en las escuelas europeas*. Madrid: Instituto de Formación del Profesorado, Investigación e innovación Educativa, 2011.

INCLUD-ED. *Strategies for inclusion and social cohesion from education in Europe*. Bruxelas: Comissão Europeia, 2006-2011.

LOUZANO, Paula. Fracasso escolar: evolução das oportunidades educacionais de estudantes de diferentes grupos raciais. Cadernos Cenpec | Nova série, [S.l.], v. 3, n. 1, dec. 2013.

MARTINS, J. de S. *Exclusão Social e a Nova Desigualdade*. São Paulo: Paulus, 2007.

MEC. *Piso salarial dos professores passará a valer R\$ 2.135,64*, 2016. Disponível em: < <http://portal.mec.gov.br/component/content/article?id=33421>>. Acesso em: 12 out. 2016.

NATIONAL SCHOOL CLIMATE COUNCIL. *The School Climate Challenge: Narrowing the gap between school climate research and school climate policy, practice guidelines and teacher education policy*, 2007. Disponível em: <http://www.schoolclimate.org/climate/advocacy.php>. Acesso em: 13 de out. 2016.

PNUD. *Human Development Report 2012*. New York: Oxford University Press, 2013.

SALVADOR, C. C. et al. *Psicologia do ensino*. Porto Alegre: Artmed, 2000.

SÁNCHEZ AROCA, M. *La Verneda Sant Martí: A school where people dare to dream*. Harvard Educational Review, 69(3), 320-335, 1999.

SERRADELL, O.; RACIONERO, S. *Antecedentes de las comunidades de aprendizaje*. Educar: Bellaterra, 2005.

SILVA NETO, Cláudio Marques da; BARRETTO, Elba Siqueira de Sá. (In)disciplina e violência escolar: um estudo de caso. Educ. Pesqui., São Paulo, 2018

SZYMANSKI, Heloisa; ALMEIDA, Laurinda Ramalho de; PRANDINI, Regina Célia

Almeida Rego. A entrevista na pesquisa em educação: a prática reflexiva. Brasília: Editora Plano, 2002.

TAVARES, P. A; PIETROBOM, F. C. Fatores associados à violência escolar: evidências para o Estado de São Paulo. *Estud. Econ.*, São Paulo , v. 46, n. 2, p.471-498, Jun 2016 .

THAPA, A., COHEN, J., GUFFEY, S., & HIGGINS-D'ALESSANDRO, A. A review of school climate research. *Review of Educational Research*, 83(3), pp. 357-385, 2013.

TREVIÑO, Ernesto et al. *Factores asociados al logro cognitivo de los estudiantes de América Latina y el Caribe*. Oficina Regional de Educación de la UNESCO para América Latina y el Caribe (OREALC/UNESCO Santiago) y del Laboratorio Latinoamericano de Evaluación de la Calidad de la Educación – LLECE. Santiago, 2010.

ANEXOS

1. TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

A finalidade deste estudo é verificar a relação entre as atividades desenvolvidas pelos Grupos Interativos e o desenvolvimento dos alunos na escola que atende a comunidade de baixa renda. Os procedimentos da pesquisa preservarão a identidade da escola e dos sujeitos envolvidos. Aos participantes caberá o direito de se retirar do estudo a qualquer momento, se o desejarem, sem prejuízo algum para eles. O trabalho terá divulgação acadêmica, e espera-se que os resultados contribuam para melhor conhecimento do tema estudado e para o aprimoramento de práticas integradoras nesta e em outras escolas.

São Paulo,..... dede.....

Nome

Assinatura do sujeito ou seu representante legal

Tipo de participação na comunidade escolar:

Professor (); Coordenador pedagógico(); Orientador pedagógico ();

Diretor (); Pai de aluno().

2. SONDAGEM PRELIMINAR SOBRE O ÍNDICE DE SATISFAÇÃO DOS PROFESSORES

Nome: _____ Data: _____

1. Indique qual é o seu grau de satisfação sobre os seguintes aspectos:

ENQUANTO PROFESSORA DE ALUNOS NÃO PAGANTES				
	Muito Satisfeito	Satisfeito	Pouco Satisfeito	Nada Satisfeito
Seu salário				
Sua possibilidade de desenvolvimento profissional				
Sua relação com o diretor				
Sua relação com os alunos				
Sua relação com os pais dos alunos				
O apoio recebido por parte do coordenador pedagógico				
Sua relação com a orientadora pedagógica				
Sua relação com a comunidade escolar				
A liberdade para realizar seu trabalho				
Sua relação com os auxiliares de disciplina				
Sua relação com a bibliotecária				
O apoio dos seus colegas				
O respeito que os alunos mostram dentro da sala de aula				
O reconhecimento do diretor pelo seu trabalho				
As oportunidades de trabalhar em equipe com seus colegas				
Seu trabalho dentro de sala de aula				

3. QUESTIONÁRIO DESTINADO AOS ALUNOS DO 5º ANO

Nº do Aluno: 1

Turma: A B

Data: _____

1. Marque até onde seus pais frequentaram a escola.

	Mãe	Pai
Nunca foi à escola		
1ª a 4ª série– Primário/Ensino Fundamental I		
5ª a 8ª série– Ginásio/Ensino Fundamental II		
Ensino médio - Colegial		
Ensino Superior (Faculdade)		
Ensino Profissionalizante		

2. Na sua casa tem?

	Se sim, faça um X
Luz elétrica	
Água potável	
Esgoto	
Telefone Fixo	
Telefone Celular	
Internet (por cabo ou wi-fi)	
Televisão	
Rádio	
Computador	
Tablet	
Geladeira	
Fogão	
Micro-ondas	
Máquina de lavar roupa	
Carro	
Moto	
Bicicleta	

3. Quantos livros há em sua casa?

	Se sim, faça um X
Somente Bíblia	
Nenhum	
Até 10 livros	
De 11 a 50 livros	
Mais de 50 livros	

4. Como você se sente quando está na escola? Responda todos os itens, fazendo um X na alternativa que melhor responde à pergunta.

	Quase sempre	Às vezes	Quase nunca
Contente			
Chateado / Chateada			
Interessado / Interessada			
Nervoso / Nervosa			
Tranquilo / Tranquila			

5. Se disserem que você teria de se mudar de escola, como você se sentiria?

	Faça um X em uma única resposta
Ficaria contente	
Não faria diferença nenhuma	
Ficaria com pena	
Ficaria muito chateado	

6. Como é sua classe? Assinale sim ou não para as seguintes afirmações.

	SIM	NÃO
Nós nos damos bem com a maioria dos professores.		
Acho que maioria dos professores procura que os alunos se sintam bem.		
Acho que maioria dos professores escuta o que os alunos têm a dizer.		
Quando preciso de ajuda, os professores me ajudam.		
A maioria dos professores me trata bem.		

7. Como é sua escola? Assinale sim ou não para as seguintes afirmações.

	SIM	NÃO
Nós nos damos bem com os auxiliares de disciplina.		
Nós nos damos bem com a bibliotecária.		
Nós nos damos bem com a diretora.		
Nós nos damos bem com a orientadora educacional (SOE)		

8. Essas coisas acontecem em sua sala de aula? (Faça um X na frequência que isso ocorre.)

	Quase sempre	Às vezes	Quase Nunca
O professor espera muito até que os alunos fiquem quietos para começar as atividades.			
Os alunos escutam o que o professor diz.			
Tem muito barulho e bagunça na classe.			

9. Alguma dessas afirmações aconteceu na sua escola último mês? Assinale sim ou não.

	SIM	NÃO
Fui roubado dentro da minha escola.		
Alguém foi roubado dentro da escola.		
Fui insultado e ameaçado pelos colegas.		
Alguém da minha classe foi insultado e ameaçado por outro colega.		
Um colega me agrediu fisicamente e me machucou		
Outro colega agrediu fisicamente e machucou alguém da classe.		

10. Sobre os Grupos Interativos, como você se sente quando realiza essa atividade?

	Quase sempre	Às vezes	Quase nunca
Contente			
Chateado / Chateada			
Interessado / Interessada			
Nervoso / Nervosa			
Tranquilo / Tranquila			

11. Seus pais já participaram dos Grupos Interativos?

	Se sim, faça um X
Minha mãe e meu pai nunca participaram.	
Meu pai participou uma vez.	
Minha mãe participou uma vez.	
Meus pais participaram mais de uma vez.	

12. Se você pudesse escolher, gostaria que seus pais participassem dos Grupos Interativos? Por quê?

Sim	Não	Por quê?

13. Como é na sua casa? Assinale sim ou não para as seguintes afirmações.

	SIM	NÃO
Seus pais combinam com você um horário de estudo?		
Alguém verifica se você estuda todo dia?		
Alguém incentiva você a fazer suas tarefas?		

14. Assinale sim ou não para as seguintes afirmações.

	SIM	NÃO
Sua mãe ou seu pai vieram à Festa de Encerramento da escola no último ano?		
Sua mãe ou seu pai vieram no Portas Abertas da sua classe esse ano?		
Sua mãe e seu pai vieram na reunião de pais com a sua professora?		

15. Na sua casa, quando há dúvidas na tarefa, quem te ajuda?

	Se sim, faça um X
Mãe	
Pai	
Irmã ou Irmão	
Avó ou Avô	
Outros	

3. SONDAGEM PRELIMINAR SOBRE O ÍNDICE DE SATISFAÇÃO DA GESTÃO DA COORDENADORA

Data: _____

2. Indique qual é o seu grau de satisfação sobre os seguintes aspectos:

ENQUANTO COORDENADORA DE ALUNOS NÃO PAGANTES				
	Muito Satisfeito	Satisfeito	Pouco Satisfeito	Nada Satisfeito
Seu salário				
Sua possibilidade de desenvolvimento profissional				
Sua relação com o diretor				
A liberdade para realizar seu trabalho				
O apoio que a instituição oferece para você se aprimorar no seu trabalho				
O reconhecimento do diretor pelo seu trabalho				
O respeito dos professores pelo seu trabalho				
O trabalho em equipe dos profissionais da escola				
A comunicação entre os membros da escola				
A colaboração dos professoras nas atividades propostas pela coordenação				
A colaboração dos professoras nas atividades propostas pela direção				
O entusiasmo dos professores				
O orgulho dos professores em pertencer a escola				
O relacionamento entre os professores				
O relacionamento entre coordenador e professores				
O relacionamento entre os alunos.				
O relacionamento entre professores e direção				
O relacionamento entre todos os profissionais da escola				

4. SONDAGEM PRELIMINAR SOBRE O ÍNDICE DE GESTÃO DO DIRETOR

Data: _____

3. Em sua escola, como você percebe os seguintes aspectos?

	Muito Bom	Bom	Regular	Mau
A participação dos pais dos alunos				
O trabalho em equipe dos profissionais da escola				
A comunicação entre os membros da escola				
A colaboração dos professoras nas atividades propostas pela direção				
O entusiasmo dos professores				
O orgulho dos professores em pertencer a escola				
O relacionamento entre os professores				
O relacionamento entre professores e alunos				
O relacionamento entre os alunos.				
O relacionamento entre professores e pais de alunos				
A comunicação com as autoridade de ensino fora da escola.				
O relacionamento entre todos os profissionais da escola				

5. TRANSCRIÇÃO DA ENTREVISTA REALIZADA COM PAIS DE ALUNOS DO 5º ANO QUE FREQUENTARAM OS GRUPOS INTERATIVOS

CIBELLE - Quem pode me descrever como era o Grupo Interativo. O que vocês faziam no Grupo Interativo, como que era a atividade. Quem pode começar a falar?

MÃE 1 - Pra mim foi um prazer enorme participar. Eu saí daqui muito feliz das vezes em que eu participei. E eu ajudava as crianças ali, ficava ali orientando as crianças fazer o exercício. Apesar de eu não ter muito estudo, eu tenho uma inteligência interna aqui que eu uso bastante.

CIBELLE - Concordo!

Mãe 1- E a minha filha então, a felicidade dela é sem tamanho. Foi divertido também. Foi uma coisa séria, porém, com diversão e muita tranquilidade. Eu amei! Teve até uma história que as crianças colocavam nos exercícios delas, “corrigido pela mãe da Mariana¹²”... (risos).

CIBELLE - (risos) Que delícia!

MÃE 1 - A gente até brinca “o meu nome é a mãe da Mariana”. Todo mundo me conhece como “a mãe da Mari”. Ela está de prova, “a mãe da Mariana”. Pra mim foi uma experiência maravilhosa só de eu estar participando da escola. Inclusive, a primeira vez que eu vim eu falei: “nossa, filha, eu estou muito feliz, porque quando você era pequeninha, eu ficava pensando: Ah meu Deus, será que eu vou ter acesso à escola da minha filha? Será que eu vou saber como é lá dentro, o quê que elas fazem, como ela é tratada? E eu sempre estou procurando saber, então, o Grupo Interativo foi uma oportunidade excelente pra eu me sentir segura e pra ver como é a escola e tudo. Eu só tenho que elogiar. Muito bom.

MÃE 2 - Quando eu vim, foi a matéria de matemática que eu ajudei. A professora passou um determinado exercício, apresentou eu e a mãe que ficamos no dia pra ajudar e a gente foi auxiliando as crianças pra corrigir o exercício. A matéria em si, era uma matéria simples, pra gente também conseguir ter a compreensão ali. É legal porque a gente acaba interagindo com o dia a dia da criança. Ela passa um bom tempo aqui, meio período do dia dela passa aqui e a gente entra um pouco no mundo delas aqui, pra entender como é o comportamento no geral, como funciona tudo. Essa é uma parte do mundinho deles. E eu percebi que a minha filha ficou bastante empolgada com essa participação. Eu percebi que a minha filha ficou bastante empolgada, aquela alegria de “a minha mãe vai vir à escola”. É que pra mim, eu não consigo vir sempre, eu trabalho no centro da cidade. Então,

¹² Nome fictício usado para proteger a identidade dos alunos e pais.

dependendo dos horários, eu não consigo vir. Vem outras pessoas, a tia dela, o meu esposo. Só que eu, especificamente, não consigo. E eu percebo que ela quer que eu vá. Que eu esteja ali naquele momento. Então, acontece que quando dá, eu sempre faço o máximo pra estar, porque eu sei que é importante pra ela. Às vezes uma coisa simples - buscar na escola, levar na escola - coisas simples assim, faz diferença pra eles. Completa um pouquinho pra eles. Eu achei bem interessante, e fiquei muito feliz em participar.

MÃE 3 - A forma como é montada dentro da sala de aula que é interessante, porque você não ia exclusivamente pra ficar perto do seu filho, eram grupos montados e conforme o tempo - eu também fui em matemática, português e artes - então, você ficava um determinado período em um grupo, aí você conhecia os amigos dos seus filhos, via a forma que eles estudavam, qual era a dificuldade e a dificuldade que você tinha também. Aí passava um determinado tempo, você ia pra um outro grupo, e a mãe que estava ia pra outro grupo, pra professora ou instrutora que estava na sala. O interessante pra mim foi a matemática, porque eu sei fazer as contas de uma forma e eles sabem fazer de outra. E quando chegava em casa pra fazer a lição, eu não sabia fazer a forma, a divisão que ele faz, a multiplicação. Então, eu fazia do meu jeito, ele fazia do jeito dele, e no final a gente comparava os resultados. Então foi um aprendizado pra mim também ver como ele fazia uma conta de matemática, achar o sujeito do português, a forma de desenhar minha é outra e aquilo foi uma questão de troca. É a troca de, como vocês disseram, de estar ali com o seu filho, conviver o dia dele, mas a troca de saber quais são os amigos dele, como que ele estuda, como que o professor trabalha, a forma de montagem. A montagem do Grupo Interativo foi realmente pra interagir entre crianças, vocês, o filho. Sim, eles ficaram e eu fiquei super feliz em saber como que é a cena, o porquê disso. Eu levei pro meu trabalho, passei pra outras pessoas que eu convivo, passei pro abrigo aonde eu ajudo e é bem gratificante. Poder participar e ver que o resultado é garantido.

CIBELLE - Mais alguém quer contar alguma coisa?

MÃE 4 - Uma coisa que eu observei no Grupo Interativo é que as crianças, além de ficar felizes em ver as mães, os pais lá... “meu pai chegou! A minha mãe”. A gente aprende, como ela falou, que a gente aprendeu de um modo e aqui é de outro. Aí, às vezes em casa, eu falo assim: “Ah, filha! Está errado isso!”. Aí ela fala: “Mãe, você não entende. Hoje em dia é diferente. Na escola é assim, mãe!” “Você não está entendendo, mãe! Não é mais desse tipo, não. Já passou isso, mãe”. Aí eu voltei a estudar. Eu estou fazendo faculdade de pedagogia. Aí nas aulas, eu vejo que o método é outro. Ela está estudando pra prova de matemática que vai vir. Aí ela: “Mãe, está muito difícil, eu não acho nunca o resultado dessa fração”. Aí eu sentei com ela, expliquei tudo. No Grupo Interativo, o que eu entendi,

o que eu pude compreender, além da gente ver a carinha deles feliz, a gente vai conhecendo cada comportamento de cada criança, quais são as dificuldades deles. O que um sabe, o outro não sabe. Então assim, a gente vê que vocês tem um método, um modo de ensinar que é diferente de uma escola pública, mas que as crianças acabam no final aprendendo aquele método, aquele modo de ensinar. O que eu vejo em algumas escolas públicas, é que a criança entra e sai sem aprender. Sem saber falar o nome, escrever o nome, porque a escola não tem um modelo, não tem uma regra, não tem um incentivo, não tira aquela criança daquele lugar. Entendeu? O que eu observei no Grupo Interativo: vocês interagem com tudo, caçando um jeito da criança se achar e aprender aquilo. E no ensino público, a gente não vê isso. Então eu vi isso aqui no Grupo Interativo. Tanto que lá na faculdade, eu com um grupo de amigas, eu vou fazer estágio agora, e eu quero tentar fazer um Grupo Interativo, pra incentivar os pais e as crianças ter um outro método de ensino, e não ficar só naquele foco. Porque senão, a criança não desenvolve. Então, eu gostei muito. Eu aprendi também com o Grupo Interativo, qual a função e o que leva a gente se enturmar, a gente aprender um novo método. E não ficar só naquele negócio, $1+1$ é 2, $2+2$ é 4. É totalmente diferente. Dá o mesmo resultado, mas é diferente chegar lá.

MÃE 5 – Eu também gostei muito, porque, como elas falaram. Tinha lição de matemática, ele fazia e falava assim: “Não! Não é assim, eu aprendi desse jeito, eu sou criança e na minha escola ensina assim”. E quando eu cheguei aqui, eu vi aquela lição. Teve lição de matemática que eu tinha dúvida. Principalmente matemática. Quando cheguei aqui (nos Grupos Interativos), era matemática, aí eu falei: “ei, eu nem sei. E agora? Mas eu vou aprender. Eu vou ver com as crianças.” O primeiro grupo que eu entrei, foi o grupo do meu filho: “mãe o que que eu falei pra senhora? Presta atenção!”. Eu fiquei morrendo de vergonha. Aí eu fui prestando atenção, e quando ele explicou, ele explicou em casa, mas em casa não tem muita paciência de mãe. É assim: “pronto, vou fazer do meu jeito e ela não precisa nem olhar. Eu vou olhar”. Aí quando chegou aqui na escola, na aula de matemática, ele falou assim: “o que que eu falei?”. Aí depois eu conversei com a professora, e eu falei: “Nossa, como eu amei. Eu adorei! Queria estudar, queria vir todos os dias pra eu aprender. Mas assim, a felicidade do meu filho: “a minha mãe veio”. Todo mundo fala: “a mãe do Henrique¹³ chegou. A mãe do Henrique veio hoje”.

MÃE 4 – É da hora.

¹³ Nome fictício usado para proteger a identidade dos alunos e pais.

MÃE 5 – E quando chega aquele dia certo, quarta-feira, ele falava: “mãe, hoje tem aula de Grupo Interativo. A mãe vai, né?”. Aí eu falei: “se Deus quiser!”. Aí quando chegava perto, ele já ficava ansioso “será que a minha mãe esqueceu?”, eu participei mais de aula de matemática, por incrível que pareça, algo que eu tinha dúvidas, foi o que eu participei mais. Mas eu adorei, foi um momento que a gente não esquece. Muito bom, muita aprendizagem, tanto as crianças ficam feliz quando vêm alguém, “ver como a gente estuda, como a gente faz, como é o grupo.” Assim, eles também ficam assim: “ela vai vir, ela já vai passar aqui no meu grupo” e a gente fica assim, tirando dúvida e aprendendo com eles.

MÃE 4 – Faz mais parte dos nossos filhos, né? O dia a dia deles também, porque a gente fica no trabalho e fica pensando “Ah, meu Deus! Será que está ocorrendo tudo certo lá na escola com os meninos? Será que a minha filha está se comportando, aprendendo direitinho?” Então, a gente imagina que é de uma forma, e quando a gente passa por essas experiências, a gente aprende que ele está num bom lugar, que ele está aprendendo. Entendeu?

CIBELLE – Pode falar.

PAI 1 – Então, eu venho desde 2015. Eu venho bastante no Grupo Interativo. Porque eu tenho dois meninos, então sempre eu venho em um, e venho em outro e eles amam de paixão. “Pai, você vai, você vai?” E quando respondo sim, pronto, todo dia eles ficam perguntando: “está chegando, está chegando”. Aí eu venho, acho bem interessante, porque a gente tem contato com as outras crianças, com os professores. E, especialmente no meu caso, eu volto no tempo, porque eu fui bolsista do colégio, então quando eu venho, parece que eu estou voltando às aulas. E as duas últimas vezes, meu filho falou: “vamos fazer uma coisinha diferente?”. Aí eu trouxe chocolate e Finni¹⁴. Pronto! Agora eles falam: “quando você vai trazer da próxima vez?” (risos). Agora toda vez que vem tenho que trazer alguma coisa pra eles. Bem interessante assim, como o negócio de matemática. Ele chegou com uma lição em casa de matemática, quando eu fui ensinar ele, ele falou: “não, pai. Não é assim” (risos). E eu falei, “mas eu estudei assim”. E então, quando ele começou a explicar, eu vi que mudou tudo. Então, principalmente a divisão, que mudou, eu não consegui entender aquele negócio. Porque antes você colocava o 1 pra ajudar e agora não, você coloca do lado pra puxar pro outro...

MÃE 3 – Eu digo assim, eu faço de um jeito, e ela faz de outro. No final, vamos comparar só o resultado.

¹⁴ Espécie de doce similar à bala de goma.

PAI 1 – Eu digo “Vai assim que você vai chegar lá”. Eu penso, “Espera aí, deixa eu parar, porque se ele está falando que assim, é porque na sala é diferente.”

#Interrupção

(Chega mais uma mãe de aluno na sala)

CIBELLE – Nós estamos contando sobre os Grupos Interativos. Eles estão contando um pouco pra gente como que foram esses anos, a participação, o que eles fizeram. Fiquem à vontade também pra falar. Não tem ordem para falar, pode ir falando. Você estava falando sobre a matemática, que era o mais difícil...

PAI 1 – O mais difícil, porque assim, a gente aprendeu de um jeito. Aí na hora que eu cheguei pra ajudar, deu aquela diferença. Na hora que a gente ia fazer, um confundia ao outro, aí eu falei: “opa, vamos parar porque senão você está aprendendo de um jeito e eu de outro.” Aí quando eu vim no Grupo Interativo, eu perguntei como fazia, e vi a diferença.

MÃE 3 – Aí você conseguiu aprender do jeito que eles fazem?

PAI 1 – Eu prefiro o meu! (risos) É mais fácil.

MÃE 4 – Às vezes eu acabo meu enrolando, aí fala assim: “poxa, mãe, você ainda não aprendeu?” e eu digo, “Calma, eu vou chegar lá ainda. Calma”. Mas assim, é um pouco complicado pra nós, que viemos de uma época que era diferente.

PAI 1 – E eu vi que ele risca muito a lição, na hora que está fazendo, então, dá aquela confundida nos números pra eles mesmos.

MÃE 3 – Usa muito papel.... (risos)

PAI 1 – Aí começa a riscar, coloca um número aqui, aí depois já coloca outro número ali...

MÃE 3 – Risca o papel todo. Eu sou tão prática, eu já vou somando e botando o resultado...

PAI 1 – Aí quando vai ver, ele pode até confundir, que ele errou algumas coisas porque ele sai riscando colocando outro número aqui, coloca outro ali. Mas é tão fácil fazer.... (risos)

MÃE 6 – Fácil pra gente. Quando as minhas filhas chegaram falando dos Grupos Interativos, elas falaram, “ah, você é boa de português”. Então, ta bom. Quando for português, eu vou. Você já avisa que é português, porque matemática eu sou um desastre. Não sei nem pra mim. Porque eu sou enfermeira. “Como você faz as contas pra gotejamento e cálculo de medicação?” E eu digo: “Ah, isso é outra história, não tem nada a ver com essas contas de vocês (risos)... Então se for pra fazer o Grupo Interativo, é pra português. E no dia em que eu vim, era matemática (risos)... Eu vim toda contente, porque português eu sei tudo, já sou *expert* em português e está tudo ótimo. Aí eu cheguei era matemática, e eu fiquei super aflita, então, a professora passou as lições e disse “você acompanha esse grupo e a monitora acompanha o outro grupo”. E eu falei: “eu vou

acompanhar o que, que eu não sei nada aqui? Vou acompanhar o que?" (risos) Mas aí, as meninas falaram: "não, mãe, você vai acompanhando e você vai vendo aí como é importante". Foi muito interessante o que a Lilian¹⁵ falou no dia, ela falou assim: "o importante não é você ensinar, porque o ensinar a gente já sabe. O importante é que você estar aqui. O importante é que você veio." E eu achei assim, tão bonitinho da parte dela, que o importante pra eles não era eu saber, porque saber, eles já sabiam. A professora já tinha ensinado. O importante era que estivesse ali. A presença, o se interessar, "a minha mãe se interessou em vir. A minha mãe desprende um tempo de estar aqui, de vir". Aí eu falei, quer saber, é verdade. Eu não sei nada de matemática mesmo, mas eu vim. E aí, foi super legal, porque ao invés deles perguntarem pra mim como é que faz, eu jogava pra eles. "Como você faz?". Então eu sempre dava um jeito de jogar a pergunta pra eles e ver como eles faziam com as questões, em vez de eu ficar ensinando coisa que eu nem sabia. Como vocês estão colocando a questão da divisão, que pra mim é uma coisa totalmente diferente, a gente aprendeu de um jeito, eles aprendem de outro. Mas assim, eu vejo que pra eles é importante estar ali, a presença do pai, a presença da mãe estar ali, a diferença pra eles do se interessar.

MÃE 4 – Acho que o Grupo Interativo também acaba levando os pais pra escola. Ao ver as crianças tão felizes de a gente estar ali, parece que eles falam assim: "está vendo a minha mãe, o meu pai está aqui interagindo com a gente". Não é nem porque a gente sabe, porque eles sabem que a gente não sabe mesmo, entendeu? Mas pelo fato da gente estar ali. "A minha mãe está aqui. Você conhece minha mãe? A minha mãe está aqui interagindo.". Eu entendi que é pra gente se aproximar mais, ter um vínculo com eles. Interagir nas atividades, ter paciência, quando eles falarem: "você não sabe. Você não sabe, mãe. Não é assim". Não ficar nervosa. Eu sei. Não, eu não sei. Realmente, esse método ainda eu não sei. Eu não cheguei lá ainda.

MÃE 1 – Outro dia mesmo, a Mariana chegou em casa toda feliz, porque disse que a Dona Suzana¹⁶(professora) elogiou a gente pra Dona Helena (diretora). Elogiou a gente pra Dona Helena que nós éramos uns pais presentes. Aí eu falei: "filha, isso é muito bom. Muito bom ouvir isso." Ela disse que outro dia Dona Suzana (professora) mandou chamar ela só pra dar um abraço nela. Nossa, ela fica toda feliz, porque a Dona Suzana deu aula pra ela durante três anos. Inclusive, o primeiro Grupo Interativo que eu vim foi com a Dona Suzana. Foi assim, maravilhoso! Pra mim, a Dona Suzana foi uma das melhores professoras dela. Não sei se é porque ela ficou mais tempo com ela.

¹⁵ Nome fictício usado para proteger a identidade dos alunos e pais.

¹⁶ O nome fictício para proteger a identidade das professoras, orientadora e diretora.

Mãe 5 – Ela é ótima.

MÃE 1 – Ela é boa demais. E agora como são vários professores, mas acho que ela tem mais afinidade com a professora de português, que é a Dona Tamara.¹⁷

CIBELLE – É porque agora eles já estão no 6º ano.

MÃE 4 – É... eu ainda não conheço nenhuma professora.

MÃE 1 – Eu conheço a Dona Tamara (professora), porque eu vim na primeira reunião.

MÃE 4 – Entendeu? Mas assim, no fundamental I, a gente tinha mais um vínculo com a professora, agora a gente só conversa mais com a Dona Lídia¹⁸ (orientadora educacional) quando tem reunião mesmo, a Dona Lídia que representa agora os professores.

MÃE 2 – Acho que a mesma mudança que eles sentiram, a gente sentiu também...

MÃE 4 – Aí a minha filha fala assim: “mãe, a professoral tal é mais legal que a professora tal.” ... Aí eu, “ah, tá. E qual a diferença de uma pra outra?” “Ah, mãe, mais estranha, mais severa...”

MÃE 6 – Sempre tem essa diferença...

MÃE 4 – Aí eu falei: “Filha, quando a gente faz a 5ª série, 6º ano em outros colégios, geralmente a gente tem dois, três, quatro professores. O vínculo não é mais igual.”

PAI 1 – Como eu estudei nessa escola, quando chegou no 5º, 6º ano, era aquele monte de professores. Eu lembro bastante, tenho memória deles. Agora, a professora que eu lembro mais é a da 1ª série, que é a Dona Renata. Porque ela era aquela coisa assim, que ela pegava a gente assim e era o dia todo. Aí quando chega na 6ª, na 7ª, a você vai pra um, vai pra outro. Então muda. É igual eles, tem a Dona Suzana, tem a...

MÃE 4 – Sophia, Priscila...

MÃE 5 – Marcela.

MÃE 4 – Marcela foi a primeira professora da minha filha. Ela é uma fofa.

PAI 1 – Então, a gente perdeu um pouco o vínculo, porque tem uma aqui de matemática, de português, de ciências... aí você não consegue conversar com todas...

MÃE 6 – Aí você vê que eles estão crescendo e as responsabilidades são outras.

MÃE 2 – Minha filha fala: “mãe, se você acha que a 6ª série é difícil, e a 7ª?” (risos)

MÃE 1 – “Mãe, tem que estudar muito”

MÃE 4 – “Mãe, disseram que o 6º ano é difícil, mas a minha amiga que está na 7ª disse que se eu não estudar, eu não passo na 7ª... (risos) Aí eu falei: “Então, estuda. Tem que

¹⁷ Os alunos estão no Fundamental II e têm professoras especialistas em cada disciplina, diferentemente do Ensino Fundamental I quando uma professora polivalente era responsável pela turma.

¹⁸ O nome fictício para proteger a identidade das professoras, orientadora e diretora.

estudar, né". Aí ela: "É que tem que estudar. Você já imaginou se a 7ª é difícil, a 8ª vai ser difícil também? "

PAI 1 – Tão botando o terror na 7ª série, você viu? Pai, ano que vem eu vou decorar esse livro, porque eles falaram que a 7ª é difícil...

MÃE 1 – Quando a Mariana chega em casa falando pra mim que alguém falou: "ah, muito difícil", eu falo pra ela: "minha filha, não é difícil se você estudar, prestar atenção, não é difícil porque você vai aprendendo com o tempo. O que não pode é deixar pra estudar na hora da prova. Estudo é contínuo. Você tem que pegar desde o início." E em relação aos professores, no começo do ano ela sentiu sim um pouquinho de dificuldade. Ela falou de alguns professores, mas agora ela já se acostumou bem. Ela disse que já está até gostando de ter vários professores. E ontem mesmo ela conversou bastante comigo sobre a escola. Sentou e falou, falou, falou comigo em pé, aí quando eu pensei que ela estava terminando, que eu cheguei do trabalho super cansada, ela falou: "é o papo esta bom, eu vou é sentar pra te falar mais"... (risos) Eu falei, "está bem filha, então vamos conversar. Aí ontem ela falou, "mãe, hoje em dia eu estou me dando bem com todos os professores. Não tem mais nenhum professor que eu acho assim chato, eu estou gostando de todos". Aí ela falou: "também todos os professores são "meu puxa saco"... (risos) Convencida. Eu falei: "Ai que bom, filha". E eu ensinei pra ela que não existe professor ruim, eu falei pra ela, você tem que respeitar o professor. O que ele não pode fazer é gritar com você, bater em você, mas falar: "Mariana, se comporta. Mariana, olha a postura." – isso faz parte do ensino e eles têm que ensinar mesmo e têm que chamar a atenção mesmo. Eu sempre ensinei pra ela que ela tem que respeitar os professores e que não existe professor ruim. Que o professor tem que dar aula mesmo. Professor muito bonzinho, você não vai aprender nada. Você quer ir pra sala de aula pro professor ficar lá só: "ah, como você é linda... Não!" O professor tem que estar lá pra te ensinar. E se não for assim, você não vai aprender. E vai perder tempo indo pra escola. Aí ela também, hoje em dia, ela não chega pra mim falar mal de professor nenhum. Ela conta algumas histórias que aconteceram com os colegas, mas graças a Deus, nunca chegou chorando em casa pra dizer: "Ah, o professor fez isso, fez aquilo". Aconteceu um episódio, um equívoco aqui uma vez, mas foi resolvido, graças a Deus. Hoje em dia, elas duas são super amigas. Foi com a professora de música. Porque foi um engano da professora, mas a professora reconheceu, foi na sala dela pediu desculpa pra ela na frente das crianças. Eu exigi isso e ela fez também, e aí passou, graças a Deus. Só isso também, mas ela ama essa escola. Eu morro de medo de se, Ave Maria e Deus me guarde, de um dia ela perder essa vaga aqui, porque eu acho que não vai ser só ruim pra mim, que eu vou ficar pensando, "a minha filha perdeu uma

escola boa”, vai ser ruim pro psicológico dela se ela perder essa vaga. Porque isso aqui é a vida dela. Está aqui desde os 5 anos de idade e acho que pra sair daqui só quando terminar mesmo os estudos.

CIBELLE – Tomara!

PAI 1– Esse ponto que você tocou aí é meio complicado quando o aluno perde a bolsa no colégio. Eu conheço pessoas que perderam a bolsa no colégio, que ficou pai, mãe, todo mundo com depressão. Até terapia fez.

MÃE 1 – Eu conheço também a menina que perdeu. Coleguinha dela. Inclusive era a melhor amiga de sala dela.

PAI 1 – Porque você está em outro mundo e de repente, você vai pra outro mundo. Só que um mundo bem abaixo.

MÃE 4 – Essa escola é um oportunidade que a gente não teve, mas nossos filhos, graças a Deus, tiveram essa bolsa, essa oportunidade. Eu falo todo dia pra minha filha: "*Grude de unha e dente*, agradeça a Deus, faça por merecer, tenta ser alguém na vida. Às vezes, a oportunidade vai ser melhor pra você." Eu falo isso por quê? Porque eu tenho um sobrinho que estuda em colégio público, ele está com 16 anos. Passou de ano, todos os anos passa, porque ele não falta na escola. Mas se você botar ele pra somar uma conta, diminuir, divisão, não sabe. Tem alguma coisa errada no Ensino Fundamental, no ensino na escola pública... deve ter. Por que o conteúdo não é o mesmo para todas as escolas? Mas agilidade não tem. Então falo isso, porque há professor e há professores. Eu lembro da minha professora de português e de matemática. Minha professora de matemática se chamava Adalgisa. Era uma senhora, era muito rígida, mas era uma matéria que eu amo. Eu achava ela fantástica, porque o meu irmão não sabia de nada. Ele sentava no fundão, ela estava ali na frente. Ela caçava jeito pra ele interagir, pra ele aprender, e ele aprendeu. Hoje, não estou criticando os professores, porque eu acho que o salário deles é muito miserável, como o salário de alguns médicos públicos, como também os salários de alguns policiais, como os salários nossos também. Então, a desigualdade existe mesmo, mas eu acho que, quando a gente decide ser um professor, é como se fosse os segundos pais do aluno, porque o seu filho fica ali com aquele professor boa parte do dia. Ele está aprendendo, está interagindo. Então, o professor tem uma forma de ensinar, de educar, de formar novos cidadãos. Os pais ensinam, educam, formam, mas na escola que ele aprende mais do que os próprios pais. Os pais ensinam a respeitar, a ser um bom cidadão, mas na escola ele aprende o que que ele vai ser lá na frente. Às vezes eu olho assim pra essa escola e falo: “filha, honra a sua cor, honra o colégio que você está. Agradece a Deus. Presta atenção.” Ela ganhou 3,8 em matemática. Aí não queria nem falar. “Mãe, eu tenho

uma coisa pra te contar, mas não sei como falar pra você.” Aí eu falei: “É melhor falar logo. É boa, ou ruim?”. Ela falou: “é muito ruim”. Eu não sou de bater na minha filha, acho que tapa não resolve. Entendeu? Ela amuada num canto, querendo só dormir, aí eu falei: “Filha, se você não falar pra mim, eu não vou poder te ajudar a resolver. Então ela contou, “Eu ganhei 3,8.” E eu falei: “Em que?” Ela falou: “Matemática, estou no *chão*.” Aí eu falei: “Reage, reage. Foi mesmo, filha?” Ela: “foi”. Eu perguntei: “E é bom pra você?” Ela falou: “não”. Eu disse: “Também não é bom pra mim. Quando que vai ser a nova prova?” Ela falou: “ah, mês que vem”. A minha filha tirou 9,8. Aí eu falei: “como que você tirou 3,8 e depois tirou 9,8? Sabe por que? Porque você deixou pra estudar em cima da hora. Se você tivesse todo dia estudado um pouquinho, quando chegasse o dia da prova, você já sabia tudo. Não deixa pra fazer na última hora. Faz todo dia um pouquinho”. Aí ela: “Você ficou feliz, mãe?”. Eu disse: “Fiquei, mas ainda não chegou no final do ano” (risos)

MÃE 3– Mas não tem a possibilidade dos Grupos Interativos voltar a partir do 6º ano também?

CIBELLE – Vocês acham que isso seria uma boa opção pra vocês?

MÃE 1– Eu acho.

MÃE 4– Eu queria muito.

MÃE 3 – Eu acho que seria uma boa opção, porque como a gente falou, a gente veio na primeira reunião, teve a entrega do boletim e a gente acabou não conhecendo os professores. Eu conheço os alunos, porque agora mesclou. Mas se o 6º ano continuar dessa forma, eu acho que pra eles é uma situação boa e pra nós também. Porque foi um saldo positivo. Eu lembro que o Rodrigo¹⁹ melhorou bastante em português. A de português eu não participei, mas ele melhorou bastante. Não lembro qual que era a mãe. Mas falou assim, a mãe de alguém veio e ajudou bastante em português. Eu pensei assim, “eu posso te ajudar um pouco, mas muito não.” Mas ele ficou bem contente com essa interatividade. Eu acredito que é válido, enquanto eles querem ainda, porque a gente sabe que tem esse desejo, que é legal os pais virem, eles ainda gostam, mas não sei se vai chegar um momento que eles não vão querer mais, mas por enquanto eu acho que seria válido continuar com essa parte do ensino...

MÃE 4 – E a gente tem um contato também com os professores...

PAI 1 – No momento, eu tenho um filho no 6º e outro no 4º. O do 6º, eu vejo que ele está com alguma dificuldade em alguma matéria, eu marco uma reunião particular com o professor...

¹⁹ Nome fictício usado para proteger a identidade dos alunos e pais.

MÃE 4 – Eu trabalho de domingo a domingo, certo? Mas o dia que tem o Grupo Interativo, eu falo que eu não vou trabalhar, eu perco o meu dia, mas eu venho, porque pra minha filha é importante.

MÃE 1 – Eu também, eu falto no trabalho pra qualquer coisa, médico. Em todos os trabalhos que eu entro eu falo assim: “só que a minha prioridade é a minha filha. Eu preciso trabalhar, mas a prioridade é a minha filha”. Se tem médico ou reunião, de escola então, eu não falto. Já cansei de deixar o almoço lá encaminhado na casa da patroa e correr aqui na reunião e depois voltar...

MÃE 4 – Eu trabalho na Lapa. Aí eu falo com a Dona Lídia²⁰ (orientadora educacional) e ela sempre marca a minha reunião às 17h. Só que eu saio às 17h de lá. Aí nesse dia, eu trabalho mais pra eu terminar às 15h, nem almoço. Aí eu pego o táxi trem e chego aqui em cima da hora, mas eu venho na reunião, porque eu quero estar presente na vida dela.

MÃE 1– Isso é muito importante pra eles.

PAI 1– Vai fazer o caráter deles, a presença do pai.

MÃE 4 – O meu marido é que vem pouco, e ele é mais severo com ela. Mas ele vem também, mas é que às vezes o horário dele não bate com o meu, nem com o daqui. E agora, a gente tem uma criança pequena, aí um fica até mais difícil. Mas ela fala assim: “fala com a minha mãe, que minha mãe vai dar um jeito, ela vai.” Ela fala pra Dona Lídia²¹ (orientadora educacional): “Minha mãe vem, Dona Lídia (orientadora educacional). Não se preocupa não. Ela deve estar por aí, está chegando...”

MÃE 2 – Elas se sentem importantes com a presença, porque você vê muitas crianças, e eles presenciam também aquelas crianças que não têm a companhia dos pais, ou fica o dia inteiro na rua, porque tem casos que você consegue sair do trabalho, mesmo você falando assim: “ah minha filha, é importante”. Mas tem pais que não podem. Tem famílias que tem ou só a mãe, ou só o pai, ou só a avó, ou só a tia. Eles precisam trabalhar pra sustentar. Ele não vai conseguir sair sempre.

MÃE 7– Eu tenho que trabalhar, sustentar a casa, e eu cuido dela...

MÃE 2– Aí você trabalha um determinado horário. Chegou uma fase que eu estudava de manhã, ia trabalhar e via meu filho à noite. Nas reuniões eu vinha, nos Grupos Interativos eu vinha, mas a gente não tinha aquele vínculo de ficar todo dia junto. Então, quando eu encontrava com ele fora daquele período da hora de dormir, na hora da janta, da lição de casa, era uma satisfação melhor pra ele. Hoje eles estudam de manhã. Eu saio do serviço às 17h. Na hora que eu chego em casa, ele está fazendo a lição de casa, aí eu vou fazer

²⁰ O nome fictício para proteger a identidade das professoras, orientadora e diretora.

²¹ O nome fictício para proteger a identidade das professoras, orientadora e diretora.

a janta, a gente bate um papo e está na hora de dormir. Então tudo que você fugir dessa rotina, que chega a ser maçante pra eles, é uma diversão melhor, é um carinho, é um agrado.

MÃE 4– É um gesto de amor.

MÃE 2– É se sentir amado, se sentir importante...

PAI 1 – Tudo que você fizer pra eles, enquanto eles estão crianças e adolescentes, eles vão levar pra vida.

MÃE 4 – É... exatamente.

PAI 1 – Aí lá na frente, se um dia você for cobrar, e você não fez, ele vai cobrar. Ele vai lembrar...

MÃE 2 – Eu acho que o Grupo Interativo que a gente tem como desafio, é a questão do tempo. É a disponibilidade, porque eu vejo que todas as mães gostam muito. Quando eu vim, inclusive, eu já queria vir na próxima semana, mas os períodos pra virem eram em espaços grandes porque iam revezar os pais. Mas o nosso grande desafio é o tempo, pra a gente estar aqui mais tempo com eles.

MÃE 1 – Principalmente quando a gente trabalha longe, como eu trabalhei muito tempo pertinho, pra mim foi muito bom quando ela era pequenininha...

MÃE 4 – Pra mim nunca foi bom, porque eu trabalho há 10 anos na Lapa, é uma contra mão danada. Se depender dessas peruas, pior ainda. E essa avenida para tudo ali. Tem hora que eu fico estressada. Mas eu procuro o máximo estar interagindo. Eu aprendi com o Grupo Interativo. Interagir mais com a minha filha. Às vezes eu sou muito teimosa. E a minha filha é teimosa também. Puxou isso de mim. Então, assim: “Filha, já fez a atividade?”. Aí eu sento pra acompanhar, entendeu?

MÃE 1 – A Mariana me mostra uma coisa da escola dela, eu só faço assim... “Mãe, mas você nem olhou, você nem leu!” Aí eu tenho que pegar de novo, ler, pra dar minha opinião, senão não adianta...

MÃE 3– Olha, no meu caso, meu filho me mostra bem rapidinho... “olha... já fiz...” (risos)

MÃE 4 – Ela fala assim: “você olhou, mamãe?”... E às vezes eu não tenho tempo. Eu levanto às 4h da manhã, chego 20h30min, às vezes eu não tenho tempo. Ai eu falo, “Filha, já fez a atividade?”. Ela diz, “Já fiz”. Aí eu: “Já fez? Que horas que você fez, se você entrou comigo agora?” Aí ela: “eu já fiz. Fiz na escola.” Foi quando a Dona Lídia (orientadora educacional) chamou e disse que a minha filha estava fazendo a atividade pela metade. Faz a primeira questão de um, primeira questão de outro, e deixa o resto. Aí eu falei: “Filha, eu quero a atividade.” E ela respondeu: “Você não quer olhar. Você não senta pra olhar.” Eu decidi: “Mas a partir de hoje eu vou sentar, vou tirar 5 minutos e vou sentar pra ver sua

atividade.” E ela me perguntou: “Mas você não está perdendo tempo, não?” Eu falei: “Não.” Aí eu vou dormir 1h da manhã. Entendeu? Então, é muito puxado.

CIBELLE – Pelo o que eu entendi, os pontos positivos dessa atividade é que vocês conhecem o modo de trabalhar da escola, conhecem os professores e é muito importante para os filhos de vocês.

MÃE 4 – E a gente aprende também um conhecimento que eles estão aprendendo...

CIBELLE – E vocês aprendem o que eles estão aprendendo...

MÃE 4 – É, porque o nosso tempo foi outro, então eles estão falando com a gente, e a gente nem sabe o que eles estão falando.

MÃE 1 – E sobre essa oportunidade, o pouco que eu estudei, eu estudei numa sala menor que essa aqui, do infantil ao 4º ano. E todas as matérias com um professor só. Eu acho que por isso que eu aprendi bem (risos)... Eu estudei tudo de uma vez. Era um professor na roça, porque a gente morava numa fazenda. Chamava Seu Loro, meu professor querido. Já está bem velhinho...

CIBELLE – Mas você falou que você tem uma inteligência interna, você falou isso no começo... e vocês falaram que vocês aprendem muito com as crianças, mas vocês ensinam nesses momentos dos Grupos Interativos? Vocês sentem isso também?

MÃE 1 – Eu sinto que sim, porque às vezes tem alguma dúvida, o que eu posso ensinar, eu ensino. Inclusive, no Grupo Interativo, as crianças assinaram na folha, “corrigido pela mãe da Mariana²²”. Porque eu fui lá corrigir junto com eles, viu o que estava certo, o que estava errado, e eu consegui, porque eram exercícios simples, coisas que eu conseguia ajudar a fazer...

MÃE 2– É legal esse processo que trabalha a autoestima da criança e a nossa. Porque na escola, por exemplo, como a maioria relatou aqui, chega com a lição, são formas de aprendizados diferentes e a criança diz: “mãe, você não sabe”. E ao mesmo tempo, a criança às vezes pode se sentir incompleta. Quando a mãe chega na sala, ela vai ter a compreensão, vai corrigir, podendo ser o dele e também dos outros amiguinhos. Então trabalhou a minha autoestima: “sim, eu sei. Sim, eu entendi”, e a criança: “olha, a minha mãe sabe. A minha mãe está corrigindo o dos meus amigos também.” Trabalha muito essa questão da autoestima e isso é importante, pros nossos desafios que teremos na vida e eles também.

MÃE 4– Um Grupo Interativo que eu vim foi de português também. Eu já vim no de artes, português e matemática. E tinha uma amiguinha da minha filha, que ela estava tendo

²² Nome fictício usado para proteger a identidade dos alunos e pais.

dificuldade de achar o resultado. Aí disseram que a gente não podia fazer, mas a gente podia explicar. Aí eu explicava pra ela.

MÃE 1 – E tem as Tertúlias. A Tertúlia é gratificante demais participar das Tertúlias. Eu participei, acho que, de umas três Tertúlias. Que é maravilhosa! Porque é um grupo também, e é com os pais. A gente conhece os pais.

MÃE 2 – Pais e filhos juntos, achei bem legal. Porque são várias interpretações do mesmo assunto, do mesmo texto, e no final das contas, tudo isso é interação; no final das contas, é você conhecer um pouco dos pais, dos amiguinhos do seu filho, o círculo em que ele convive, os professores. Acho que a diretora que veio aqui. O acesso que ela tem a nós. Ela chega: “um bom dia!”, aquela coisa, como eu posso dizer, meio que familiar, “olá, bom dia”. Explicar, ver que ela, assim como você, mostra o amor pelo que faz, é algo que vem automático. Eu vejo isso nela. Ela ficou muito feliz quando a gente veio na Tertúlia “nossa, gente, eu estou muito feliz. Tem muita gente aqui”. Acho que esperava um número menor, porque era final de semana e é gostoso sentir isso. Porque a gente vem de um governo no geral, que infelizmente, não tem nos representado da forma mais correta. E os nossos filhos, a gente está preparando eles pra que eles sejam mais seletivos. Em contrapartida, enquanto o Estado não dá aquilo que é obrigação e dever aos cidadãos, a gente tem aqui uma escola que se preocupa nesse sentido, e cabe a nós, aproveitar ao máximo. Porque os nossos filhos aprendem, nós aprendemos e é referência. A gente vem aqui, a gente aprende muito também. Vocês acabam sendo referência pra nós, de determinadas decisões, pontos de vista, que a gente tem que avaliar sempre. Eu acho que isso é importante.

CIBELLE – E vocês me falaram dos Grupos Interativos. Como funciona? A professora manda um bilhete na agenda, como é pra vocês virem?

PAI 1– É com bilhete. Aí você coloca se *sim* ou *não*.

MÃE 3 – É convite.

CIBELLE – É um convite, aceita quem quer, quem pode?

MÃE 4– Ninguém é obrigado.

MÃE 7– É uma seleção. Uma semana vêm uns pais, e outra semana vêm outros. Não é preciso vir tudo no mesmo dia.

MÃE 2– Uma coisa que eu acho que teria mais participação seria a antecedência. Por exemplo, essa notificação que eu recebi. Pra gente ter esse tempo aqui, dia 19. Então, digamos, aquele pai que trabalha vai agendar a consulta pro filho no final de semana, ele já não consegue comparecer. Eu acho que ia ter um número maior de pessoas se fosse, digamos, uma semana antes, com uma antecedência melhor, pra pessoa se programar e

conseguir vir. Já teve eventos aqui que eu, infelizmente, não consegui, porque tinha consulta da minha filha, ou já tinha um compromisso marcado, a gente não consegue desmarcar. Então, infelizmente, eu não consegui.

MÃE 3– A primeira vez que eu participei do Grupo Interativo, quando veio o convite, primeiro veio as datas possíveis, e as matérias que você escolhia. É porque no segundo, fala assim: “você vai permanecer, participando do Grupo Interativo? Aí sim, aí já vinha num período... porque como no primeiro convite você já disse quando você poderia participar, e a matéria de preferência, eu pelo menos escrevi na agenda: “posso sempre às quartas feiras”, que é dia de menor fluxo no meu serviço. Aí eu sempre que eu vinha, era o dia de quarta, era de matemática. Tinha outras também que eu coloquei o “xizinho” em todas, porque era o 5º ano, que é na realidade a nossa 4ª série. Então tinham todas matérias, aí conforme vinha o convite, você aceitava, passava um período – esse foi o primeiro ano – passava um período, e você recebia a notificação “essa semana vai ser o dia de você participar do Grupo Interativo”. Aí ia mudando, cada quarta feira era um grupo de pais diferentes que vinham.

CIBELLE - Então, vocês acreditam que a comunicação com a escola é boa?

MÃE 2 – Sim, a comunicação é boa, mas acho que precisava ser um pouco antes. Ter um prazo maior pro pai se organizar, porque eu tenho uma filha. E o pai que tem dois ou três filhos que tem que se organizar, ver alguém pra deixar o filho. Eu acho que ia ter uma participação muito maior de pais aqui nos eventos que são marcados. Porque a gente quer estar junto. Quer participar mas nem sempre a gente consegue com os compromissos que a gente tem em casa, com as coisas.

CIBELLE – E vocês tem muito medo de perder a vaga?

MÃE 4 – Muito... muito. É um pesadelo, pelo amor de Deus...(risos)

MÃE 5 – Todo dia eu rezo, todo dia eu oro.

MÃE 2– Isso daí é unânime.

MÃE 1– Eu me preocupo com o estado psicológico da minha filha. Porque eu já falei pra ela: “filha, quem faz a escola é o aluno. Você vai aprender de qualquer jeito. Se você prestar atenção nas aulas, se você for pra escola é pra estudar.” Só que ela tem amor por essa escola. Ela ama essa escola. Ela ama todo mundo: os professores, diretores. Se der um negócio dessa menina perder essa vaga aqui, eu acho que eu vou ter que ir embora de São Paulo.

MÃE 2 – Tem uma coisa que eu fico em dúvida também. Por exemplo, eu sei que essa bolsa que nós temos. E o valor que é determinado, é ligado numa lei, que eles precisam seguir, só que o valor que essa lei determina eu não pago escola nenhuma.

MÃE 4 – A gente não paga um aluguel. Se você for analisar bem, se botar na conta, você acha que uma pessoa que tem condições, paga uma escola? Ali tem uma escola particular de dois mil. A mais em conta que eu achei, seiscentos e pouco. Você acha que um de nós ganha isso pra isso?

PAI 1– E outra coisa...

MÃE 1– Nem que ganhasse, mas temos outras despesas. Tem aluguel, tem alimentação, tem remédio...

CIBELLE – E valor muito baixo, é imposto por lei?

MÃE 4– É imposto por lei.

PAI 1– Só que aí acontece uma coisa: a gente quer melhorias. E isso inibe a família crescer, porque se entra no perfil socioeconômico, muitas vezes o pai fica com medo de falar assim “eu vou fazer alguma coisa pra melhorar a vida da minha família”.

CIBELLE – Tem medo de ser promovido?

PAI 1 – Porque vai que de repente eu sou promovido, e eu perco a bolsa do meu filho?

MÃE 1 – A coleguinha da minha filha perdeu por isso. Porque o pai trocou de carro e a mãe foi promovida no trabalho.

PAI 1 – Então, é um perfil cruel, porque está ajudando o filho, mas está atrapalhando a família. Porque você tem aquele negócio: se eu crescer, eu perco a vaga do meu filho na escola.

MÃE 1– Ou seja, é uma coisa muito boa, porém, nos mantém reféns.

MÃE 4 – E reparem bem, quando chega o dia de trazer os documentos, eu sinto dor de barriga. Eu fico tão nervosa, a minha pressão sobe. O meu marido fica assim: “calma, neguinha. Calma, neguinha”... (risos)

MÃE 1– Eu preencho, sai tudo torto, porque eu preencho tremendo.

MÃE 4 – Eu fico morrendo de medo de dar alguma coisa errada e ela perder a vaga. Aí eu fico bem assim: “meu Deus, eu coloquei mais uma criaturinha no mundo. Se de repente a minha outra filha não conseguir a vaga nessa escola? Meu Deus, por que eu não pensei nisso antes?” (risos) Aí meu marido: “As outras crianças estudam no colégio público também.” Mas só que a minha filha mais velha, vai saber mais do que a minha filha mais nova.

MÃE 3 – Eu fico com medo. Alguma criança sair e ter que fazer terapia. Eu fico com medo de, como eu posso dizer: é uma escola ótima, sim. É o sonho dos pais, mas eu não sei quanto a vocês, mas o Rodrigo não entrou aqui no Infantil 5. O Rodrigo²³ já entrou no 1º

²³ Nome fictício usado para proteger a identidade dos alunos e pais.

ano. Então, o Rodrigo teve uma experiência de um ano na escola pública. Ele aprendeu. Era uma escola pública até que “legal”. Eu falo entre aspas, porque tem as suas dificuldades. Eu fico com medo agora, num período de colocar as minhas frustrações em cima do meu filho. De falar assim: “Ó, é a melhor escola. Você não pode sair. Ó, é a melhor escola. Você não pode sair”. Então eu fico com medo dele não poder viver...

MÃE 1– Mas é isso que eu ensino pra minha. “Filha, escola quem faz é você. Você vai aprender em qualquer escola”.

MÃE 3 – Não, isso sim, mas eu estou dizendo se ficar martelando isso na cabeça da criança: “não tem outra escola melhor. Você só pode estudar ali”. Martelando o tempo inteiro, pode acontecer isso.

MÃE 1– Exatamente!

MÃE 3– Não só da criança perder a bolsa, mas ir pra outro colégio se não passar do Ensino Médio e não ir pro continuar estudando na escola, ir pra uma pública. mas ele vai pensar assim: “eu não tenho outra capacidade, outra opção. A minha única opção é estudar nessa escola”. Pra nós pais, é sim a melhor opção, mas pra entrar na cabeça deles que é a melhor opção, demora um pouco. Você disse que a Mariana não tem uma experiência externa... Eu conversei com a Dona Lídia (orientadora educacional) essa semana. Tem crianças que vieram da pública e entraram agora no 7º ano...

MÃE 4 – É uma experiência nova, um mundo novo pra eles...

MÃE 3 – E, quatro deles que chegaram agora, têm notas excelentes. Melhor do que algumas crianças que começaram desde o pré.

MÃE 1 – A minha fez o prézinho no Evoluir²⁴, que é uma instituição também, não é uma escola...

CIBELLE – Na comunidade que vocês moram, né?

MÃE 1 – Isso. Ela ficou um ano lá, que era pra ficar dois, mas aí Deus abençoou que veio a vaga dessa escola. Então, quer dizer, ela realmente não tem experiência na escola pública. Só que eu sempre pus na cabecinha dela...

MÃE 3 – Criar opções, entendeu? Porque tudo na vida ela vai ter que ter uma outra opção...

PAI 1 – Você tem que ir trabalhando...

MÃE 1 – É isso que eu tento colocar na cabecinha dela...

MÃE 4 – Eu falo pra minha filha: “a gente tem que saber o que é bom e o que é ruim. A gente tem que saber o que é nosso e o que não é nosso. No momento, a escola é uma

²⁴ Nome fictício de uma Escola de Educação Infantil custeada por uma Associação em comunidade da Zona Sul de São Paulo.

oportunidade pra você, mas se de repente você perder, a mãe não vai ter condições de colocar você num colégio particular. Então, você vai ter que entrar de cara no estudo público, mostrar pra essa escola o que você tem, o que aprendeu, e que você quer conhecer mais. Você tem que descobrir um novo horizonte. Correr atrás do seu percurso. Não ficar só naquele riozinho. Não é só aquele riozinho que leva. Tem outros mares lá na frente também...

MÃE 3 – É porque, hoje em dia são tantas doenças novas que tem, como a matéria de matemática, que você não sabe lidar. É depressão disso, depressão daquilo, pânico disso, pânico de sair. Então, você pode criar uma pessoa sem opções de acreditar em outras coisas na vida...

MÃE 1– Oprimida.

MÃE 3– Isso. Oprimida. Vai ficar pensando o tempo inteiro: “ah, eu não posso sair, a minha mãe vai ficar triste comigo se eu perder a vaga...”

MÃE 1– Eu seguro um pouco as minhas preocupações pra mim.

MÃE 3– Eu acabo escutando um pouco as minhas frustrações...

MÃE 1– Quando a escola me liga fora de hora, essa menina já começa a chorar. Tem hora que eu fico até brava: “filha, para com isso. Se você sair de lá, você vai entrar em outra escola e vai estudar normal. Você vai aprender. Você é uma menina inteligente. Você nunca tirou abaixo da média...” Ela: “ah, mas se eu chegar na escola pública, eu não sei nem o que eu vou fazer.” Eu falei: “vai estudar, vai estudar”.

MÃE 2 – É que tem algumas escolas públicas, aí você vai ter que selecionar com ela, né...

CIBELLE – E o que faz essa escola ser diferente dessas escolas que vocês acham que são ruins? O que faz essa escola ser uma escola boa?

MÃE 2 – Acho que é o ensino, né? Aqui você tem que estudar. Se você não estudar, você não tem nota boa e, automaticamente, as suas notas não vão refletir. Vai refletir aquilo que você não estudou, o que não aprendeu. Na escola pública, você só precisa ir...

MÃE 4 – Isso mesmo, só da presença. Lá, a criança dorme, ganhou, passou...

MÃE 5 – Lá, a criança tanto faz se ele aprendeu. Eu tenho um filho na escola pública. Tem dia que ele fica triste, ele fala assim: “mãe, só o Henrique²⁵ que estuda numa escola boa e eu estudo numa escola ruim”. Aí eu falei assim: “Não, filho. Você não estuda numa escola ruim. Você estuda numa escola pública e quem faz a escola é o aluno”. Aí ele fala assim: “mas, mãe, você vai ver, na minha escola é uma bagunça. Ninguém quer fazer nada. O professor chega, os alunos só bagunçam, jogando papel. E o professor diz: para,

²⁵ Nome fictício usado para proteger a identidade dos alunos e pais.

crianças!”. Disse que tem dia que são 5 ou 10 crianças, no máximo, que fazem lição. Os outros vão pra escola e não fazem nada, então aí que eu não entendo. Por que? O que que acontece que os professores aqui têm controle?

MÃE 3 – Eu acredito que, além do salário popular, a motivação...

MÃE 4 – É, eu acredito nisso também...

MÃE 3 – O incentivo que o professor público tem. Muitas vezes, eles chegam na escola, igual como você falou assim, tem metade das crianças paradas ali fazendo bagunça, mas o trabalho dele está sendo valorizado pelo governo? Se eu sentar aqui, colocar toda a matéria e fazer a sala parar e fazer toda a lição, é válido? Porque não é todo mundo que trabalha por amor...

MÃE 1 – Isso que é um problema, né?

MÃE 3 – Porque pra você ser professor, você tem que ter o dom. Igual um bom médico. Ele tem que ter o dom pra estar ali. Ele pode trabalhar de graça, mas ele tem que fazer por carinho e ter incentivo. Será que eu vou ser valorizada se eu colocar toda a lição na lousa e fazer aquela criança ficar parada, copiando e aprendendo? Será que vai ser válido? Será que eu vou dar as costas, ele vai tacar um papel?

MÃE 2 – A violência está muito presente na escola pública.

MÃE 4 – As drogas...

MÃE 2 – A mídia trazendo à tona... Assim, a sociedade, a mídia trazendo à tona. Digamos, dando mais valor pra aquela pessoa que faz coisas erradas, do que aquilo que é certo. E no ponto de vista das crianças, ela vendo isso, vendo a violência na rua, acabam levando pra escola. E aí, algum professor, eu acho que não se arrisca no sentido de chamar a atenção da criança. Não existe aquele devido respeito, na grande maioria. Existem exceções, mas a violência tá muito grande...

MÃE 5 – Aí o professor é ameaçado...

MÃE 6 – Acho que os pais levam muito também. Essa falta da mãe e do pai em casa, porque a mãe trabalha, não tem tempo de estar com os filhos, o pai trabalha. Então, deixa muito essa obrigação pra escola. Então, você vê essas crianças, como ontem o caso que aconteceu, do menino atirar nos colegas²⁶... Essa mãe e esse pai eram policiais e não viam que essa criança sofria bullying. Não tinham esse contato que a gente tem em casa, com os nossos filhos de conversar, de sentar, de saber como está sendo na escola. Eu sempre converso com as minhas filhas: “não cometam nenhuma injustiça com os seus

²⁶ Caso que ocorreu em Goiânia em outubro de 2017. Um estudante de 14 anos levou uma pistola à escola e atirou contra outros alunos. Dois colegas morreram e outros 4 ficaram feridos.

colegas, não façam bullying com ninguém, e se sofrerem, traz pra dentro de casa. Esse contato, essa conversa de querer saber. Não só das notas, não só das matérias, mas saber de como é o relacionamento deles...

MÃE 3– Com os amigos...

MÃE 6 – Com os amigos. Isso é bem importante, porque eu sou da área da saúde mental. Então, assim, eu sempre digo, a sociedade tá doente, infelizmente.

MÃE 4– Em geral...

MÃE 6 – Começou a ficar pior quando a mãe saiu pra trabalhar, infelizmente. Por que? Porque começou a justamente não ter esse contato com os filhos. E as crianças ficaram soltas... As crianças ficaram soltas, a gente não tem mais esse olhar. Você sai cedo pra trabalhar e você volta quando o seu filho está dormindo. Você não sabe mais o que se passa com o seu filho. Ou você deixa pra escola, ou você deixa pra outra pessoa tomar conta, que não vai olhar com o seu olhar.

MÃE 4 – Isso é verdade. Eu me sinto muito culpada por trabalhar fora.

MÃE 5– Eu já não trabalho fora desde que o meu filho mais velho nasceu. E quando ele nasceu, ele nasceu com um probleminha, que ele tem um problema renal. Tem um rim que não funciona. Aí eu fiquei sem trabalhar. Quando o Guilherme²⁷ conseguiu a bolsa, ele já estava maiorzinho, e eu pensava: “quando ele estiver maior, eu vou voltar”. Eu já tive os dois, um perto do outro, mas eu falei, “quando os dois estiverem maiores, eu vou trabalhar”. Aí depois eu pensei: “do que vale a pena eu trabalhar, deixar meus filhos pequenos em casa?”. E graças a Deus, eu tenho a minha casa, está ótimo. Não passando fome, dando pra sustentar, cuido dos meus filhos, graças a Deus. Tenho muito que agradecer, mas ouvir da própria família: “essa mulher é muito preguiçosa que não quer trabalhar pra ajudar meu irmão, pra ajudar o marido.” Aí eu falava assim: “meu marido não está falando nada. Quem está falando são vocês”. Então eu cheguei a não brigar, mas eu passei por um momento que eu cheguei a entrar em depressão, de ficar ouvindo aquilo na minha cabeça. O meu marido falava assim: “calma, eu estou falando alguma coisa?” Eu falei: “não”. A minha mãe fala assim: “minha filha, você agradeça a Deus porque você tem um marido que nunca exigiu. Se a família exigiu, você não tem a reclamar.” Aí eu hoje falo, a gente precisa de um dinheiro pra comprar alguma coisa, tem que pedir ao marido, tem! Mas eu agradeço a Deus. Eu falei não vale a pena, porque o meu filho mais velho, que estuda na prefeitura, ele disse um dia: “mãe, sabe o que eu vi na escola hoje?” Eu falei: “o que?”

²⁷ Nome fictício usado para proteger a identidade dos alunos e pais.

“*Narguilé*²⁸! Me ofereceram.” Eu falei: “meu filho, não faça isso. Não experimente de jeito nenhum.” Eu disse: “a escola não viu isso?” “Viu, mãe, mas disse ‘vá pra fora com isso aí’, saia pra fora do portão”. Além disso, as *meninhas falam* assim: “esses meninos que não querem namorar é porque são moles.” Meu filho disse: “eu não vou aguentar levar nome de mole por muito tempo”. E ele tem 13 anos! (risos). Eu falei assim: “pode dizer mole, *viado*, qualquer coisa, mas você não é.” Aí ele falou assim: “Eu? Se uma menina me chamar, eu vou dar um beijo e agarrar ela.” Aí eu falei: “filho, você não tem idade!” Ele falou: “mas eu vou levar o nome de *viado*? Mãe, acha isso?”

PAI 1 – Em cima do que ela está falando, é o que eu ia falar, é o sistema que está totalmente errado. Tanto do colégio público, porque se tem o padrão do colégio público, o diretor falar *assim, assim, assado*, ia ter respeito. E a sociedade também, principalmente onde a gente mora.

MÃE 5 – Mas de 6 em 6 meses muda o diretor.

PAI 1 – Então, muda. Não tem aquele padrão. Antigamente, o colégio público tinha padrão.

MÃE 5 – No nosso tempo tinha padrão.

PAI 1 – Tinha, hoje não tem. É a sociedade que nós estamos vivendo. Principalmente, a gente que mora em comunidade. Um exemplo: se ele está ali com o filho dele, de repente, ele sai um pouquinho de lado, aí o filho dele está fazendo alguma coisa errada, antigamente, pelo menos na minha época, chegava e falava assim: “Você não pode fazer isso.” Aí se eu fosse falar com o meu pai, o meu pai: “você tava errado?” “Estou” Ele nem ia lá tirar satisfação. Hoje em dia, se você reclamar com o filho do vizinho, pronto! Você arranjou uma encrenca total. Ele dá apoio pro filho.

MÃE 4 – É perigoso, ele pode matar você.

MÃE 3 – Mas a escola está assim. Tem muitos pais que não enxergam quando o professor chama a atenção.

PAI 1 – Não. Não tem respeito. O professor hoje tem medo de falar. O aluno faz o que quer.

MÃE 2 – Aí na reunião de pais não vai. Os pais não estão presentes.

MÃE 5 – Os pais que mais precisam ir, são os que não vão.

PAI 1 – Se você for reclamar com uma criança na rua, prepara o ouvido. Ela te xinga de tudo que é nome. Você não pode, então, está totalmente errado.

MÃE 5 – Hoje, criança não pode sair na rua, não.

²⁸ O *narguilé* é uma espécie de cachimbo de água de origem oriental, utilizado para fumar tabaco aromatizado.

PAI 1 – Os pais não estão segurando os filhos. Estão soltando. Os meus eu seguro. Eu moro dentro de uma comunidade, mas eu seguro. Eu falo assim: “ah, não! Viela, ficar na rua, vai em campo, não sei aonde. Vai, mas é na hora que eu estou”.

MÃE 4 – Às 2 horas da manhã tem criança andando na rua... Eu levanto super cedo. Ainda está tocando funk, os meninos no funk. A minha filha fala bem assim: “mãe, está vendo aquele menino pequeno, está lá no funk.” Eu falei: “a mãe dele toma conta dele e eu tomo de você”.

PAI 1 – Pra você ver, teve um exemplo, teve um rapaz que, eu estava vendo meus filhos lá na rua. Eles iam pro lado, ele deu uma viradinha, meus filhos saíram da minha linha, e eu falei assim: “volta aqui”. Ai o cara olhou pra mim e falou: “deixa o moleque respirar”. Aí eu falei: “cuide de seus filhos do jeito que você quiser. Dos meus, cuido eu”. Passou uma semana, ele passou com o filho dele, acho que tinha sido atropelado por uma moto, com aquele gessinho na perna. A palavra veio na boca, mas eu segurei. Quase falei assim: “cuidou do teu filho?” Mas eu fiquei quieto. Deixei passar. Fiquei quieto, só que veio na minha mente.

MÃE 4– Deixa solto...

PAI 1 – “deixou solto, foi atropelado.” Sorte que quebrou só a perna...

MÃE 1 – Igual essas meninas aí que mataram, de 3 anos de idade. Eu não me conformo. Como é que as mães deixam as crianças de 3 anos de idade brincando sozinha, gente...

PAI 1– Será que ali já não estavam observando?

MÃE 1– Pois é. Quando eu vejo na televisão, eu só fico lá brigando... gente, minha filha com 3 anos de idade, eu estava do lado.

PAI 1– É muita negligência. Acontece. É muita negligência.

MÃE 6– Todo mundo conhecia. Eu morava num lugar que todo mundo se conhecia, mas...

MÃE 1– Ah, mas mesmo assim, gente. Uma criança de 3 anos de idade não tem noção do que faz. A criança podia até entrar mesmo embaixo de um carro, e a criança morrer, porque não tinha ninguém prestando atenção na criança.

MÃE 4 – Na minha cidade, eu tinha uns 13 anos e tinha um senhor que vendia coentro, tempero no cesto de porta em porta. Começou a sumir criança de 10 a 13 anos, meninas. Sumir. Ao todo, foram 9 meninas que *desapareceram*. E a polícia não achava. Não achava. Inventou que era o homem que passou e levou. A minha mãe não trabalhava fora. Ela vendia geladinho e salgado na porta de casa, porque ela optou por ficar com os filhos. Eu era uma menina, além de três meninos homens. Então, eu só brincava do que os meninos *brincavam*, entendeu? Aí os meninos: “vamos jogar bola?” Eu falei: “vamos jogar bola”. Aí achei estranho, porque o homem, ele cavava um buracão, um buracão, um buracão pra

plantar coentro. Aí eu cheguei em casa e falei assim: “mãe, pra plantar coentro, tem que cavar um buracão?” Ela falou: “Não. A gente joga a terra pra cima e planta assim.” Aí um pai de uma criança que estava *desaparecida*, ele começou a investigar ele mesmo, porque a polícia não achava, aí um sargento juntou com esse pai e começaram a investigar por fora. Todas as crianças que ele pegou, que ele *estuprou*, enterrou *onde ele plantava o coentro*...

MÃE 5 – Nossa!

MÃE 1– Meu Deus!

MÃE 4 – Acharam mais de 13 corpos de meninas desaparecidas. E era uma pessoa que andava no meio da gente, que a gente tinha confiança. Aí eu falo pra minha filha, quando ela fala bem assim, da sacada do quarto: “mãe, as mães das meninas, *deixam elas* brincarem na viela. Você não deixa eu brincar na viela!” Aí eu falei assim: “eu não deixo, por dois motivos: porque você não me vê na viela e porque a mãe dessas crianças, deixa as crianças na viela, e as crianças batem perna na favela toda e ela não sabe.

MÃE 7– Tem muito parente de fora que você nem conhece. Eu moro também em viela e também tem outra viela assim e fica transitando muita gente. A pessoa sai da casa, vende a casa pra outro, recebe final de semana muita gente...

MÃE 1– Quando ela era pequenininha, que eu ficava com ela, eu até saía com ela, ficava ali olhando. Hoje em dia ela nem liga mais pra rua...

MÃE 7– Eu queria falar uma coisa agora, mudando agora de assunto, porque a gente até saiu até do termo e eu preciso ir embora. Eu sou mãe da Julia²⁹ e eu vim aqui no Grupo Interativo de Matemática. E aí, eu mudei de assunto, porque eu preciso falar do Grupo Interativo, não estou cortando vocês não. Eram sobre matemática, a gente ficava no grupo, ia ser sorteado e ficava mudando, mudando... E a Julia, minha filha, não sei se vocês também têm essa coisa. A matemática ela aprendeu daquele jeito na escola, elas acham que tem que ser daquele jeito. Mesmo que você sabe de um jeito, e o jeito vai dar o mesmo resultado, eles não *querem* aprender. “Porque eu aprendi desse jeito e vai ser desse jeito que a professora falou e não é daquele jeito.” Até aí, tudo bem. Quando eu explicava com a Julia, eu pegava uma folha e falava: “você fez essa conta como?” “Eu fiz assim, assim.” “Deu o mesmo resultado?” “Deu.” “Eu vou te ensinar agora. Não vou te ensinar, mas se você *quiser*, do jeito que eu acho mais prático”. Eu ensinava ela. E ela dizia: “mas a professora vai achar que está errado.” Resumindo: quando a gente veio aqui no Grupo Interativo de matemática, ele às vezes *põe* na cabeça que a matemática é muito difícil, fala

²⁹ Nome fictício usado para proteger a identidade dos alunos e pais.

que não gosta, que é ruim. Eu vi muito grupo de menino e menina falando isso. Eu falei assim: “onde você tem dificuldade?” “Tia, eu tenho dificuldade na matemática.” Aí eu falei assim: “eu vou te falar uma coisa, matemática não muda os números. Os números vão repetindo. Eu vou te dar o exemplo de 1... aí você colocar o 0... e por aí. A matemática não é um bicho de sete cabeças. Nós que fazemos o bicho de sete cabeças assim e a matemática você usa 24 horas por dia. “Mas tia, como eu vou usar a matemática 24 horas por dia?” “Quando você levanta, quando você escova os dentes, vai a água, a pasta, a comida, a quantidade que você vai comer. Tudo no dia a dia você vai usar a matemática por resto da sua vida. Se você viver sem ela, você vai usar a matemática, não é só aquela que você está na escola fazendo a conta. Você vai usar, vai precisar dela. Como? Vou te dar exemplo. Você sabe aquele prédio que foi feito no Rio de Janeiro, você já ouviu falar, que os caras usaram areia de praia, pra construir o prédio. Quantas quantidades de cimento, de pedra, tudo, mesmo que o cara não seja um professor de matemática, mas tudo tem que ser assim. Vou te ensinar o caminho mais prático que vai dar o mesmo resultado dessa conta que você tem dificuldade em matemática... E aí a gente começou a conversar: “mas tia, esse caminho que você sabe é muito mais prático.” Porque eu vou falar o segredo pra você. Eu estudei lá nesse colégio³⁰, a sede lá. À noite eu entrei lá pra ajudar a Julia. Quando a Julia foi entrar aqui na escola eu fiz uma opção na minha vida. Eu fui trabalhar o final de semana para preparar a Julia, a alfabetização dela, pra ela ficar aqui. E assim, você vai procurando os *caminhos* e não é a matemática não é um bicho de sete cabeças. Muda, mas o resultado vai dar o mesmo. É verdade. Foi de menino e menina. E a Julia falou: “mãe, os *meninos* gostaram muito da sua explicação. Eles entenderam que vai ter o mesmo resultado, a conta só vai ser diferente. Sempre uma folha de rascunho do lado. Ela falava, a professora não queria que ficava, porque se você for ficar fazendo as coisas no caderno, o caderno vai ficar feio, você sempre tem uma folhinha assim dentro do caderno pra você fazer um rascunho e não fazer lá nas carteiras. Porque você já viu as outras escolas? (risos). Faz na carteira!!!

³⁰ Há aulas para Jovens e Adultos nessa mesma instituição. Essa mãe frequentou aulas na EJA.

6. TRANSCRIÇÃO DA ENTREVISTA REALIZADA COM PROFESSORAS DA ESCOLA QUE REALIZAVAM GRUPOS INTERATIVOS

CIBELLE - Quero fazer algumas perguntas sobre os Grupos Interativos e quem³¹ quiser falar, pode pegar a fala de outra pessoa, é super informal, está bem? A pergunta é: vocês participam do Grupo Interativo desde 2016?

PROFESSORA 1 - Eu antes.

CIBELLE - Algumas antes, desde 2015. Vocês podem contar como essa atividade funciona?

PROFESSORA 1 - Como funciona, o que você quer saber?

CIBELLE - Como ela funciona, como é a organização de vocês... como é o dia...

PROFESSORA 1 - Como eu faço?

CIBELLE - Isso.

PROFESSORA 1 - Primeiro você verifica a possibilidade dos pais virem, porque antes nós tínhamos os voluntários. Hoje nós não temos mais, porque os alunos da outra unidade³² que vinham, não veem mais. Então nós estamos convocando as famílias. E uma das maiores dificuldades dos Grupos Interativos é não ter tantos voluntários para os grupos, porque normalmente os pais hoje não podem largar o trabalho. É um dos pontos mais... que a gente acha. Eu gosto dos Grupos Interativos porque não saio do meu planejamento. Geralmente eu uso as atividades da semana, que são contempladas na semana. Gosto também porque é uma forma da gente perceber mais, o foco nas crianças com mais dificuldade. Eu acho isso, principalmente no 4º e 5º anos. Não sei dos menores, mas do 4º e 5º anos dá pra trabalhar bem dentro do planejamento e saber onde as crianças têm ou não maior dificuldade. E trabalhando muito também a colaboração. As crianças estão ajudando muito as outras. Essa parte de compartilhar, quem sabe mais ajuda os outros. Eu acho isso um ponto muito positivo, gosto muito de trabalhar. Acho que tem avanço sim. Não sei se tanto o esperado, porém, tem avanço. Muitas crianças eu vejo que trabalham ali, procuram fazer melhor porque o outro está fazendo, e também a divisão desses grupos tem que ser muito bem feita. Não botar só criança

³¹ Participaram dessa entrevista 4 professoras de Ensino Fundamental da Escola Comunitária. Nomeamos como professora 1, professora 2, professora 3 e professora 4 para proteger a identidade das professoras.

³² Alunos do Ensino Médio das unidades pagantes da mesma Instituição escolar frequentaram a Escola Comunitária em 2015 e 2016 para realizar trabalhos voluntários, auxiliando em aulas e participando de atividades como os Grupos Interativos.

com dificuldade, não... Você tem que permear tudo. Então, eu gosto. Não sei o que você quer ... Veja o planejamento: são divididos em grupos, normalmente nós fazemos... eu faço... antigamente nós fazíamos seis atividades. Eu achei muito, não dá. Hoje a gente faz, eu faço três atividades. Duas de LP (Língua Portuguesa), uma de Matemática e são seis grupos, então cada dois grupos fazem isso. Pra dar tempo deles trabalharem com tranquilidade, de trocarem os saberes, de um ajudar ao outro, senão fica muito corrido. No começo, eram cinco ou seis atividades...

PROFESSORA 2 - Não dava tempo, daí eles não finalizavam.

PROFESSORA 1 - Isso.

PROFESSORA 2 - E agora dá tempo até deles confrontarem as respostas pra saber quem errou, quem não errou, porque respondeu dessa forma... Então, a gente tem tempo pra isso.

PROFESSORA 1 - A troca fica mais tranquila.

CIBELLE - Então são seis grupos com três atividades. E quem fica nesses grupos?

PROFESSORA 2- Os pais.

PROFESSORA 2- Quando os pais não vêm, aí as monitoras, ou alguém do colégio disponível, ou o professor que está em aula vaga, substitui esse pai que não veio.

CIBELLE - E vocês têm a participação efetiva dos pais?

PROFESSORA 2 - No meu caso, sim. Até hoje não tive uma falta.

PROFESSORA 1- Eu também.

PROFESSORA 3 - Eu não. Ultimamente, têm vindo dois, um tem diminuído a frequência; mas eu percebo que os alunos, eles curtem isso. Eles gostam muito. Eles esperam que os pais participem. Pedem pra mandar o bilhete pro pai vir. E às vezes eles ficam tristes quando não conseguem. A princípio, os pais avisam. Eles conseguem avisar quando os pais não vêm. E dá tempo de você colocar outro.

PROFESSORA 2 - Às vezes não tem funcionário o suficiente pra suprir a falta de um pai.

PROFESSORA 3 - Eu tenho ficado às vezes em dois grupos me revezando.

PROFESSORA 1- Na verdade, quando eu coloquei a dificuldade, eu coloquei numa conversa que a gente teve com a diretora, justamente sobre a falta dos voluntários da outra unidade³³, e a gente ter que colocar os pais, eu digo numa maneira geral do 4º ano e de 5º ano...

PROFESSORA 3- Essa foi a maior dificuldade que a gente teve: os voluntários. A falta deles.

PROFESSORA 2- Porque precisa. Senão vira uma atividade de aula. Ela é diversificada, mas sem um adulto aí... um voluntário observando, orientando pra que eles se organizem, façam silêncio...

PROFESSORA 4 – Então. Deixa eu falar um pouquinho da minha experiência. Na verdade, esse é o segundo ano que eu faço o Grupo Interativo. Concordo com as meninas que a maior dificuldade é a presença dos pais aqui na escola, mas eu tenho contado muito com a ajuda das monitoras. Então, eu não deixo ficar o grupo sozinho. As atividades que eu seleciono são atividades do planejamento e às vezes quando eu não tenho nenhuma atividade de sistematização no planejamento... então eu seleciono, escolho uma atividade pra fazer parte do Grupo Interativo. Geralmente, uma atividade do Ipad. Mas isso é raro. Geralmente eu consigo pegar as atividades do planejamento. Também fazia seis atividades... mas realmente não dá certo, porque no período das 14h às 15h30min, com 15 minutos em cada atividade, fica muito justo, porque os voluntários demoram um pouco. Os voluntários que eu falo são: pais ou monitoras. Então, as pessoas que vão ficar em cada grupo, às vezes demoram pra chegar. Então, nem sempre eu consigo começar às 14h... aí não dava tempo. A última atividade de 15 minutos, eles tinham que fazer em 5 e 10 minutos. Para atividade, eu acho que é sempre um aprendizado. Eu acho que você vai perguntar isso depois... (risos)

CIBELLE - Não! Pode ir falando, gente! Pode ir falando...

PROFESSORA 4 - Eu vou atropelar as perguntas?

CIBELLE - Não! É uma entrevista completamente livre. Eu não tenho um roteiro específico. Eu vou tomando o que vocês vão falando e vou fazendo perguntas.

PROFESSORA 4 - Então é assim, como é que eu vejo e me sinto fazendo esse trabalho: acho que ainda é um ano de experimentação. São dois anos, mas ainda estou experimentando. Dá resultado? Eu não sei ainda, porque acho que a gente precisa de um tempo maior, até pra ver como é que ficam as notas desses alunos, se realmente isso traz um resultado. Eu não consigo dimensionar se o que está fazendo o meu aluno avançar são os Grupos Interativos, se é o

³³ Alunos do Ensino Médio das unidades pagantes da mesma Instituição escolar frequentaram a Escola Comunitária em 2015 e 2016 para realizar trabalhos voluntários, auxiliando em aulas e participando de atividades como os Grupos Interativos.

Apoio³⁴, as intervenções que eu preparo no Apoio, os planos de ação que eu preparo dentro da sala de aula... ainda não consigo dimensionar o que está fazendo com que esse aluno avance, mas é fato que, o que acontece no Grupo Interativo eu vejo os alunos trocando. No 5º ano... eles trabalham seriamente. Eles não ficam brincando...

PROFESSORA 1 - Eles trabalham mesmo.

PROFESSORA 4 - Eles apreciam muito quando os pais vêm, mas infelizmente nem todos podem vir. Eu tenho, por exemplo, caso de um pai que vem toda semana. Toda semana não.

CIBELLE - A cada 15 dias.

PROFESSORA 4 - A gente faz o trabalho a cada 15 dias... eles amam esse pai, eles esperam. É um pai que eu nem convido mais, porque ele vem.

PROFESSORA 1 - Eu tenho um também que sempre vem. Vem porque estão desempregados. Todos os que frequentam estão sem emprego.

PROFESSORA 4 - Eu não sei qual é a condição desse pai, mas ele vem, ele curte...

PROFESSORA 3 - Eles gostam.

PROFESSORA 4 -... e ele tem um bom vínculo com os alunos.

PROFESSORA 1 - Isso é importante.

PROFESSORA 4 - Então eles esperam esse pai.

PROFESSORA 1 - Ai que gostoso! Que gostoso!

PROFESSORA 4 - Eu já tive o depoimento de uma mãe que falou assim: "ah, eu queria vim, mas eu não posso. Minha filha até chorou. - Ah, por que imagina o Grupo Interativo... vai ficar sem ninguém e não pode."

PROFESSORA 1 - Olha, que bacana!

PROFESSORA 4 - "É... e não pode." Então, os alunos estão engajados e envolvidos para trazer alguém de fora, mas essa é a maior dificuldade.

³⁴ Cada professora faz um planejamento de recuperação contínua. Nele, a professora mapeia as dificuldades dos alunos e prepara intervenções específicas, para minimizar os impasses e preparar melhor os alunos, reduzindo assim a quantidade de estudantes em recuperação e consequentemente, reprovados.

PROFESSORA 1 - Eu tenho um pai que é ex-aluno, da outra unidade, da EC. Você precisa ver a satisfação dele, do colégio abrir para os pais virem, então ele vem. Cada depoimento, o que ele fala pras crianças, então são esses presentes que a gente tem.

PROFESSORA 4 - É... tenho um depoimento também de algumas crianças, inclusive ontem eu conversei com uma criança, porque ela vai falar no TED ³⁵ sobre o Grupo Interativo. Então eu fiz uma entrevista com ela e ela diz que gosta muito do Grupo Interativo, porque é um jeito diferente de aprender.

PROFESSORA 1 - Olha que bacana!

PROFESSORA 4 - Outras crianças já tinham falado isso antes, de gostar do Grupo Interativo, porque é um jeito diferente. E ela falou uma frase tão bonitinha, que foi assim: “é como se a professora fosse dividida em partes e tem uma professora em cada grupo.”

PROFESSORA 1 - Olha, que fala linda!

CIBELLE - Aí é como se um pai fosse um professor, é isso?

PROFESSORA 2- É porque ele participa de verdade.

PROFESSORA 4 - Na visão dessa aluna, sim. Ela vê o professor, embora a gente oriente os monitores e os pais que o papel deles é de contribuir...

PROFESSORA 2 - ...para o bom andamento.

PROFESSORA 4 - ...para que os alunos troquem ideias e não tem a função de ensinar, mas a gente percebe que tem pais que sim, ensinam e eu não faço intervenção sobre esse pai. Eu não digo pra ele: “não, o senhor não pode ensinar.” Até porque a gente sabe que a cultura dos pais também é importante.

PROFESSORA 2- Isso que eu ia falar.

PROFESSORA 1 – É importante!

³⁵ TED é uma organização sem fins lucrativos que se propõe a realizar palestras curtas, destinadas à disseminação de “boas ideias”. Quando foi criado, na década de 1980 seu principal objetivo era difundir temas relacionados à tecnologia, porém com o passar dos anos, passou a abranger outros temas ampliando suas palestras. Atualmente, essas palestras são veiculadas em plataforma digital e muitos temas como meioambiente, relações interpessoais, são explorados. Em 2017, a escola foi convidada para sediar palestras ministradas pelos alunos. Tanto alunos das unidades pagantes, quanto alunos bolsistas discursaram sobre tema de interesse em evento em São Paulo.

PROFESSORA 2 - Tem pais que não têm condições de contribuir, mas vêm. Então não sabem ler, não sabem escrever, ficam envergonhados quando você apresenta as atividades e você fala: “escolha em qual atividade você quer participar.” Eles ficam incomodados ou envergonhados, porque talvez eles não tenham...

PROFESSORA 3 - Receio de não saber...

PROFESSORA 2 - É... receio de não saber e não contribuir. Aí, cabe o nosso papel de tranquilizá-lo, não é? Então, a gente explica como funciona, qual é a atividade, se eles tiverem alguma dúvida, nós estamos ali como suporte. Que eles não precisam ensinar os alunos, caso eles não saibam. Eu deixo com os livros, gabaritos como referência...

PROFESSORA 4 - Agora, uma prática que eu tinha, era que depois dos Grupos Interativos, acabava o horário e eu ia corrigir todas essas tarefas... e ficava muito cansativo. De cinco e seis. Hoje eu faço cinco atividades. São seis grupos. Não acho ideal o número de alunos por grupo - são seis alunos.

PROFESSORA 2 - Eu também acho.

PROFESSORA 1 - São seis.

PROFESSORA 2 - O meu é mais.

PROFESSORA 1 - E não temos condições de fazer mais grupos. Não tem espaço!

PROFESSORA 4 - O que eu percebo é que um grupo fica subdividido em dois, mas a pessoa que fica lá, o tutor, voluntário... ele levanta, ele consegue atender a todos. Olhar todos, mas eu percebo que eles trabalham de forma subdividida. Como se fossem dois grupos.

PROFESSORA 1 - Pela quantidade de alunos?

PROFESSORA 4 - Pela quantidade, porque um não consegue falar com o outro que está ali na ponta, não consegue ouvir. Enfim, mas tem funcionado assim.

CIBELLE - Então você considera que não é ideal fazer essa subdivisão, porque eles perdem a colaboração que vocês tanto falaram que é importante, é isso?

PROFESSORA 4 - É... Não é ideal o número de seis, porque eles não conseguem trocar. Os seis não conseguem trocar ao mesmo tempo. Eles trocam em três, quatro...

PROFESSORA 1 - Ao mesmo tempo. Não que eles deixem de lado...

PROFESSORA 2- Mas aí o volume aumenta, porque um tem que ouvir o outro. Eu vejo pelos pequenos - são muitos num grupo só e pelos pequenos, eles têm necessidade de falar e ainda eles estão se organizando pra fazer essa troca. Então o volume é alto... em grupos menores eu acredito que eles trabalhariam melhor.

PROFESSORA 3 - Num espaço maior...

PROFESSORA 2 - Porque acabam falando cada vez mais alto, cada vez mais alto... e eles estão trabalhando. Você percebe que eles estão trabalhando, mas o volume que fica na sala é muito grande.

PROFESSORA 3 – Eles são menores, não é?

PROFESSORA 2 - Eles são menores, querem conversar com os pais, então assim, tudo você vai adequando ...

CIBELLE - E como vocês sentem que os pais... qual a participação dos pais aqui? Porque eles vêm? Qual é o objetivo dos pais em vir para o Grupo Interativo? O que vocês sentem em relação a isso?

PROFESSORA 2 - Acho que é participar um pouco da rotina do filho. Ver o que acontece em uma sala de aula, ver que dentro de uma sala de aula existem diferentes crianças, então, às vezes ele olha pro filho dele e fala: “puxa, meu filho tem tanta dificuldade”... ou “nossa, meu filho vai super bem.” Quando chega aqui, ele vê uma outra realidade. Tem crianças que têm muitas dificuldades, têm crianças que estão além do filho dele e que estão ali, que é uma sala heterogênea, não são todos iguais... Eles só têm essa dimensão quando entram na sala de aula...

PROFESSORA 1 - E pelos relatos a gente vê...

PROFESSORA 2 - É... pelos relatos: “esse grupo trabalhou melhor”... “esse grupo tem dificuldade mais na matemática”... “acho que esse grupo trabalhou melhor LP”... então eles acabam até percebendo a dificuldade maior do grupo. Não do grupo em geral. Porque eles não acabam passando em todos os grupos, mas acabam tendo uma visão maior do que só do filho.

PROFESSORA 3 - Eu tive uma mãe que vem desde o início do ano, e aí nessa última segunda, ela falou: “nossa, eu percebi um avanço neles. Como eles melhoraram do começo do ano até agora, não é?”. E ela relatou alguns alunos que tem mais dificuldade, até de comportamento, e citou: “nossa, até ele! Como ele melhorou...está concentrado!”... Do jeitinho dela!

PROFESSORA 1 - Eu ia colocar isso, justamente...

PROFESSORA 4 - Lembrei que quando eu comecei aqui na Escola Comunitária, esse é o sexto ano. Os alunos tinham uma grande dificuldade em trabalhar em grupo... não sabiam trabalhar em grupo.

PROFESSORA 1- Só sentavam juntos. Só!

PROFESSORA 4- É... sentavam juntos... muitos conflitos e a atividade não acontecia... era bem difícil, porque eu entendia, a gente não sabia que eles não tinham a experiência, porque vieram de fora, de outra escola e isso foi construído. Com os Grupos Interativos, que começaram lá em 2015, eles têm a vivência do ano passado... Então, formar e trabalhar em grupo hoje é completamente diferente.

PROFESSORA 1 - Eles entenderam.

PROFESSORA 4 - Algo que eles já sabem e que, inclusive, eles começam a usar muito essa palavra “interagir”. E o que é interagir?

PROFESSORA 1 - São Grupos Interativos (risos)

PROFESSORA 4 - “É trocar com o meu colega.” inclusive, a Karina³⁶ ontem na entrevista falou assim: “no Grupo Interativo, você escuta o que o colega fala e você se dá conta de que você não tinha pensado daquela forma e isso ajuda.”

PROFESSORA 3 - Os pais percebem isso, não é?

PROFESSORA 1- Percebem.

PROFESSORA 3 - Os pais percebem isso também nas crianças. Como eles trocam e como eles aprenderam. Isso é importante! Os pais falam. Na segunda feira mesmo um pai falou assim: “ah, eu vou ajudar aqui, professora”. Era a primeira vez que ele veio... “vou ajudar aqui, vou olhar assim, mas eu confesso que eu não sei nada. Eles sabem mais do que eu”.

PROFESSORA 1- É verdade...

PROFESSORA 3- Ele falou isso.

PROFESSORA 1 - O bacana que eu estou fazendo...tenho pais que também vêm já várias vezes e um relato de quando eles fazem, eles fazem um relato do dia, como foi o dia... como eles perceberam o avanço dessas crianças na interação, em ajudar, no jeito de estar no grupo...

³⁶ Nome fictício usado para proteger a identidade dos alunos.

PROFESSORA 3 - A postura!

PROFESSORA 1 - Não é ficar. Eu acho que existe uma diferença entre ficar e estar. Hoje você percebe que eles estão verdadeiramente no grupo. Eles não ficam juntos, eles estão juntos. Isso, os Grupos Interativos favorecem muito nessa interação deles... nesse estar junto, na colaboração...

CIBELLE - Nessa troca...

PROFESSORA 1- Nessa troca constante. Fora os dias que nós não temos grupos, eles fazem isso. Eu percebo muito isso.

PROFESSORA 4- Cibelle, sobre os pais eu percebo é que, tem um pai que vem e às vezes vem com muito medo. E aí, parece que quando a gente explica que ele não precisa ensinar, qual é o papel dele no grupo, parece que dá uma aliviada, mas em geral, tem alguns pais que vêm uma vez e não voltam.

CIBELLE - Vocês imaginam o por que disso?

PROFESSORA 1 - Eu não vejo que seja o “não saber”; está associado a dificuldade dele. Eu acho que o que impede é o trabalho deles.

PROFESSORA 2- É... já saiu uma vez, vai sair de novo?

PROFESSORA 1 - Às vezes faz um esforço...

PROFESSORA 4 - Não sei com certeza porque que essa mãe, esse pai não volta, mas o que eu pude perceber que esses pais que eu estou falando em específico, que eu vejo, que ficam bastante tímidos no grupo e não voltam, talvez por não conseguir...

PROFESSORA 1 - Não se sentir confortáveis?

PROFESSORA 4 – Não sei se interagir... se sentir confortável, não conseguiu criar vínculos, não sei exatamente. Por outro lado, não é a maioria dos pais. Aqueles que vêm, em geral, gostam.

PROFESSORA 1- E voltam.

PROFESSORA 4 - Acho que vêm com aquela curiosidade de perceber o seu filho no grupo. Alguns chegam até a verbalizar isso. Que eles queriam ver o seu filho numa sala de aula.

PROFESSORA 1 - Como ele se porta, como ele aprende, como ele interage... isso, sim. Eu tenho um pai que não sabe ler e escrever... e ele vem.

PROFESSORA 4- Agora eu tenho esse pai que vem sempre, ele disse que adora.

PROFESSORA 1 - Eles adoram.

PROFESSORA 4 - Ele adora ensinar.

CIBELLE - Ele falou que adora ensinar?

PROFESSORA 2- A maioria sai satisfeito.

PROFESSORA 4- Que ele gosta disso... ele sai... a maioria sai.

CIBELLE - Eles relatam que eles estão aqui para ensinar também?

PROFESSORA 4 - Esse pai, sim.

PROFESSORA 1 - Esse pai que não sabe ler e escrever, ele é pastor. Olha, ele é pastor. E o quê que ele faz: ele sempre tem alguma coisa pra falar pra essas crianças no sentido não de religião, mas ele sempre tem uma fala nos grupos...

CIBELLE - Motivacional...

PROFESSORA 1 - Motivacional... de como eles podem agir diferente quando vêm alguma coisa. Ele contribui numa forma tão gostosa que as crianças adoram ele.

PROFESSORA 2 - Agregador, não é?

PROFESSORA 1- É... você precisa de ver que lindo!

PROFESSORA 4 - O que eu senti na fala da Karina³⁷ ontem, em relação a ter uma pessoa em cada grupo, é que ela sente uma segurança maior...

PROFESSORA 1 - Olha, que bacana!

PROFESSORA 4 - ... e pode ter alguém de imediato atendendo as dúvidas, o que muitas vezes o professor no grupão não consegue, porque esse aluno vai ter que esperar um pouco, muitas vezes...

PROFESSORA 1 - E ali é de imediato. Surgiu a dúvida, o colega que tira a dúvida... e outra vantagem, quando você tem um voluntário pra cada grupo, o professor fica muito disponível. Então, por exemplo, na minha sala fico eu e a minha monitora. Então, quando surge, quando

³⁷ Nome fictício usado para proteger a identidade dos alunos.

eu vou percebendo quando tem algum grupo que está com mais dificuldade, já vou lá, já tento, já explico, entendeu?

PROFESSORA 2 - É isso mesmo. Nós somos volantes, na verdade.

PROFESSORA 1 - É... E o atendimento é de imediato. As dúvidas são detectadas e tiradas muito rapidamente. É um ponto muito positivo.

CIBELLE - Eu entendo que vocês me disseram aqui que têm muitos pontos positivos, principalmente na relação, e que na aprendizagem, vocês vão saber daqui um tempo, vocês sentem que teve alguma melhora, mas vocês não podem atribuir...

PROFESSORA 2 - ... afirmar que foi por isso?

PROFESSORA 4- A gente não tem essa dimensão...

PROFESSORA 2 - Acho que contribui também...

PROFESSORA 4 - Mas acho que é uma atividade muito boa e que contribui para o aprendizado. Na medida que o aluno tem um feedback imediato, seja de um colega, seja de um pai, ou mesmo da professora, isso só tem a contribuir.

PROFESSORA 1 - Lógico! É positivo. Só tem a contribuir, porque é de imediato. Como você falou, é ali, aparece e você consegue...

PROFESSORA 4 - A frequência do grupo que você perguntou é a cada 15 dias.

CIBELLE - É suficiente?

PROFESSORA - Se ela é suficiente, para quê?

CIBELLE - Para os objetivos que vocês têm.

PROFESSORA 1 - Eu gostaria... no ano passado, fazia toda semana. Eu gostaria... eu gosto muito. Eu fazia toda semana, toda sexta-feira. Esse ano eu faço a cada 15 dias, justamente pela dificuldade de...

CIBELLE - De ter os pais e voluntários...

PROFESSORA 1- De ter os pais, voluntários, porque o ano passado eu tinha os alunos. Eles vinham toda semana, lembra?

PROFESSORA 3- Ah... os alunos?

PROFESSORA 1 - Os alunos do colegial.

CIBELLE - Sim, os voluntários.

PROFESSORA 1- Os voluntários da outra unidade. Perdemos isso. Então, foi a grande dificuldade, por isso 15 dias.

PROFESSORA 4- Agora, o que eu sinto enquanto professora é que a gente não ia conseguir mais ficar sem os Grupos Interativos...

PROFESSORA 1 - Também concordo.

PROFESSORA 4 - Eu acho que os alunos iriam pedir...

PROFESSORA 1- Eu concordo, eu concordo...

PROFESSORA 2- É... porque eles perguntam: “essa semana tem Grupo Interativo?”

PROFESSORA 4 - Acho que porque os Grupos Interativos acabam ajudando muito a dinamizar também o planejamento. O quê eu faço então? Antes eu corrigia todas as tarefas, eu não gostava disso, porque a coisa ficava muito demorada, cansativa... os alunos cansavam. Então, eu entrego um gabarito. Quando eles terminam a tarefa, eu entrego o gabarito. Ou pros alunos ou para o próprio...

CIBELLE - Tutor.

PROFESSORA 4- ... tutor que está lá.

CIBELLE - O pai, o voluntário...

PROFESSORA 4 - Então eles já realizam e correção, já tiram a dúvida.

PROFESSORA 3 - Otimiza o tempo...

PROFESSORA 4 - Caso tenha alguma atividade, porque às vezes acontece, o professor acaba escolhendo uma atividade que demorou mais que 20 minutos e eles não conseguiram terminar, então... essa atividade a gente retoma depois.

PROFESSORA 2 - É... para os pequenos nem tanto. Uma atividade ou outra que dá pra gente fornecer um gabarito pro pai e ele fazer essa correção com eles. Para os pequenos é necessário essa retomada. Principalmente uma interpretação de texto, onde tem várias visões, respostas diferentes. Então, é necessário essa retomada. Sinto isso pelos pequenos. Que é necessário esse fechamento, essa retomada, essa discussão geral.

PROFESSORA 1 - Mas eles mesmos foram evoluindo nessa questão - de trocar, de um ajudar ao outro, fazer a correção. É uma construção isso...

PROFESSORA 4 - É importante no Grupo Interativo realizar a atividade em 15 minutos.

PROFESSORA 3 - É o tempo proposto.

PROFESSORA 4- Então é algo que eles não conseguiam no início e que hoje...

PROFESSORA 1- Dá ritmo, não é?

PROFESSORA 2- Porque se fosse numa aula normal, uma aula não daria pra fazer...

PROFESSORA 1- É bem positivo isso.

PROFESSORA 4- Enquanto professora, às vezes eu vou trabalhar uma atividade e chego a pensar: se essa atividade fosse no Grupo Interativo ia ser bem melhor, porque eu não ia ficar um tempão corrigindo...

PROFESSORA 1 - É verdade, é verdade...

PROFESSORA 3 - Dispersa mais, não é?

PROFESSORA 4- Dispersa. No Grupo Interativo, eles ficam concentrados, fazem no tempo, corrigem, então você só fica com a dúvida.

PROFESSORA 2- Porque em 1h30 eles fazem três atividades.

PROFESSORA 1- E corrigidas.

PROFESSORA 4 - Às vezes numa aula normal você leva 45, 50 minutos.

PROFESSORA 1- Otimiza! Eu acho que otimiza o planejamento, dá ritmo. Eu sou muito a favor. Gosto muito.

CIBELLE - E como que vocês avaliam essa escola?

PROFESSORA 1 - Como assim?

PROFESSORA 2 - Em que sentido?

CIBELLE - Em todos os sentidos, porque vocês me trouxeram informações de uma escola que propôs uma atividade que traz os pais e que pensa também no desenvolvimento das crianças, nas notas delas, nas relações, e eu quero saber como vocês avaliam essa escola em todos esses sentidos.

PROFESSORA 4 - Na minha opinião, é uma escola bastante exigente. Muito. Exige muito do professor, muita dedicação, muitas horas além daquelas que a gente tem contratualmente. E

existe muita pressão pelos resultados. Então, a gente abraça qualquer coisa, qualquer coisa assim...

PROFESSORA 2 - O que é proposto...

PROFESSORA 4 - É... A gente busca muitas estratégias em busca desses resultados. Então, os Grupos Interativos, apesar de ter sido uma proposta que foi da direção para os professores, é uma atividade que eu gosto...

PROFESSORA 3 - Positiva...

PROFESSORA 1 - Acho que todas nós acolhemos bem.

PROFESSORA 4 - Que tem um papel importante nos resultados. A partir do momento que eu acredito na aprendizagem, que ela se dá por meio de trocas pela interação, então, eu acredito muito nessa atividade, gostaria de fazer mais, fazendo 15 dias por semana eu não consigo ter essa dimensão, então a gente vai em busca de estratégias. Qualquer estratégia é válida. A gente tenta para ter esse resultado, porque a meta é um resultado.

PROFESSORA 1 - Eu vejo assim, quando você fala da nossa escola, buscamos resultado sim. Isso é nítido. Mesmo com toda dificuldade de vida que temos dos nossos alunos, de vivência deles, que eles não têm tanta vivência quanto nós temos no currículo A. Não sei se podemos comparar, porque a exigência é igual. Não sei se vocês concordam...

PROFESSORA 2 - Sim!

PROFESSORA 1 - A exigência é igual. Tanto dos alunos pagantes quanto dos alunos bolsistas, a exigência é igual. Só que os nossos, eles não têm conhecimento de mundo e vivência quanto os outros têm.

PROFESSORA 3 - É diferente o conhecimento de mundo deles.

PROFESSORA 1 - Eu estou falando que eles não têm. Então, o que acontece, é muito grande a diferença, e nós, professoras aqui, eu acho que a gente tem um papel grande de busca. Nós buscamos muito mais pra poder favorecer nossos alunos pra ter esses resultados. Por isso que quando você fala que a gente busca muito, a gente busca muito sim, porque eu acredito que os nossos tenham... A gente trabalha de uma forma que traga para eles o que está faltando a eles...

PROFESSORA 3 - Que complemento.

PROFESSORA 1 - Não é? Pra gente poder ter esses grandes resultados. Por isso que a gente busca muito estratégias diferentes, traz muita coisa diferente pra eles. Não sei... se isso.

PROFESSORA 2 - Eu sinto falta um pouco das relações espontâneas. Eu acho que tudo aqui é muito direcionado. Eles não têm um momento em que podem ser eles mesmos e falar: “eu quero brincar disso, quero brincar daquilo.” Eles não têm esse momento e eu sinto falta. É muito direcionado... “faça isso, vá lá, volte aqui, 15 minutos aqui.” É tudo muito cronometrado, e eu sinto falta dessa liberdade. Então, essa relação espontânea entre eles não há. Por isso na hora do Grupo Interativo...

PROFESSORA 4 - Isso é para os professores também!!

PROFESSORA 1 - Também!!!

PROFESSORA 3 - Reflete em tudo...

PROFESSORA 4 - Apesar que, eu até queria trazer um contraponto, porque eu concordo com a Professora 3. O professor também não tem essa liberdade. Acho que o professor do 5º ano tem um pouco mais, mas a gente está num momento de abertura na escola. Um pouco de abertura. Como se ela estivesse abrindo, mas com muito cuidado. Com muito cuidado, com muitas reticências; mas existe uma abertura, porque hoje a gente faz o nosso planejamento. Então, esse planejamento é uma forma do professor ter uma liberdade maior...

PROFESSORA 1 - Uma autonomia maior... as provas também.

PROFESSORA 4 - Das suas escolhas... então, eu acho que é um exercício também... é algo que a gente está vivendo.

PROFESSORA 1 - É tudo novo pra nós...

PROFESSORA 1 - Nós vamos construindo, acho que o nosso pedaço aqui. Nós estamos num momento de construção... de se colocar mesmo...

PROFESSORA 3 - É... é o segundo ano a gente tá fazendo o planejamento sozinhas...

PROFESSORA 1 - Ano passado ainda...

PROFESSORA 2 - Até de reformulação da própria estrutura.

PROFESSORA 1 - De reformulação toda.

CIBELLE - Você falou sobre a espontaneidade nas relações. Você sente que falta isso inclusive com os pais?

PROFESSORA 2 - Não, com os pais eu não sinto. Acho que eles têm a liberdade de nos procurar quando necessário, como também nós procuramos eles. Então dos pais eu não sinto. Eu sinto pelas crianças mesmo. Essa interação entre eles, sabe?

PROFESSORA 1 - Acho que também porque os espaços são insuficientes. Nós não temos espaço...

PROFESSORA 2- É, acho que falta um espaço pra fazer isso.

PROFESSORA 1- Pra você sair mais... por exemplo, eu faço Tertúlia. Eu estava até falando para Professora 2 outro dia, ela falou: “ Segunda você pode”.... mas eu vi que, pra eu fazer uma Tertúlia, que é um momento gostoso que eles amam, eu tenho que arrastar as carteiras da minha sala de aula, sendo que eu poderia sair. Nós não temos espaço para ter mais essa espontaneidade.

CIBELLE - Espaço físico...

PROFESSORA 1 - Físico!

PROFESSORA 2 - É, porque é tudo muito direcionado.

PROFESSORA 1- Muito ali... você tem que ir ali, você não pode hoje...

PROFESSORA 2- Você só pode ir ali. Choveu, não pode mais.

PROFESSORA 1- Aí, você não tem intervalo, porque choveu...

PROFESSORA 3- Tudo é difícil.

PROFESSORA 4- A gente tem uma limitação física.

PROFESSORA 1- Limitação física muito grande, isso que falo, espaço físico.

PROFESSORA 4- Aí, a gente fica dentro da sala de aula...

PROFESSORA 1- E perde a espontaneidade de alguns momentos que a gente poderia participar...

PROFESSORA 3- Dos pais participarem mais, fora o Grupo Interativo.

PROFESSORA 4 - Tudo que a gente pensa tem que ser num espaço da sala de aula...

PROFESSORA 1 - Isso... por exemplo, a gente vai ter o chá dos avós. Quer dizer, vamos ver se vai sair mesmo. Trazer os pais em mais um momento... Onde? Horário diferente... Como

nós vamos fazer? Você entendeu? Eu acho que essa espontaneidade que a Professora 2 colocou....

PROFESSORA 2 - Às vezes acaba limitando algumas coisas...

PROFESSORA 1- Trava no espaço físico... não sei, se você pensa assim...

PROFESSORA 2- Sim.

PROFESSORA 1 - Não é no espaço físico mesmo.

PROFESSORA 2- Às vezes, nem tudo que você pensa, consegue executar; então você tenta outras estratégias pra atingir um mesmo objetivo, mas não da maneira que você gostaria.

PROFESSORA 4- Mas até o próprio planejamento, o plano anual domina a gente...

PROFESSORA 1- Você tem que cumprir... pronto.

PROFESSORA 4 - Tem um determinado conteúdo pra trabalhar naquele período e você quer fazer uma atividade que, eu não sei bem se a palavra é espontânea, mas uma atividade com outro ritmo, que proporciona mais tempo, um outro tipo de relação com o objeto de estudo, e você não pode, você não pode fazer porque tudo tem que ser muito rápido, tudo tem que ser em duas, três aulas, e não dá o tempo que as crianças precisam. Tempo pra pensar, tempo pra trocar...

PROFESSORA - Nós fizemos uma atividade de ciências, atividade avaliativa, e eles tinham que apresentar. A trazer todo... Eu fiquei tão feliz, eles ficaram tão felizes de apresentar... eles adoraram. Uma coisa que mostrou o que eles tinham feito... aquela troca. "Eu estou atrasada!". Eu falei pra coordenadora ontem: eu estou atrasada no planejamento, e agora? Eu dei tanto espaço que ela falou, "você prioriza a espontaneidade, você acaba atrasando o seu andar no planejamento", vai ter prova, eu estou atrasada... eu acho que é bem como a Professora 2 falou.. E o que você falou: você tem que cumprir e acabou. Tem prova aí, temos que cumprir...

PROFESSORA 3 - E esse tempo é necessário para aprendizado...

PROFESSORA 1- Sim...

PROFESSORA 4- Aí o professor tem que tomar uma decisão. E o quê ele faz?

PROFESSORA 1- Aí você tem que correr.

PROFESSORA4 - Ele prioriza o aprendizado ou o planejamento? Eu priorizo sempre o aprendizado.

PROFESSORA 1- Eu também. Por exemplo, quantas vezes tem conflitos e eu paro mesmo. Paro tudo e vamos conversar. Vamos conversar, não é isso?

PROFESSORA 4- Se uma atividade foi planejada pra uma aula, mas...

PROFESSORA 1 - Não deu...

PROFESSORA 4 - Eu estou usando a segunda aula, escolho sempre o aluno. Então, eu sou sempre uma professora que estou atrasada no planejamento...

PROFESSORA 1- Eu também (risos).

PROFESSORA 2- Eu também.

PROFESSORA 1- Somos, não é?

PROFESSORA 1- Por exemplo, essa atividade agora da Paz, vai atrasar tudo... Ou a gente faz de cabeça isso ou...

PROFESSORA 3- Duas aulas ontem eu não terminei.

PROFESSORA 2 - Em comemoração da semana da Paz foi proposto que nós trabalhássemos alguns livros que falassem sobre valores. Convivência... então, cada série escolheu um tema. O meu foi convivência. Então, com quem que você se parece? Então, eu estou trabalhando aquele livro "Eu & os outros".. Então pra eles se colocar em algumas situações... será que eu me vejo nessa forma? Isso acaba não entrando no planejamento e a gente vai se adequando...

PROFESSORA 4 - Agora, o Grupo Interativo, entende um pouco essa nossa angústia do tempo (risos).

PROFESSORA 1 - Você acaba colocando nos Grupos Interativos aquilo que não deu pra contemplar durante a semana.

PROFESSORA 4 - Ou então você conta com ele: essa semana eu vou dar Grupo Interativo. São cinco atividades...

PROFESSORA1 - Vou por todas (risos).

CIBELLE - Entendi. Então, o Grupo Interativo vocês consideram uma boa estratégia para o funcionamento desse modelo de escola...

PROFESSORA 4- Pra essa gestão.

CIBELLE - Pra essa gestão.

PROFESSORA 4- Sim.

CIBELLE - E vocês encontram algum ponto que não é benéfico dele?

PROFESSORA 1 - Eu não vejo... o que eu sinto falta é de fazer mais...

PROFESSORA 3 - Tutores!

PROFESSORA 2 - Eu gostaria que os grupos fossem menores.

PROFESSORA 3 - É... os grupos menores.

PROFESSORA 4- Dificuldade do tutor vir...

PROFESSORA 4 - Dos grupos muito grandes.

PROFESSORA 1 - O que eu sinto falta, por exemplo, de uma continuidade de alguém vir aqui, pra você ir mais a fundo, de aprimorar cada vez mais. A gente sabe, mas eu queria mais coisas. Você entendeu? Alguém que viesse...

PROFESSORA 3 - Na parte teórica?

PROFESSORA 1 - É... não só da gente buscar, mas de interagir com outras pessoas que fazem, que sabem...

PROFESSORA 2- Trocar experiências...

PROFESSORA 1 - Você entendeu? Troca de experiência, umas informações diferentes... quem está fazendo, mesmo lá do grupo Natura,... vir, trazer mais novidades, não sei se tem, se não tem...

CIBELLE - Deixa eu ver se eu entendi: você sente falta de trocar experiência sobre os Grupos Interativos com outras escolas que também fazem Grupo Interativo?

PROFESSORA 1 - Que também fazem, ou contribuição mesmo dela...

CIBELLE - Da formação..

PROFESSORA 1 - Da formação... de mais formação... não sei...

PROFESSORA 2 - Ou até olhar pra ver se está fazendo corretamente, se tem uma forma mais fácil de interação entre eles...

PROFESSORA 1- Mesmo porque, daquela última vez que a gente teve, houve um pouco de discordância de como fazer, de um jeito ou do outro, não sei se vocês sentiram isso.

PROFESSORA 1 - Poxa, é assim, não é? Tanto na Tertúlia, como nos Grupos Interativos. Houve uma divergência. Então, eu queria mais. Por mais que você faça os cursos da Natura³⁸, por mais... eu quero essa troca...

PROFESSORA 4 - Cibelle, qual foi a sua pergunta mesmo? Desculpa.

PROFESSORA 1- Você quer ponto benéfico...

PROFESSORA 4 - Eu pensei em algo e agora eu quero relembrar.

CIBELLE - Se não tem nada que não é bom...

PROFESSORA 1 - Que não seja benéfico.

PROFESSORA 4 - Ah então, eu acho o que a gente apontou foi dos grupos muito grandes...

CIBELLE – Muito grandes...

PROFESSORA 4 - Uma coisa que eu queria falar é que eu, por exemplo, gostaria de fazer Grupos Interativos todos os dias... é, toda semana.

PROFESSORA 1 - Toda semana! Eu também.

PROFESSORA 4- Porém, não faço por conta dos...

PROFESSORA 1 - Da vinda dos tutores.

PROFESSORA 2 - Dos voluntários.

CIBELLE - Da participação.

PROFESSORA 4- Da participação... é.

PROFESSORA 1-Da dificuldade dos tutores. Eu também.

PROFESSORA 4 - Que eles não têm...

CIBELLE - Qual é a média de visitas por quinzena aí que você tem de pais?

PROFESSORA 4 - Dois. No máximo dois.

³⁸ O Instituto Natura é uma das instituições brasileiras que estuda as Comunidades de Aprendizagem de Barcelona. Em 2014, a escola entrou em contato com o Instituto Natura que ofereceu uma formação complementar sobre as Comunidades de Aprendizagem e suas ações de êxito.

CIBELLE - E aí, os outros grupos ficam com...

PROFESSORA 4- Com os monitores...

PROFESSORA 1 - Com os monitores nossos...

PROFESSORA 4- E aí, é uma dificuldade.

PROFESSORA 1- Porque nós estamos com falta de três monitores...

PROFESSORA 4- Porque aí eu preciso... minha monitora vai atrás de monitoras, aí entra monitora na minha sala:- “olha, eu vou ficar um pouco e depois vou sair”. Então isso é muito ruim. Para os alunos, para o professor. Desgastante mesmo.

PROFESSORA 1 - Desgastante.

PROFESSORA 4 - Porque a gente fica preocupada em fazer um bom trabalho, da importância do tutor lá. E fica um entra e sai, entra e sai de monitores...

PROFESSORA 2- Aí acaba não tendo um plano B...

PROFESSORA 1 - Eu não acho bacana.. .eu não gosto, por exemplo, do professor ficar em algum grupo...

PROFESSORA 3- Mas tem ficado.

PROFESSORA 1- Fica por conta da falta, mas seria legal que todos os grupos tivessem o professor fora, entendeu?

PROFESSORA 4 - Porque aí a gente volta no início. Sem o tutor em cada grupo, vira uma atividade em grupo...

PROFESSORA 1-Vira diversificada...

PROFESSORA 4- Sai da proposta do Grupo Interativo.

PROFESSORA 1 - Sai do objetivo...

CIBELLE - E da participação da comunidade...

PROFESSORA 4 - Da comunidade. Então, descaracteriza o trabalho.

CIBELLE - E isso tem acontecido com alguma frequência?

PROFESSORA 3 - Na minha sala, sim.

PROFESSORA 2- No meu caso, não. Desse ano, até agora, eu não tive nenhuma falta. Tem seis pais em todo Grupo Interativo.

PROFESSORA 4 - É importante isso. A gente percebe quanto maiores os alunos, menor é a participação dos pais. Educação infantil tem muitos pais. Acho que 1º e 2º ano também. Até o 3º, 4º ano tem...

PROFESSORA 1 - Eu não posso reclamar esse ano, porque acho que devido ao que eu falei...

PROFESSORA 3 - Que eles estão desempregados...

PROFESSORA 1 - Que eles estão desempregados. E eu tenho a graça, eu fui agraciada porque eu tenho a Aline³⁹ (funcionária da escola e mãe de aluna)... e vem a Aline e o marido, então são dois toda semana.

PROFESSORA 4 - É, a Professora 3 tem dificuldade e o 5º ano tem.

PROFESSORA 4 – A Professora 3 que é do quarto ano, tem dificuldade e os quintos anos têm.

PROFESSORA 1- Os dois é?

PROFESSORA 4 - Os dois.

PROFESSORA 3- Eu tenho um pai, quando vem, pede uma declaração pra entregar no trabalho. Pergunta antes...

PROFESSORA 1- Eles pedem.

PROFESSORA 1- Por exemplo, agora terça-feira, eu não vou ter a Aline e o marido, são menos dois. Quero ver... você entendeu?

CIBELLE - Uhum...

PROFESSORA 1- Por isso que eu estou falando, eu fui agraciada, porque ela e o marido toda semana. Ela é uma graça.

PROFESSORA 2- É que é assim, que tem o Grupo Interativo, tem. Só não sabemos se podemos garantir se todos os grupos terão tutores. A definição é essa.

PROFESSORA 1 - Por isso que não fazemos toda semana. Por mim, eu faria toda semana.

³⁹ O nome da funcionária é fictício para proteger a identidade dos funcionários.

PROFESSORA 2- Porque a rotatividade dos pais seria maior. Que nem agora, eu não repeti nenhum pai ainda. Então eu estou chamando ainda os que não participaram.

PROFESSORA 1- Nossa, que beleza!

PROFESSORA 2 - Então quando finalizar tem o que, seis ou sete pais. Agora eu vou finalizar esse grupo, que eu não sei se vai vir. Eu estou aguardando a resposta de todos...

PROFESSORA 1- Que legal.

PROFESSORA 2 - Aí eu começo tudo de novo. Não tive repetição de pai ainda.

PROFESSORA 1- Nossa... privilegiada!

PROFESSORA 2- Então, essa turma abraçou, mas tem mãe que fala: “essa semana eu não posso. Pode ser a semana que vem, que eu converso com a minha chefe?”

PROFESSORA 1- Olha, que legal!

PROFESSORA 2 - Eles precisam de um tempo maior também, não é?

CIBELLE - E aí vocês fazem essas concessões por que vocês querem a participação deles, não é?

PROFESSORA 2 - Sim, claro. Faz a troca, e é aquela correria. Um pai que, um dia antes não assina o bilhete, ligo pro outro pai: “você pode participar amanhã no Grupo Interativo, porque uma mãe não vem?” - “Posso.”

PROFESSORA 1 - “Posso”.

PROFESSORA 2- Aí eu escrevi pra mãe: “eu não consegui contato telefônico com a senhora, a senhora não assinou o bilhete, estou cancelando a sua participação.”

PROFESSORA 1- Isso sempre um dia antes pra poder ter certeza...

PROFESSORA 2- Aí no dia seguinte vem: “ah, eu ia participar...”... la, não assinou o bilhete, eu tentei o contato telefônico, eu cancelei a participação dela.

PROFESSORA 4 - No quinto ano tem muitos pais que falam que vêm e acabam...

PROFESSORA 3- E não aparecem.

PROFESSORA 2- E o mais duro é a decepção dos filhos. O pai assinou, e o pai não apareceu.

PROFESSORA 1- Eles esperam,.. eles esperam.

PROFESSORA 2 - Então, a decepção dos filhos é muito grande.

CIBELLE - Eles querem a participação dos pais?

PROFESSORA 1 - Eles querem a participação dos pais; o quanto isso é importante. E o quanto a nossa escola não tem espaço para trazer esses pais mais vezes. Por exemplo, em algumas apresentações, festa junina... o Grupo Interativo é o momento do que? Dessa fusão! É esse o momento.

PROFESSORA 4- Eu tenho percebido, tenho conversado individualmente com alguns pais do atendimento que a gente faz sobre o desempenho do aluno. E aí, eu comento do Grupo Interativo. O que eu tenho percebido é essa desinformação dos pais. Apesar que a gente faz uma reunião no início do ano, mas o 5º ano, nem todos os pais comparecem às reuniões. Então, muitos não sabem. Não vem, porque não sabem o que é e acabam não vindo. E à medida que eu vou explicando e contando: “não, vem! Você não tem que explicar. Não precisa se preocupar com isso!”. Aí eles começam até pensar na possibilidade.

PROFESSORA 1 - Tanto, por exemplo que, esse pai que não sabe escrever, eu nem dou avaliação pra ele. Ele me fala, eu escrevo, disfarçadamente, ninguém nunca... por outro lado, a contribuição dele nas relações... nossa, é maravilhoso! O que ele tem pra contribuir de vida, eu acho lindo isso. Acho lindo!

CIBELLE - E, Professora 1, você me disse que foi essa oportunidade é a oportunidade dos pais virem. Vocês consideram que essa atividade propiciou mais a participação dos pais?

PROFESSORA 1 - A abertura da escola para a vida dos pais? Com certeza.

PROFESSORA 3- Eu acho sim. Essa foi a oportunidade deles.

PROFESSORA 2 - É porque às vezes dá a impressão que eles sentem esse distanciamento, esse receio de não poder...

PROFESSORA 1- Entrar na escola...

PROFESSORA 2-. .. conversar com o professor... Eu acho que você chamar um pai pra vir aqui, ele participar dentro de uma atividade escolar, eu acho assim, é um “seja bem-vindo”.

PROFESSORA 1- E é dentro da sala de aula.

PROFESSORA 2- Eu estou abrindo a porta pra você. Você é bem-vindo aqui.

PROFESSORA 1- E com todos. Dentro de uma aula sua. Eu acho que isso, ele vê realmente o que tá acontecendo...

CIBELLE - É a porta de entrada...

PROFESSORA 1 - A porta de entrada. Maravilhoso!

PROFESSORA 4- Eu não concordo, acho que é porque os pais não vêm... (risos)

CIBELLE- Obrigada pelas respostas!